UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

BRIGITTE URSULA STACH-HAERTEL

Afetividade, valores e referências morais:
Um estudo com jovens estudantes da rede estadual paulista

(*Versão corrigida*)

São Paulo
2017

BRIGITTE URSULA STACH-HAERTEL

Afetividade, valores e referências morais:
Um estudo com jovens estudantes da rede estadual paulista

Versão Corrigida

Tese apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Educação.

Área de Concentração: Educação, Linguagem e Psicologia

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Valéria Amorim Arantes

São Paulo
2017

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

37.046 Stach-Haertel, Brigitte Ursula
S775c Afetividade, valores e referências morais: um estudo com jovens estudantes da rede estadual paulista / Brigitte Ursula Stach-Haertel; orientação Valéria Amorim Arantes. São Paulo: s. n., 2017.
166 p.; grafs.; tabs.; anexos

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração: Psicologia e Educação) - - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

1. Ética 2. Valores 3. Personalidades éticas 4. Psicologia educacional 5. Educação (Filosofia) I. Arantes, Valéria Amorim, orient.

STACH-HAERTEL, B. U. **Afetividade, valores e referências morais: Um estudo com jovens estudantes da rede estadual paulista**. 2017. 166 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

Aprovada em: **14 de Março de 2017**

Banca Examinadora

Prof. Dra.: Valéria Amorim Arantes de Araújo

Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: *Aprovada*

Prof. Dr.: Carlos Mendes Rosa

Instituição: Universidade Federal do Tocantins

Julgamento: *Aprovada*

Prof. Dr.: Leonardo Lemos de Souza

Instituição: Universidade Estadual Paulista

Julgamento: *Aprovada*

Prof. Dra.: Cristina Satiê de Oliveira Pátaro

Instituição: Universidade Estadual do Paraná

Julgamento: *Aprovada*

Prof. Dr.: Rogério Lerner

Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: *Aprovada*

Vós sois luzes; fazei brilhar a vossa luz![1]

Dedico este trabalho a todas as luzes que, por intermédio de seu exemplo, ensinam-nos diariamente a brilhar... Em especial, às luzes que se tornaram estrelas muito recentemente e cuja presença física ainda nos faz muita falta: ***Daniel Fernando Lenzi***, ***Daniel José Pereira*** e ***Monica Waage Palma***

(*In memoriam*).

[1] INRI.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Walter Haertel Júnior, meu esposo e companheiro, com quem tenho compartilhado sonhos e planos nos últimos quarenta e quatro anos. Temos descoberto o valor inestimável de estarmos juntos nos bons momentos e em outros nem tanto assim. Tem me passado valiosas lições sobre a ética do cotidiano, a correção de princípios e, em especial, o valor da disciplina. Sua convicção de minhas potencialidades, seu apoio e seu *coaching* pessoal têm sido indispensáveis à minha trajetória pessoal; acadêmica também. Sem o ter por alicerce, jamais me teria sido possível chegar onde cheguei. Juntos... Gratidão!

Agradeço às minhas filhas, Karina Haertel, Daniela Haertel e Bianca Haertel, por serem minha motivação mais genuína desde que eu pela primeira vez as percebi... Inspiração maior não há que suas manifestações de afeto e apoio a meus projetos, por mais atrevidos que possam parecer. Sem vocês me amparando eu não teria ido tão longe. Seus voos mais ousados são minha vitória maior. Sua felicidade, minhas filhas, é o que me move. Avante! Agradeço ao meu neto, João Paulo, que com os seus incontáveis "pru-quê"s demonstra que sua curiosidade em conhecer o nosso mundo não é atendida por respostas prontas. A vocês, todo o meu amor, para todo o sempre! Gratidão!

Agradeço a Hans Carl Stach e Ruth Ursula Stach, meu pai e minha mãe, cujo amor e exemplo me fizeram buscar desafios cada vez maiores. Descendentes que somos de imigrantes que aqui chegaram em condições as mais adversas, nossa trajetória familiar foi de contínua superação, na esperança de que seríamos capazes de atravessar muitos oceanos... Vocês são inspiração nesta busca por compreender valores que sustentam a trajetória própria daqueles que se tornam dignos de conquistar a *tal felicidade*... Gratidão!

Agradeço às minhas irmãs, Dagmar e Susana, pela parceria de uma vida! Como *irmã do meio*, tive a oportunidade de assumir em sua companhia os mais variados papéis: *mamãe*, *filhinha*, *princesa*, *vassala*, *cigana*... Com vocês aprendi a ser *mutante*! [(Rsrsrs)]. A imaginação foi uma habilidade que aprendi na companhia de vocês! Nossas trajetórias nos levaram a caminhos longínquos... Os laços que nos unem estão acima do tempo e da distância. Inesquecíveis lembranças de nossas muitas aventuras. Algumas, absolutamente inenarráveis! Cumplicidade a toda prova. Um agradecimento especial à professora doutora Dagmar Ruth Stach-Machado, que com seu rigor acadêmico esteve me acompanhando proximamente com vistas a garantir que eu cumprisse honrosamente o compromisso aqui assumido. Gratidão!

Agradeço por ter sido presenteada pela vida com amigas e amigos cujas qualidades inesgotáveis têm sido o alicerce de uma caminhada de muita ventura. Não poderia aqui fazer uma lista com todos os seus nomes, uma vez que, para a minha alegria, esta relação seria praticamente inacabável; além disso, eu correria o risco de não mencionar todas e todos, o que seria de minha parte uma falha irreparável. Nossa relação está acima da necessidade de qualquer referência. Represento todos e todas vocês aqui por intermédio de alguns nomes como Neusa *Cumadi*, Bebel, Karin, Patrícia, Andrea, Claudia, Lu, Dê, Sarah, Thays, Núbia, Marinez, Jucy, Fabi, Douglas, Eliana, Eliane, Priscila, Lela, Maria... Cada um e cada uma sabe que é exatamente de você que estou tratando aqui... Gratidão!

Agradeço a todos os profissionais e instituições que viabilizaram minhas atividades durante o presente processo de doutoramento. Agradeço primeiramente à Universidade de São Paulo, em especial, à Faculdade de Educação, pela oportunidade de construir o alicerce de minha trajetória acadêmica acompanhada por profissionais do mais alto gabarito, em todas as suas instâncias de atuação, durante os últimos catorze anos. Agradeço à Universidade Federal do Tocantins, em especial, ao Colegiado da Licenciatura em Pedagogia do *Campus* de Miracema do Tocantins, pela generosidade com que se dispuseram a viabilizar as atividades finais indispensáveis ao presente programa. Agradeço aos professores que me acolheram quando de minha chegada ao Tocantins, em especial, à Juciley Silva Evangelista Freire. Agradeço aos colegas que assumiram para si o compromisso de autorizar o meu afastamento das atividades docentes, viabilizando a conclusão deste trabalho, em especial, a Antonio Miranda de Oliveira e Márcio Antônio Cardoso Lima. Agradeço à Cristina Trindade, por intermédio de cujo apoio me foi possível dar início aos trabalhos que sustentam esta pesquisa. Agradeço à Vivian Augusto, por ter compartilhado comigo os últimos instantes desta longa trajetória inerente a um processo de doutoramento. Gratidão!

Agradeço especialmente à ***Professora Doutora Valéria Amorim Arantes***, por sua dedicação viabilizando mais uma etapa de minha trajetória acadêmica. Seu conhecimento, sua seriedade, sua respeitabilidade pessoal e acadêmica são uma fonte inesgotável de inspiração. Para muito além das referências que atualmente me constituem, as experiências que me proporcionou têm um valor inestimável. Iluminou minha retomada acadêmica com entusiasmo, vigor e brilhantismo. Não encontrarei uma tradução adequada para retratar todas as razões de mais absoluto reconhecimento por sua grandiosidade para comigo. Eu teria muito a contar sobre as experiências que me foram proporcionadas a cada semestre desta honrosa convivência: foi uma década marcada por muito aprendizado e oportunidades. In-*contáveis*! Manifesto os meus mais sinceros agradecimentos por não ter desistido de mim; por ter

insistido que eu tentasse buscar outros níveis de conhecimento; por ter manifestado sua confiança em mim das mais distintas formas e maneiras – ainda quando eu não tivesse feito por merecê-las – e, especialmente, por termos finalmente atingido a conclusão de mais uma etapa sob sua preciosa orientação! Reconhecimento eterno pela travessia que me oportunizou! Para todo o sempre, o meu mais sincero e profundo obrigada! Este longo percurso permeado dos mais inimagináveis percalços me autorizaria a afirmar com convicção que em minha trajetória acadêmico-pessoal há claramente um período *AVAA* e outro período *DVAA*; antes e depois de Valéria Amorim Arantes... Você é luz!

Obrigada!

Cérebros brihantes
também podem produzir
grandes sofrimentos.
É preciso educar os corações!

Dalai Lama

RESUMO

STACH-HAERTEL, Brigitte Ursula. **Afetividade, valores e referências morais: Um estudo com jovens estudantes da rede estadual paulista.** 2017. 166 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

Este estudo qualitativo de caráter exploratório está pautado em preceitos convergentes da Educação e da Psicologia tendo por objetivo identificar referências pessoais que influenciem os valores ético-morais adotados pelo público adolescente. A investigação teórico empírica perpassou pressupostos da educação em valores consonantes a prerrogativas da psicologia moral visando elencar características admiráveis apontadas pelos jovens participantes; o presente trabalho foi emoldurado por variáveis do escopo educativo assumindo-o como um campo privilegiado de interação entre as distintas gerações que venham a favorecer uma construção reflexiva de valores ético-morais a partir de princípios *louváveis*. Em função destas prerrogativas uma questão central norteou nossa pesquisa: que influências perpassam a constituição de referências éticas e morais da atual geração de adolescentes? Alunos do terceiro ano do Ensino Médio da rede pública estadual paulista atendidos por um programa socioeducativo de formação complementar participaram desta pesquisa; estes dezenove adolescentes de dezessete anos por ocasião da pesquisa revelaram especificidades de seu raciocínio moral respondendo a um questionário de oito questões compostas. A organização e a composição dos resultados demonstrou a singularidade e a complexidade de sua leitura de mundo impregnada pelo contexto e pelo momento histórico vivenciado: moradores do entorno do grande ABC paulista composto pelos municípios de Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano região considerada referência do movimento sindical brasileiro por ocasião do início das mobilizações de rua convocadas pelas redes sociais em Junho de dois mil e treze. A sistematização dos dados foi organizada por categorias de influências e significados resultantes da lógica singular a cada um dos participantes, doze do sexo masculino e sete do sexo feminino; tal disposição demonstrou que a confiança dedicada a outrem é um dos valores centrais à constituição dos princípios ético-morais entre estes jovens. Os resultados obtidos evidenciam a relevância do afeto bem como, e especialmente, da afetividade constituída a partir das relações pessoais próximas e significativas demonstrando a indubitabilidade da influência daqueles com quem são estabelecidos os laços humanos mais genuínos instaurando vínculos potencialmente constituintes das personalidades éticas.

Palavras-chave: Ética. Valores. Educação. Psicologia Moral. Personalidades éticas.

ABSTRACT

STACH-HAERTEL, Brigitte Ursula. **Affectivity, values and moral references: A study with young students of the state of São Paulo.** 2017. 166 p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

This exploratory qualitative study is based on Educational and Psychological convergent precepts. Our central aim was to identify personal references that could influence moral and ethical values adopted by teenagers. An empirical such as theoretical investigation sought values education in the domain of Moral Psychology looking for a kind of inventory demonstrating admirable characteristics pointed out by nineteen adolescents in the age of seventeen residents of the great São Paulo ABC (reference of the Brazilian trade union movement). The scope was framed by educational influences looking for a kind of privileged ground of interaction between different generations that will hold a reflexive construction of ethical and moral values from about praiseworthy principles. In view of these prerogatives, a central question has guided our research: what kind of influences pass through the constitution of ethical and moral references of the present generation of adolescents? These youngsters third-year high school students by the São Paulo State Public School, twelve males and seven females, were also attended by a socio-educational program of complementary preparation. Composition and organization of them answers to a survey of eight compound questions revealed specificities about moral reasoning of these adolescents demonstrating the uniqueness and complexity way they assume their influences specially considering recent political marches. This data analysis was organized by categories analyzing influences and meanings which results from the singular moral judgment of each of these nineteen participants. Our central results demonstrated that trust committed to proximal others is one of the core values for the constitution of ethical-moral principles among these young people. Therefore out coming evidences confirmed affection relevance as well as, and especially, affectivity constituted from about close and significant personal relationships demonstrating the influence of those with whom the most genuine human bonds are established constituting potentially roots of ethical personalities.

Keywords: Ethics. Values. Education. Moral Psychology. Ethical personalities.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1: Influência: Admiração 89

Gráfico 2: Influência: Amor 92

Gráfico 3: Rejeição 95

Gráfico 4: Influência: Projeção 97

Gráfico 5: Referência: Ideal de Mundo 100

Gráfico 6: Responsabilidade pelo mundo 102

Gráfico 7: Contribuição pessoal 105

Gráfico 8: Sonho pessoal 107

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO **16**

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS **19**

1.1 DISCUSSÃO **19**

1.2 HIPÓTESE **21**

1.3 OBJETIVOS **22**

1.3.1 Objetivo central 22

1.3.2 Objetivos específicos 22

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA **24**

2.1 INTRODUÇÃO **24**

2.2 SOBRE A INTERSECÇÃO DE ALGUMAS DAS "PSICOLOGIAS" **26**

2.3 PSICOLOGIA, MORAL, ÉTICA E PERSONALIDADES **36**

2.4 O *SELF* **44**

2.5 AFETO E AFETIVIDADE **58**

2.6 SENTIMENTOS CONSTITUTIVOS DE UMA BOA IMAGEM **64**

2.7 ÉTICA E EDUCAÇÃO **68**

3 PESQUISA DE CAMPO **80**

3.1 PARTICIPANTES **80**

3.2 CONTEXTO **81**

3.3 METODOLOGIA **82**

3.4 RESULTADOS OBTIDOS **87**

3.4.1 Primeira etapa 87

3.4.2 Segunda etapa 108

3.5 ANÁLISE DE DADOS 130

3.5.1 Primeira fase 130

3.5.2 Segunda fase 135

3.5.3 Terceira fase 146

CONSIDERAÇÕES FINAIS 149

REFERÊNCIAS 158

ANEXO 166

apresentação

APRESENTAÇÃO

A discussão que passaremos a apresentar nas próximas páginas é fruto de um percurso acadêmico de estudos e pesquisas que foram se delineando especialmente a partir do final do terceiro ano do curso de licenciatura em Pedagogia, durante atividades propostas pela temática dos assuntos transversais em Educação, propiciando-nos a identificação de nosso objeto de interesse específico, qual seja, as contribuições da psicologia moral para o espectro da Educação. O presente trabalho encontra-se estruturado em quatro capítulos, para além desta breve apresentação, os quais foram construídos a partir da exposição de algumas de nossas escolhas específicas e dos recortes centrais à discussão proposta.

O primeiro capítulo apresenta um mapeamento do percurso pessoal e acadêmico que culminou na proposta de uma pesquisa que aborde as ***contribuições da afetividade na constituição de valores e referências morais entre jovens estudantes da rede estadual paulista*** a partir de pressupostos da psicologia moral que culminem em aportes à uma educação pautada por parâmetros e demandas contemporâneas das subjetividades em formação: hipótese, objetivos geral e específicos complementam o cenário de nossas ***considerações iniciais***.

O segundo capítulo aborda a ***fundamentação teórica*** que sustentará o recorte das premissas adotadas elencando variáveis assumidas a partir do universo das possibilidades que compõem a complexidade do processo de constituição das *personalidades éticas*. Perpassa inicialmente uma breve apresentação de algumas das prerrogativas da ciência psicológica que contribuem para a discussão proposta, com enfoque central em postulados da psicologia moral. Uma vez identificado o *lócus teórico* a partir do qual nos situamos, empreendemos algum esforço conceitual buscando apreender perspectivas concernentes à compreensão do *self*, alicerce a partir do qual as subjetividades constituem seus valores e os integram ao *si mesmo*; não há moralidade sem o *self*, ainda que possa haver um *self* amoral. Abalizadas as fronteiras da *identidade moderna*, dedicaremos alguma atenção a pressupostos que possam sustentar as temáticas da moral, da ética e de sua possível influência na constituição das *personalidades éticas*. Pautadas em algumas destas possibilidades, abordaremos tanto o afeto quanto a afetividade, sentimentos estes que potencializam a influência das referências morais mediadas por aqueles que interagem conosco no território específico das relações interpessoais significativas. Os vínculos que sustentam as relações intersubjetivas pautadas pela afetividade legitimam valores adotados e corroboram a importância atribuída aos sentimentos que significam as referências adotadas, objeto do penúltimo dos tópicos aos quais

é dedicada nossa fundamentação teórica. Concluímos a apresentação de nossas prerrogativas com uma breve reflexão defendendo a indissociabilidade entre ética e educação.

O terceiro capítulo revela a ***pesquisa de campo*** empreendida, buscando identificar parte das possibilidades de constituição dos valores éticos a partir das referências pessoais adotadas pelos adolescentes. Apresentação do perfil dos participantes, contexto e metodologia compõem a primeira parte do terceiro capítulo; na sequência, os dados obtidos são abordados em duas etapas, quais sejam: uma primeira demonstrando parâmetros como resultado de tabulação, organização e caracterização das respostas e, uma segunda, na qual aqueles parâmetros iniciais são conjugados em categorias e subcategorias demonstrando a complexidade do processo de constituição do raciocínio moral de uma singularidade. Os resultados obtidos a partir de ambas as etapas sustentam nossa análise de dados, prenunciando as principais tendências apreendidas.

Um quarto capítulo, o das ***considerações finais***, apresenta as evidências encontradas em uma série de convergências ético-morais especialmente no processo de constituição de princípios e valores das subjetividades participantes apontando reflexões às quais o percurso detalhado pelos capítulos descritos nos parágrafos anteriores nos levou. O objetivo inicial permeou tanto a organização quanto a identificação das influências centrais às referências adotadas pelos adolescentes no processo genuíno de construção de seus valores morais.

considerações iniciais

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

1.1 DISCUSSÃO

O interesse central do nosso trabalho está pautado por uma possível identificação de influências constitutivas do raciocínio moral adotado por adolescentes. Nosso esforço visa reconhecer o processo de constituição de preceitos éticos conjugando saberes da Psicologia e da Educação. Estas premissas tem permeado a trajetória acadêmica à qual nos dedicamos objetivando compreender influências ético-morais às futuras gerações especialmente no que tange à superação das desigualdades oriundas de hierarquias historicamente naturalizadas, seja por questões de raça, etnia, classe social, gênero, etc.

Uma primeira aproximação foi realizada durante o segundo semestre de 2005, abordando questões de gênero evocadas por um instrumento no qual a narrativa de um conflito de interesses entre dois jovens, representados por um casal de adolescentes, teve por objetivo reconhecer as motivações atribuídas – por cento e vinte participantes de nossa pesquisa de campo entre treze e dezessete anos – à dupla envolvida em uma controvérsia gerada pelas distintas expectativas e prioridades assumidas, por um ou por outro, para a definição das atividades esperadas para o seu final de semana. Inesperadamente para nós, naquela ocasião, as motivações de Bruno, incluindo-se uma agressão contra a parceira, foram apontadas por um número expressivo de participantes como justificáveis e prevalentes frente aos interesses de Laura, evidenciando, desta forma, a naturalização do primado dos interesses masculinos sobre as demandas femininas. Declarações em defesa de Bruno, bem como condenações – implícitas ou explicitas – à Laura foram altamente recorrentes especial e surpreendentemente entre as jovens na faixa dos quinze aos dezessete anos (STACH-HAERTEL, 2006).

Em um segundo momento, no decorrer do ano de 2007, ainda adotando como eixo a mesma temática, nossa pesquisa buscou compreender valores evocados quando da legitimação dos papéis sociais de gênero; foi realizada a aplicação de um formulário com dez questões semiabertas que propunham associar diferentes características a estes papéis. Os resultados encontrados evidenciaram haver uma hierarquia subliminar à significação dos papéis sociais de gênero, naturalizados pelas individualidades e referendados em atributos clássicos da filosofia moral que corroboram discussões pertinentes à psicologia moral, entre os quais destacamos aqueles de maior incidência, quais sejam: a coragem, o respeito e a

responsabilidade (STACH-HAERTEL, 2009). Ainda que os atributos eventualmente associados ao masculino e ao feminino fossem idênticos, o significado implícito a tais características, quando associado ao primeiro ou ao segundo papel, era expressivamente distinto. Os resultados obtidos evidenciaram haver algumas sutilezas na construção de referências morais entre os adolescentes – de modo a se acentuar gradativamente com o passar dos anos – que parecem ameaçar a efetivação de uma igualdade idealizada, apregoada pelos ideais clássicos ocidentais desde a modernidade, e continuam perpetuando hierarquias naturalizadas no escopo das relações intra e interpessoais, sejam estas desigualdades do âmbito das questões de gênero, de classe, de raça, de etnia... Nossas evidências indicam haver uma sujeição ético-moral pautada por relações assimétricas que se constituem a partir do valor social atribuído aos distintos papéis exercidos pelas individualidades, descortinando-se, assim, uma ampla gama de inquietações, questionamentos, reflexões, estudos e possíveis investigações. Parece não haver ainda um esforço efetivo – seja em que instância for – em consolidar formas outras de enfrentar as questões de maneira a promover uma interação equânime entre *semelhantes*. Naturalização e perpetuação da subjugação simbólica permanecem influenciando as futuras gerações.

Em paralelo à trajetória acadêmica que se descortinava, a experiência profissional delineava outras questões extremamente inquietantes para nós e que corroboravam a constituição de nossa questão de pesquisa. Evidenciava-se para nós a total ausência de políticas de atendimento às subjetividades em formação que eram atendidas em nossas instituições escolares criadas inapelavelmente, ainda que não exclusivamente, para subsidiá-las na constituição de sua *humana* humanidade. Nenhuma instância, pública ou privada, durante praticamente uma década de atuação no ensino público, demonstrara qualquer atenção às influências às quais aderiam as singularidades em formação. Se pouco investimento é dedicado à aquisição efetiva do patrimônio humano cultural que lhes garanta um mínimo de autonomia, o que tem sido de uma possível instância das referências morais que urdem nossas individualidades? Que espécies de referências estão a se constituir influenciando as futuras gerações? Que consequências trará para nossas crianças e jovens tamanho abandono ao instituir os seus valores? As comunidades de periferia, em especial as das grandes cidades – espectro específico no qual atuávamos – encontram-se distanciadas das oportunidades socioculturais mais elementares, permanecendo desamparadas em suas potencialidades e mantendo desigualdades históricas que modulam sua leitura de mundo.

Estes pressupostos foram o ponto de partida das diretrizes do trabalho ao qual nos lançamos: quem e quando poderia contribuir para descontinuar a naturalização de uma lógica

hegemônica instituída? Onde poderia estar a pedra de toque da construção de valores morais idealmente éticos?

1.2 HIPÓTESE

Se, de fato, a tradição patriarcal que nos parece presente nas coletividades molda de alguma forma as subjetividades das futuras gerações, perpetuando valores que possam ameaçar a autonomia moral das pessoas éticas com disposição para construir conscientemente sociedades mais justas, a quem poderia ser outorgado o papel de resignificar os preceitos de uma lógica hegemônica que, a nós, parece ultrapassada para os atuais desafios de convivência na contemporaneidade?

Se houver a possibilidade de refletirmos a respeito das influências que virão a moldar uma singularidade balizando sua leitura de mundo, seus julgamentos, especialmente os de cunho moral, tanto quanto suas possíveis ações, podemos indagar: que momento de sua constituição psíquica poderia ser considerado crucial na transição da heteronomia para uma autonomia ética individual referendando o eixo dos princípios de uma subjetividade?

Se aceitarmos que hajam etapas do ciclo vital humano nas quais o desenvolvimento moral e intelectual do indivíduo faça emergir mudanças e adaptações, é aceitável admitir que hajam referências que norteiam a consolidação de sua noção própria de identidade? De que forma este processo contribui para estabelecer um sentido de vida?

A partir destes questionamentos e dos resultados obtidos em nossas pesquisas anteriores expostos acima, formulamos como hipóteses norteadoras do presente trabalho as premissas a seguir:

a. A lógica instituída de naturalização das desigualdades parece estar impregnada na leitura de mundo das individualidades;

b. Há influências próprias aos fenômenos da atualidade que possam estar impactando perspectivas de futuro dos adolescentes;

c. Existem pessoas cuja referência moral tem o potencial de urdir crenças, valores e contravalores das subjetividades em formação;

d. Há pessoas cuja relevância afetiva sobre as subjetividades influenciam seus valores ético-morais, contribuindo significativamente para a constituição de seu eixo de princípios;

e. A adolescência como uma das fases do ciclo vital humano de grandes transformações biopsicológicas potencializa o desenvolvimento da identidade, a busca por um sentido de vida e o estabelecimento de seus propósitos.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo central

Responder ao seguinte questionamento:

Que influências são centrais às referências adotadas por adolescentes para a construção de seus valores morais?

1.3.2 Objetivos específicos

Responder às seguintes perguntas:

1 - Que características pessoais de outros significativos assumem a potência de constituir referências morais para os valores apontados pelos jovens?

2 - Há sentimentos que possam estar na raiz dos valores adotados pelos jovens participantes?

3 - Quem são as pessoas que evocam os sentimentos positivos dos jovens? Há quem evoque seus sentimentos negativos?

4 - Há adultos reconhecidamente morais que possam referendar um eixo de valores éticos durante a adolescência?

5 - Os preceitos éticos eventualmente identificados relacionam-se a seu ideal de mundo?

6 - É possível identificar o impacto das referências morais sobre seu projeto de futuro?

7 - É possível afirmar que a adoção de princípios éticos seja pautada em referências identificadas em terceiros?

fundamentação teórica

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 INTRODUÇÃO

O referencial teórico que norteia as nossas discussões advém de vertentes dos estudos e investigações no campo da Psicologia: (1) a psicologia do desenvolvimento humano que se consolidou em pesquisas a respeito dos processos biopsiquicossociais dos ciclos que se sucedem na constituição do humano autônomo (BRONFENBRENNER; EVANS, 2000; BRONFENBRENNER; MORIS, 1998; DESSEN; COSTA JR., 2005; NARVAZ; KOLLER, 2006; POLETTO; KOLLER, 2008); (2) a psicologia positiva que surge como um movimento de resistência à psicologia exclusivamente centrada nos aspectos patológicos do psiquismo humano (FREDRIKSON, 2005; KEYES; HAIDT, 2003; SELIGMAN, 1995, 2002, 2004; SELIGMAN; CSIKSZENTMIHALYI, 2000; SHELDON; KING, 2001); e (3) a psicologia moral, especialmente a partir dos estudos mais recentes sobre personalidades éticas, ou "*moral self"* (BLASSI, 1993, 1995, 2013; COLBY; DAMON, 1996; DAMON, 1988, 1995; DAMON; HART, 1991; FLANAGAN, 1990, 1993; LA TAILLE 2000, 2005a, 2007b; LAPSLEY; NARVAEZ, 2009, 2013; NUCCI, 2001; PUIG, 1998; TAYLOR, 2013; WREN, 1993). Inspiradas pela conjunção destas três possibilidades, com ênfase específica na terceira vertente, buscamos alinhavar um viés teórico que nos permitisse identificar influências comuns pautadas em aspectos *saudáveis* da constituição psíquica das subjetividades[2], aspectos estes – a nosso ver – especialmente favoráveis à construção de uma pessoa ética. A título de delimitação da nossa proposta, adotamos para os fins de nosso trabalho a afetividade (ARANTES, 2000a, 2000b, 2002; BRAZÃO, 2012; STERN, 1985, 1992) como uma espécie de amálgama do desenvolvimento psicológico por permear, em nosso entendimento, os três eixos de estudos no campo da psicologia apontados em nossa breve introdução teórica, presente (a) nos processos proximais de significação das relações interpessoais referendadas especialmente no campo dos *microssistemas*, conforme defende uma das correntes atuais da psicologia do desenvolvimento; (b) no potencial adaptativo subjacente aos sentimentos positivos defendidos por pressupostos da psicologia positiva; e, (c) mais especificamente naquilo que tange à constituição da imagem de *si*, enquanto um *si* que valha a pena ser vivido, fundamental à construção de uma personalidade ética segundo os estudos mais atuais e recentes no campo da psicologia moral.

---

[2] Alertamos que em nosso trabalho os termos "*subjetividade*(s)", "*singularidade*(s)" e "*individualidade*(s)" serão empregados como equivalentes semânticos sem que atentemos para suas possíveis raízes epistemológicas.

Complementam os temas a serem abordados em nossos pressupostos teóricos questões que, a nosso ver, possam contribuir para compor um cenário a partir do qual se empreenda a compreensão das subjetividades, especialmente em sua perspectiva ética e moral; neste sentido, temas como *self*, afeto e afetividade, sentimentos potencialmente morais, para além da ética em sua interação com a educação, ampliam a abrangência de nossos pressupostos teóricos iniciais com vistas, em especial, à presente discussão teórica e empírica inspirada, outrossim, por investigações anteriores (STACH-HAERTEL, 2006, 2009, 2013). O propósito central à atual proposta é ampliar nossa compreensão sobre as possíveis influências que exerçam potencialmente as referências pessoais na formação de subjetividades éticas.

Ratificando a discussão proposta, defendemos que uma aproximação à temática a partir de múltiplos olhares justifica-se na integração de algumas das premissas específicas das perspectivas anteriormente apresentadas, especialmente no que tange aos aspectos que buscam reconhecer a proatividade das individualidades em seu processo de construção da própria singularidade de maneira progressivamente autônoma. Alinhavam nosso recorte pressupostos (1) da psicologia do desenvolvimento, em seus estudos e pesquisas mais recentes, entendendo que algumas das novas perspectivas apontadas possam trazer contribuições ao conjugar a relevância das influências recíprocas da pessoa em seu contexto superando a visão fragmentada de uma singularidade cindida do momento histórico vivido e das interações significativas que ocorrem em seu processo múltiplo de socialização de forma gradativamente mais ativa e *consciente*; (2) da psicologia positiva, ao atribuir um papel ativo à pessoa na constituição de sua própria individualidade, explorando possibilidades virtuosas de superação das adversidades enfrentadas, bem como e, especialmente; (3) da psicologia moral, que assume a dimensão afetiva como uma *fonte energética*[3] de integração das potencialidades éticas das individualidades investigando formas de construir e promover a autonomia moral de sujeitos históricos conscientes de seu papel e de sua própria história de vida. Integrar aspectos construtivos e constitutivos das individualidades, a partir de premissas destes campos do saber psicológico, é o desafio ao qual este estudo nos lança.

A discussão teórica proposta busca, portanto, promover uma aproximação aos caminhos conceituais percorridos em nossa tentativa de compreender a complexidade do fenômeno definido como objeto central do presente estudo. Alguns dos tópicos do presente capítulo perpassam preceitos que ultrapassam as fronteiras da Psicologia propriamente dita, tendo por inspiração outras fontes teóricas, em especial, a Filosofia, que amplia a reflexão

[3] Termo tomado de empréstimo das discussões propostas por La Taille (2007a, p. 13).

sobre a influência de algumas das questões apresentadas; e a Educação, âmbito ao qual nos vinculamos profissionalmente, vislumbrando algumas das possíveis contribuições de nossa discussão a esta relevante esfera de atuação humana.

2.2 SOBRE A INTERSECÇÃO DE ALGUMAS DAS "PSICOLOGIAS"

> Haverá algum tópico sobre o qual estarão de acordo psicólogos de diferentes abordagens teóricas? Certamente não, e esta espécie de diáspora conceitual que caracteriza a psicologia, e as chamadas ciências humanas em geral, é bem conhecida de todos. Alguns chegam a dizer que não existe Psicologia mas *"psicologias"*. Tal diversidade é, às vezes, baseada em reflexões epistemológicas conscientes, como é o caso, por exemplo, da psicanálise freudiana e do construtivismo piagetiano. Porém, também é, às vezes, decorrência de laxismo intelectual e de modismos, o que faz Iraí Carone (2003) perguntar-se como uma ciência[4] pode acreditar ter tido tantas mudanças de paradigmas em tão pouco tempo. (LA TAILLE, 2007b, p. 11-12, grifos do autor).

A Psicologia, enquanto ciência dedicada aos estudos e pesquisas a respeito da psique humana, esteve historicamente centrada na compreensão e no tratamento de patologias e distúrbios psicoemocionais. A prioridade da ciência do psiquismo, por décadas, tem sido desvendar fatores que afligem a humanidade traduzidos por conflitos intra e interpessoais de toda a ordem que denunciam emergências emocionais as mais diversas. Se, por um lado, este foco permitiu benefícios importantes para o fortalecimento e o aperfeiçoamento de terapias e tratamentos para as doenças mentais (PALUDO; KOLLER, 2007), a ciência psicológica, dentro desta perspectiva tem esquecido ou negligenciado a sua mais importante missão, qual seja: a de construir uma visão com ênfase maior nos aspectos virtuosos próprios ao humano (YUNES, 2003).

> Gable e Haidt (2005) abordam os aspectos teóricos, filosóficos e históricos que propiciaram a visão negativa da natureza humana e oferecem três razões que justificariam o interesse dos pesquisadores pela investigação das 'fraquezas' dos seres humanos. Primeiramente, apontam a compaixão ou a necessidade de ajudar outras pessoas quando essas estão sofrendo; a segunda razão refere-se à II Guerra Mundial, e a todos os aspectos históricos e pragmáticos que permearam esse acontecimento; e, por último, indicam as próprias teorias sobre os processos psicológicos, que focalizaram os eventos negativos. (PALUDO; KOLLER, 2007, p. 11).

---

[4] Em função da reflexão apresentada por La Taille (2007) referindo-se a uma discussão proposta por Carone (2003) optamos por adotar como premissa de nossa fundamentação teórica que: (a) as questões relacionadas à ciência psicológica em seu sentido mais amplo serão nomeadas por Psicologia e, (b) todas as demais vertentes que discutem questões específicas da psique humana e que, portanto, decorrem do escopo geral desta área mais abrangente do conhecimento serão denominadas como psicologia, ou psicologias.

Até a Segunda Guerra Mundial, a Psicologia tinha basicamente três missões: (a) curar doenças mentais; (b) tornar as pessoas mais produtivas e felizes; e (c) identificar e criar talentos, incluindo-se pesquisas para a mensuração das capacidades intelectuais e a criação de *scores* visando identificar habilidades individuais. A partir do final da década de quarenta do século passado, em função dos traumas – de toda ordem – causados pelos efeitos da Segunda Grande Guerra, a prioridade da ciência psicológica, especialmente no campo da psicologia clínica, passa a estar focada em tratar de enfermidades psíquicas e estados de ânimo indesejáveis.

Ao final da década de noventa do século passado, um movimento crescente na Psicologia[5], instituído a partir da necessidade de repensar o eixo das prerrogativas vigentes, foi a psicologia positiva, cujos estudos e pesquisas cresceram exponencialmente na última década como uma perspectiva teórica que se contrapõe à tendência em priorizar as patologias nos estudos sobre a condição psicológica humana. Propõe uma "nova abordagem às potencialidades e virtudes humanas, estudando as condições e processos que contribuem para a prosperidade dos indivíduos e comunidades" (PALUDO; KOLLER, 2007, p. 9).

Neste celeiro, a perspectiva da psicologia positiva tem sido atentar para fatores que priorizem e fortaleçam os aspectos saudáveis do psiquismo humano, favorecendo o florescimento de potencialidades cuja função é a *proteção* em relação às adversidades do cotidiano (normativas[6] ou não normativas[7]); entre tais potencialidades destacam-se, para o espectro de estudos da psicologia positiva, sentimentos de potencial integrativo, tais como a esperança, a criatividade, a coragem, a sabedoria, a espiritualidade, a felicidade e, mais recentemente, a resiliência, entre tantos outros possíveis; em especial para os fins do presente estudo, a admiração e o amor.

Em outra frente de trabalhos, desta feita, da psicologia do desenvolvimento humano, as pesquisas realizadas construíram um referencial teórico a partir da descrição das peculiaridades de cada um dos ciclos de vida: infância, adolescência, vida adulta e maturidade. De forma sintética, durante a primeira metade do século XX, a ciência do desenvolvimento esteve amplamente voltada ao campo descritivo, catalogando mudanças maturacionais do ser humano e (ou) descrevendo a covariação entre estímulo e resposta[8] –

---

[5] Especialmente a partir da influência de Martin Seligman – na condição de presidente da *American Psychological Association.*

[6] Adversidades normativas são as transições esperadas pelo curso do desenvolvimento humano, tais como a passagem da infância para a adolescência, por exemplo.

[7] Adversidades não normativas são circunstâncias inesperadas, tais como uma catástrofe climática, a morte de pessoas próximas, entre outras.

[8] Sob a influência direta dos pressupostos da abordagem behaviorista.

condições experimentais laboratoriais – que tinham como um de seus objetivos centrais validar a cientificidade positivista para a psicologia. Nas décadas seguintes, entre os anos trinta e sessenta do século passado, a atenção esteve centrada em multiplicar dados, acumulando informações na tentativa de demonstrar a legitimidade das pesquisas realizadas (LERNER, 2011).

Paralelamente a uma generalização dicotômica, entre os extremos de uma ciência cindida entre o racional e o empírico, outras influências contribuíram significativamente para a legitimação da ciência do desenvolvimento humano como uma área do conhecimento reconhecida e validada, especialmente a partir dos *três grandes sistemas*, que se constituíram entre as décadas de trinta e sessenta do século passado, a saber: (a) a Teoria do Desenvolvimento Cognitivo de Piaget; (b) a Teoria Psicanalítica; e (c) a Teoria da Aprendizagem. (DAMON apud LERNER, 2011). Tais sistemas priorizaram a *divisão* do desenvolvimento humano em ciclos, cada qual definindo características e (ou) aptidões específicas. Destes sistemas resultam descrições reguladoras que normatizam, de forma bastante genérica, pessoas de acordo com um padrão, agrupando-as em grandes tendências gerais[9].

No celeiro dos três grandes sistemas, muito se têm avançado no conhecimento sobre o desenvolvimento humano e seus diferentes ciclos de vida. Por outro lado, a continuidade ou a transição entre tais ciclos têm variáveis que ameaçam a linearidade das etapas, ou períodos, conforme descritos *cientificamente*. Para além das peculiaridades da passagem de uma etapa para a outra, de individualidade para individualidade, há que se considerar que os desafios que se colocam às singularidades vinculam-se à cultura, ao tempo – histórico, social e pessoal –, bem como aos processos e relações que estabelecem com esta complexa rede de interações recíprocas entre indivíduo e meio, trazendo consigo novas variáveis a serem contempladas e pesquisadas.

Neste sentido, os avanços teóricos e metodológicos alcançados neste campo do saber trazem consigo uma série de novos desafios, visando conjugar a complexidade do processo de desenvolvimento do humano com outras variáveis que possam influenciá-lo diretamente. Entre as possibilidades vislumbradas, uma das premissas é dialogar de forma transdisciplinar com outras áreas do conhecimento para muito além das próprias psicologias.

> Hoje, o conhecimento sobre o desenvolvimento humano deve ser integrado tanto a História, políticas públicas, Medicina, Economia, Ciência Política,

[9] A saber: (a) os quatro estágios da abordagem psicogenética; (b) as cinco fases propostas pela teoria psicanalítica; e (c) as oito idades do homem segundo a perspectiva da aprendizagem social de Eric Erikson.

> Economia Doméstica (ciência do consumidor e da família), Educação, direitos da criança e do adolescente, desenvolvimento da comunidade juvenil, Enfermagem e Direito quanto à Psicologia, à Sociologia e à Biologia. (LERNER, 2011, p. 19-20).

Estudiosos e pesquisadores têm se debruçado sobre algumas das possibilidades vislumbradas mais recentemente buscando compreender o desenvolvimento humano de uma maneira multifacetada, considerando a complexidade do processo como um todo, sem cindir as individualidades em dimensões abstratas ou segmentar a continuidade de seus ciclos biopsicossociais. Neste sentido, constitui-se uma "ampla aliança de cientistas e de profissionais trabalhando juntos para o avanço e a promoção da compreensão sobre o desenvolvimento humano ao longo do ciclo de vida humano" (LERNER, 2011, p. 20) e que tem buscado encontrar alternativas às tradicionais perspectivas conhecidas e consolidadas. Uma das possíveis vertentes a trazer novas alternativas parece ser a *bioecologia do desenvolvimento humano*, em sua tentativa de empreender uma leitura ampliada da complexidade que subjaz a cada individualidade em seu processo de desenvolvimento, ampliando o campo das discussões ao incluir variáveis como: (a) a pessoa em desenvolvimento propriamente dita, (b) o processo, (c) o contexto e (d) o tempo – variáveis estas que impactam diretamente no desenvolvimento singular e único de cada subjetividade. Algumas destas iniciativas têm buscado integrar saberes de mais de uma das *psicologias* conhecidas, conjugando premissas autênticas na tentativa de que possam nos oferecer novos olhares.

> [...] a abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano e a Psicologia Positiva trazem à tona importantes implicações teóricas, empíricas e práticas que podem e devem ser incorporadas à atuação dos diferentes profissionais e às investigações. Ambas as propostas possibilitam a crença no potencial do ser humano como um ser ativo capaz de desenvolver estratégias e habilidades para conseguir atingir o desenvolvimento saudável, permitindo um novo olhar para as antigas questões presentes na ciência. (PALUDO; KOLLER, 2007, p. 16-17).

Haja vista não ser este o escopo específico do trabalho ao qual nos propusemos, alertamos que a referência à bioecologia do desenvolvimento humano é meramente ilustrativa, adotando-a como uma das possibilidades que possam trazer novo ânimo aos estudos e pesquisas de importantes preceitos da psicologia do desenvolvimento; um *vir a ser* de possibilidades de releitura teórico-metodológica de princípios centrais que nos levaram à compreensão de aspectos relevantes dos ciclos de desenvolvimento humano, suas regularidades, sua continuidade e, mais recentemente, sua permeabilidade, demonstrando

questões que perpassam a trajetória humana, adotando uma possível perspectiva interdisciplinar que emerge da especificidade de suas premissas.

O panorama apresentado acima aponta o esgotamento de muitas das premissas da ciência psicológica, ou Psicologia mais tradicional, da qual não se excluem pressupostos da psicologia moral, especialmente no que tange à dimensão intelectual da moralidade. Campo do saber de tradição menos ortodoxa, seus estudos e pesquisas tiveram méritos inquestionáveis que, no entanto, não garantiram a manutenção de sua vanguarda por mais de algumas décadas. Tal como outras ciências, demanda novas contribuições teóricas e metodológicas, abrindo espaço para fronteiras outras, incluindo-se as inter e transdisciplinares.

> A fragmentação dos estudos no campo da Psicologia, de áreas relevantes para as suas pesquisas, em nada tem contribuído para um diálogo que possa fazer avançar teórica e metodologicamente as fronteiras do saber psicológico instituído.[10] (NARVAEZ; LAPSLEY, 2009, p. 239).

Neste sentido, acreditamos ser possível encontrar interseções que nos permitam conjugar premissas, a partir das possibilidades teóricas acima apontadas, que se proponham a reinventar, de certo modo, a linha mestra da ciência psicológica em suas respectivas áreas de pesquisas, primando pela aposta no potencial humano. Ao propor uma discussão teórica transdisciplinar – entre a psicologia do desenvolvimento humano, a psicologia positiva e a psicologia moral –, elegemos construtos que aproximam algumas de suas premissas comuns na tentativa de estabelecer um diálogo que nos permita evidenciar nas individualidades uma *força motriz*[11] capaz de fazer florescer suas potencialidades na constituição de singularidades éticas que possam contribuir para a construção consciente e proativa de suas próprias histórias e trajetórias de vida reconhecendo outrossim possibilidades outras que não contempladas pela presente discussão[12].

A psicologia moral constitui-se em um campo extremamente promissor da ciência contemporânea da psique humana. Acontecimentos de toda ordem parecem pôr em xeque o ideal humanista – instituído desde o Iluminismo, atribuindo ao ser humano uma razão absoluta que o isentaria de abusos da irracionalidade – e banalizam reflexões sobre um aparente holocausto ético nos dias atuais. Historicamente, os estudos sobre a moralidade foram influenciados por ideais como a verdade, o bem comum, a justiça e a felicidade da

---

[10] Tradução nossa.

[11] Tomamos o termo *força motriz* de empréstimo do campo da Física com o sentido da força que gera o movimento, uma espécie de ruptura em relação à inércia (ou *zona de conforto*, no caso da Psicologia).

[12] Referimo-nos especialmente aos construtos da vertente psicanalítica reconhecendo sua relevância para a compreensão da constituição psíquica do sujeito ressaltando suas valiosas contribuições.

tradição filosófica grega, cujos fundamentos permaneceram até os dias atuais profundamente imbricados em grande parte dos estudos sobre a temática e que, no entanto, parecem não abarcar a complexa gama de valores presentes na contemporaneidade; durante o século XVIII, inspiraram eixos teóricos relevantes, cujas premissas foram pautadas em preceitos como: (a) a moral é um construto da razão; (b) princípios universais como a justiça instituem normas obrigatórias de convivência; e (c) a moralidade é função de imperativos categóricos, regras estas que se aplicam de forma incontestável a toda e qualquer situação. A lógica da moral kantiana influencia praticamente todas as teorias morais estruturalistas pautadas na dimensão intelectual da moralidade.

É no começo da década de trinta do século passado que tem início os estudos psicológicos, propriamente ditos, sobre a moralidade humana, a partir da publicação da obra *O Juízo Moral na Criança* de Jean Piaget, na qual o autor propõe uma primeira abordagem científica para a moral, superando seu caráter meramente especulativo. Noções como justiça, deveres e obrigações morais permanecem centrais à moralidade regulada pela razão, desta feita, a partir de uma perspectiva psicológica. Segundo tal concepção, a moral é constituída por um sistema de regras às quais as individualidades se sujeitam, ou aderem, em função do desenvolvimento cognitivo e intelectual alcançado. Para esta perspectiva teórica, a moral se constitui como uma necessidade da razão em uma relação direta com sua submissão às regras vigentes; por outro lado, a autonomia, ou liberdade, em relação às pressões das leis e das regras é conquista da consciência moral. O ideal moral[13] – ou, a superação das amarras da lei – centrado em julgamentos mais flexíveis dos princípios universais poderá ser alcançado pelas singularidades no estágio da moralidade reflexiva, reflexão esta possível, ainda segundo esta corrente teórica, como fruto de estágios mais avançados do desenvolvimento cognitivo-intelectual.

Duas importantes correntes teóricas decorrem desta lógica. Estabelecem estágios (anomia, heteronomia e autonomia "*piagetianas*") para o desenvolvimento moral e, posteriormente, uma tipologia das tendências morais estruturada por níveis (pré-convencional, convencional e pós-convencional, segundo Kohlberg[14]). A segunda abordagem consolida perspectivas teóricas e práticas introduzidas pela primeira, ampliando suas possibilidades de investigação; enquanto a primeira premia aspectos da moralidade construídos racional e cognitivamente, em especial, durante a infância, a segunda estende o

[13] Oportunamente discutiremos moral e ética como instâncias singulares de acepção dos preceitos adotados pelas individualidades.

[14] Referência à obra de Lawrence Kohlberg, construída ao longo da década de setenta do século passado.

processo para além deste período, incluindo-se nesta abordagem os ciclos da adolescência e da fase adulta. Em ambas as perspectivas, de certo modo complementares, são prementes pressupostos como a existência de uma evolução natural do pensamento moral constituído por estágios invariantes, o que pressupõe que todo e qualquer desenvolvimento moral passe obrigatoriamente por tais etapas e se constitua a partir das mesmas premissas. (SOUZA; VASCONCELOS, 2009).

> Estas influentes vertentes são consideradas estruturalistas no campo da psicologia da moralidade levando ao estudo do juízo moral pautado na estrutura, e não no conteúdo. [...] A capacidade de formar juízos mais evoluídos necessita não só do conhecimento de regras e normas, mas também do desenvolvimento de estruturas cognitivas, o que possibilita a descentração e a coordenação de perspectivas, necessárias ao avanço no juízo moral, pois permite a comparação, o estabelecimento de relações, a hierarquização e a classificação dos elementos envolvidos. (SOUZA; VASCONCELOS, 2009, p. 346).

Os estudos abordados pela psicologia moral, a partir de preceitos deontológicos privilegiando a dimensão intelectual – ou o saber fazer – de constituição da moralidade humana, foram de grande influência entre as décadas de cinquenta e oitenta do século passado, especialmente nos anos setenta, quando pesquisas empíricas tiveram grande impulso confirmando a pertinência da moralidade pautada em atributos da razão. Se, por um lado, sua repercussão influenciou sobremaneira o conhecimento vigente a respeito de algumas das diretrizes que orientam os juízos de valor presentes nos julgamentos humanos, por outro lado, o excessivo formalismo, ou racionalismo, relegou a segundo plano a dimensão afetiva da moralidade, artificializando o conceito de moral por desconsiderar aspectos constitutivos pautados no querer fazer, entre os quais destacam-se os afetos, as crenças, os valores, etc. (SOUZA; VASCONCELOS, 2009).

A partir dos anos noventa, em função das questões apontadas, evidencia-se o colapso teórico e metodológico das perspectivas formalistas na ampliação das possibilidades de entendimento sobre a complexidade do raciocínio moral das subjetividades.

> No final do século XX, assiste-se, como era de se esperar, a certo esgotamento do referido modelo teórico [...] porque não somente não oferecia grandes perspectivas de novos e relevantes achados empíricos e teóricos, como, centrado no aspecto racional da moralidade, relegava a uma zona obscura os motivos humanos da *ação moral* (que não se reduz ao juízo moral, embora dele indissociável). Novas perspectivas, então, foram encetadas. (LA TAILLE, 2010, p. 105).

Tradicionalmente, o desenvolvimento moral foi entendido como um atributo centrado em interesses alheios (*other-regarding*) arraigado em princípios como justiça, deveres e

obrigações em relação aos outros. Estudos mais recentes, entre os quais o trabalho pioneiro de Carol Gilligan ao trazer o viés do gênero à discussão, demonstram a necessidade de ampliar esta concepção e introduzem referências morais ancoradas em questões mais específicas do próprio sujeito (*self-regarding*). Diante de tais evidências, outras frentes de pesquisas vão se consolidando por considerar aspectos imbricados ao psiquismo singular de cada individualidade, abrindo espaço para incluir e validar uma moralidade mais autocentrada.

> Autores como Campbell e Christopher (1996) consideram que Gilligan contribui para a rediscussão dos paradigmas que orientaram até então a moralidade, não só em relação à introdução da ética do cuidado, mas também ao considerar as necessidades do eu, ou *self*, apontadas pelas necessidades afetivas. O desenvolvimento moral, na perspectiva de Kohlberg e também de Piaget, era explicado a partir de interesses do outro. Uma moral baseada nos direitos (*other-regarding*), nas necessidades materiais e afetivas do outro e integrada por Gilligan a uma moral baseada no *self* (*self-regarding*).
>
> [...] Gilligan inova ao eleger o eu (*self*) como objeto da moral. (SOUZA; VASCONCELOS, 2009, p. 347).

Esta nova perspectiva identifica as limitações de uma moral pautada única e exclusivamente nos atributos da razão, reconhecendo que há outras fontes das quais a moralidade é constituída, inclusive a afetividade pautada por valores mais centrados na própria pessoa. Neste sentido, além dos aspectos intelectuais tais como os deveres, as obrigações e as regras estabelecidos coletivamente, passam a ser incluídos aspectos da dimensão afetiva do eu - ou *self* - que orientam juízos, tomadas de decisão, ações, entre outros, referendados em valores próprios das singularidades. Os estudos psicológicos da moralidade, dentro desta perspectiva emergente, tendem a buscar a integração de um espectro ampliado por questões centrais a cada subjetividade, entendendo que estas dimensões são indissociáveis e estabelecem uma dinâmica própria ao psiquismo humano.

> Entendemos o eu como um conjunto de *representações de si* (imagens que a pessoa faz de si). Não importa conferir se tais representações correspondem, de fato, ao que a pessoa realmente é ou a como é vista pelos outros, mas sim sublinhar o fato de que elas correspondem ao que ela julga ser. Importante frisar que colocamos representações de si no plural: não se trata de um autoconceito, portanto unitário, mas realmente de um conjunto de representações, que podem até ser conflitivas ou contraditórias entre si. (LA TAILLE, 2010, p. 112).

Nesta abordagem, as representações de si são consideradas um valor, tão legítimo quanto qualquer outro valor; um *investimento afetivo* na busca por uma imagem positiva de si e um sentido próprio peculiar. Valores e regras morais assumem força motivacional capaz de mobilizar as fontes energéticas de uma singularidade; quando a moralidade é central à

identidade, há uma motivação para legitimar juízos e ações pautados por convicções e objetivos próprios que os integra ao dinamismo psíquico (LA TAILLE, 2010).

> A crença em nossa própria integridade moral é tão central para a nossa autoimagem que somos tentados muitas vezes a protegê-la a qualquer custo; a necessidade de garantir sua "*reputação*" pode incluir a negação, os eufemismos excessivos, a racionalização e mecanismos de defesa especial. (BANDURA apud NARVAEZ; LAPSEY, 2009, p. 238, grifos do autor)[15].

A consolidação dos preceitos de uma moralidade constituída por valores *self-regarding* integrados ao eu em sua dimensão afetiva tem demonstrado grande relevância por apontar as possibilidades de um sentido atribuído às ações do sujeito e, por extensão, à própria vida. Sua relevância, portanto, parece-nos inquestionável e um *convite* à expansão dos domínios de sua discussão.

> Sendo a moralidade um tema interdisciplinar, entendemos que a psicologia não abrange todas as suas nuances. No entanto, defendemos que a ciência psicológica é uma forma de conhecer dados de realidade sobre o fenômeno moral humano. Essa contribuição permite, segundo La Taille (1998a), a elaboração de uma ética condizente com a realidade do ser humano (suas motivações e necessidades), alcançando, assim, seu propósito, que é possibilitar 'alguma forma de felicidade e harmonia para os seres humanos' (p. 8), as quais podem ter origens numa moral baseada no outro, como a kantiana, ou no eu (*self*), segundo a perspectiva de algumas virtudes, como propõe Aristóteles. (SOUZA; VASCONCELOS, 2009, p. 343/344).

A psicologia moral, pautada historicamente em pressupostos que se consolidaram a partir de uma influência central racionalista, mais que legítima, evidencia a emergência de novos pressupostos empíricos, metodológicos e teóricos que se proponham a investigar aspectos mais específicos do conteúdo que da forma. Estamos testemunhando eclodir a emancipação de seus estudos de sua *fonte original*; neste sentido, contribuições de toda a ordem que visem compreender a complexidade da constituição moral das singularidades são assumidas como iniciativas mais que louváveis. Nesta perspectiva, propostas futuras que encontrem alternativas na convergência de algumas das vertentes psicológicas legítimas, buscando conjugar premissas, preceitos e pressupostos na articulação de suas possibilidades teóricas, evidenciando a especificidade da construção de uma individualidade centrada em suas próprias potencialidades, especialmente aquelas que articulam os aspectos virtuosos à imagem de si a partir da afetividade, parecem ser opções que se nos possam trazer caminhos por ora pouco trilhados.

As novas articulações são, a nosso ver, um campo propício para compreendermos a complexidade da moralidade humana de forma mais integrada. Defendemos que estudos que

[15] Tradução nossa.

busquem esta articulação – sejam eles multi, trans ou interdisciplinares, quer orientados pelas possibilidades da própria psicologia, quer inspirados por outros domínios do conhecimento científico – estejam entre as prioridades das pesquisas sobre a temática, visando consolidar uma psicologia integrada dos valores humanos que constituem, motivam e atribuem sentido à vida de cada singularidade. Esta vertente da psicologia moral, apesar de promissora, ainda não obteve o *status* de uma nova titulação16.

> As dicotomias e os binarismos devem dar lugar a uma concepção de sujeito psicológico e de moral próxima da complexidade. Desse modo, as frentes de discussão e os modelos teóricos e metodológicos necessitam de uma aproximação dos novos paradigmas que problematizam as abordagens de investigação, uma vez que estas abordagens tratam como opostos e excludentes os temas da moralidade (razão e afetividade; justiça e virtudes, forma e conteúdo) impossibilitando novas articulações. (SOUZA; VASCONCELOS, 2009, p. 350/351).

Os estudos empíricos pautados na dimensão intelectual da moralidade, de tradição anglo-saxônica, ampliaram nosso conhecimento sobre aspectos gerais da constituição moral do sujeito; estudos mais específicos sobre a dinâmica dos conteúdos que constroem a imagem de si, a autoestima, como fonte energética da dimensão afetiva da moralidade poderão contribuir sobremaneira para compreendermos os mecanismos protetivos do psiquismo humano que abarcam a dimensão moral como uma possibilidade de enfrentar positivamente, de forma progressivamente autônoma, desafios pessoais de toda ordem. "O amor de si antecede o amor à humanidade" (ROUSSEAU, 2001[17]). Dentro desta perspectiva, só poderá ser ética a individualidade que conquistou o amor próprio. Essa perspectiva, no entanto, poderá, a princípio, desafiar a lógica, as teorias, a cientificidade, os métodos vigentes...

> A integridade moral e a auto identidade estão de tal modo integrados em nossa auto representação que corremos o risco de que este seja um daqueles fenômenos tão óbvios que praticamente não encontremos os meios necessários para expô-lo à investigação, ao exame empírico – algo similar à superfície da água para os peixes que os impede de perceber os limites e as fronteiras de seu "*habitat*". Esta constatação pode explicar parcialmente o estranho fato de não haver uma tradição da ciência psicológica de pesquisas sobre uma moral autocentrada; mas existem outras explicações também. Tais explicações apontam para dúvidas paradigmáticas a respeito do conhecimento sobre si mesmo e dos limites de uma "*racionalidade*" adequada que se possa aplicar ao exame de aspectos do desenvolvimento moral presentes ao dinamismo psíquico não convencional.[18] (NARVAEZ; LAPSLEY, 2009, p. 238, grifos do autor).

---

[16] Como é o caso da "psicologia positiva" ou da "bioecologia do desenvolvimento humano", por exemplo.
[17] Domínio Público: "Discurso sobre a origem da desigualdade".
[18] Tradução nossa.

Partimos do pressuposto de que o querer ser, intrínseco à dimensão afetiva da moralidade humana, seja resultante de uma motivação de cunho proativo e protetivo que se constitui a partir de uma dinâmica própria da subjetividade empenhada em transcender os dilemas imediatos do seu cotidiano, vislumbrando um sentido para a própria vida... Tal moralidade pautada por preceitos para além da dimensão única e exclusivamente cognitivo-intelectual perpassa o dinamismo psíquico das individualidades estabelecendo novas possibilidades para nosso conhecimento a partir de variáveis não tão tradicionais a nossos estudos e pesquisas. Atribuir sentido a uma trajetória de construção do *si* mesmo, mais que aos aspectos específicos que parecem se evidenciar neste processo; compreender a sutileza de um *self* que se constrói na integração de suas experiências sem que a especificidade central sejam os clássicos atributos razão e (ou) emoção. Essas experiências perpassam a singularidade humano-histórica permanente e ininterruptamente e é deste processo que emergem as especificidades do sentido que se atribui ao *si* mesmo.

Apontávamos acima que, a partir de alguns dos pressupostos da ciência psicológica em pauta na atualidade, o investimento afetivo nas representações do si é uma questão central a esta construção; neste sentido, ratificamos o espectro de nosso recorte buscando identificar estas variáveis a partir dos aspectos saudáveis que emergem da complexidade de uma trajetória singular de legitimação e (ou) supressão das experiências que componham cada singularidade. Em função destas prerrogativas, nosso trabalho se atém ao percurso de legitimação de valores que sustentam a leitura de mundo das subjetividades pautados especialmente na atribuição de sentido às relações que constituem no seu cotidiano: consigo mesmos, com os outros significativos e com os quais eventualmente convivam – ou apenas saibam de sua existência – que, de algum modo, possam contribuir para a constituição de sua maneira singular de estar no mundo.

2.3 PSICOLOGIA, MORAL, ÉTICA E PERSONALIDADES

> Os pontos centrais da minha posição, não exatamente os mesmos ao longo dos anos, poderiam ser resumidos da seguinte maneira: [...] parece óbvio que a moralidade, psicologicamente, não é uma entidade autossustentada servida por processos autônomos, mas um modo específico de funcionamento de cada pessoa como um todo; e que, portanto, as competências morais devem ser integradas ao sistema geral de personalidade. (BLASI, 2013, p. 336).

Ao início da discussão do presente item cabe delimitar algumas das concepções por nós adotadas que sustentarão nossas reflexões mais específicas. A Psicologia, como vimos, é um campo de saberes científicos cujo objeto de estudos é a psique humana. A moral, por sua vez, esteve historicamente associada a uma instância das obrigações que tornam as iniciativas humanas legitimáveis frente a princípios e regras convencionados por uma espécie de acordo coletivo com relação a ações, atos e condutas consideradas recomendáveis. A ética tem sido assumida como sendo a instância da reflexão sobre nossos valores e condutas, bem como sua influência no contexto das coletividades que almejamos ser. Grosso modo, a moral pode ser associada a hábitos e costumes e, a ética, aos questionamentos que fazemos sobre a pertinência destes na construção de uma *vida boa.* Influenciadas por premissas *kantianas*, são muitas as inspirações que nos autorizariam a sintetizar a moral pela pergunta "*como devo agir?*" e, a ética, pela indagação "*que vida eu quero viver?*" (DIAS, 2013; HARKOT-DE-LA-TAILLE; LA TAILLE, 2004; LA TAILLE, 2007a; NUCCI, 2013; entre outros).

Uma ressalva se faz necessária: ao assumir a moral como o *locus* das condutas recomendáveis, cabe destacar que este é um espectro que ainda pode nos gerar algumas controvérsias. A nosso ver, há obrigações que, a rigor, não são exatamente morais, constituídas por regras de convívio coletivo, tais como normas de boa conduta, convenções coletivas, acordos de convivência, etc.; são, portanto, *contratos coletivos* cuja sujeição é recomendável sem que pertençam ao espectro específico da moral. Deste modo, se por um lado a moral comporta parte dos deveres, especialmente aqueles que se aplicam às coletividades, mais ou menos amplas, defendemos, por outro lado, que hajam recomendações gerais que não chegam a assumir o *status de dever*, como por exemplo, no campo dos relacionamentos interpessoais nos quais intervenha a questão do afeto[19], traduzidos na legitimação do direito alheio, por exemplo, na máxima: *não fazer aos outros aquilo que não desejaríamos que nos fosse feito*. A moralidade, ou dito de outra maneira, a moral aplicada, nesta instância pode ser traduzida por uma disposição em se importar com o outro, com o afetar-se pelo direito não objetivo de alguém, efetivando a dimensão do outro concreto (BENHABIB, 1992).

Em função do exposto acima, afirmar que moral e dever no campo das subjetividades sejam necessariamente uma sobreposição de inclinações psíquicas é de certa forma consubstanciar aquilo que, de fato, na prática, conjuga-se em possibilidades múltiplas de intercâmbio e interação. Feitas estas considerações iniciais, entendemos haver espaço para

[19] A concepção e as implicações do afeto em sua abordagem mais abrangente serão discutidas oportunamente em outro tópico do presente capítulo.

investigações futuras a respeito das implicações do dever não moral, ou, de maneira mais específica, daquelas regras não imbuídas necessariamente de aspectos exclusivamente do dever, buscando uma compreensão mais apurada de seus impactos na constituição das subjetividades, especialmente no campo educativo naquilo que tange à formação das futuras gerações. Supor que as obrigações, ou os deveres, sejam inquestionavelmente uma questão moral, poderá nos predispor a subjugar a relevância de aspectos morais inerentes a uma convivência de reciprocidade e respeito, seja ela interpessoal ou coletiva, frente a um possível moralismo fundamentalista, risco este cujas consequências lamentavelmente estão registradas na história da humanidade. Ainda que seja em outro contexto, lembramos de uma das afirmações de respeitado estudioso da temática, o qual assevera que "o erro da educação (em todos os níveis) é o de ensinar as respostas que a filosofia e a ciência deram, sem deixar claro para os alunos quais eram as perguntas que as motivaram" (MORIN apud LA TAILLE, 2007b, p. 11). Considerando não ser este o escopo da presente discussão, alertamos, no entanto, que esta não é, de forma alguma, uma questão resolvida.

Destarte, estabelecemos como questões distintas em nossos estudos a moral e a moralidade; enquanto a primeira estará associada a uma instância imaterial de definição de normas e regras concretas que se traduzam objetivamente em estatutos de condutas coletivamente recomendáveis, a segunda, por sua vez, constitui um processo de subjetivação da parte destas regras que se legitimam para cada singularidade; um processo, portanto, reflexivo, que emerge de um esforço pessoal de legitimação e validação de prescrições morais cujo objeto seja minimamente condizente com os valores de cada um. Ainda que esteja claro que a moralidade possa ser um conceito incorporado, de uma forma ou de outra, a um sem número de concepções alternativas, assumiremos a moralidade como estando associada ao sentimento que os deveres a serem cumpridos evocam nas subjetividades, partindo do pressuposto de que as regras das quais tratamos sejam minimamente louváveis e recomendáveis. A moralidade constitui-se, portanto, de um conjunto de referências que estão para além de eventuais tradições culturais às quais se vinculem diretamente, uma vez que traduz visões de mundo, necessidades, desejos, reivindicações, projetos, entre outros, expressando "boas e más" maneiras de compartilharmos o mundo. (WREN, 1993); para tanto, adotamos a moral como um fato e a moralidade como um processo. Definidos estes pressupostos, passaremos a delinear algumas premissas conceituais que possam orientar nossas discussões futuras.

Assumidas estas fronteiras, interessa a nós, em nosso recorte, a moralidade adotada como eixo das discussões abarcadas pela subárea da psicologia moral, um dos subcampos de

estudos e pesquisas da psicologia do desenvolvimento, e que obteve seu reconhecimento sustentando seus estudos mais clássicos a partir da compreensão dos processos psíquicos que garantam a legitimação de regras, princípios e valores morais. (LA TAILLE, 2007b). Em exposição apurada das diretrizes centrais adotadas pela psicologia moral, La Taille demonstra as raízes das discussões mais respeitadas frente à genealogia da moralidade no psiquismo humano. Algumas das dicotomias mais frequentes da área dizem respeito a questões pertinentes à constituição da moralidade, com ênfase seja na dimensão da razão, seja na da afetividade. Pautado em pressupostos apontados por autores como Piaget e Kohlberg de um lado, ou Durkheim e Freud de outro, La Taille (2007b, p. 18) afirma que "as quatro concepções têm algo em comum em suas definições da moralidade: todas elas a concebem como um conjunto de *deveres*, e, portanto, procuram estudar a gênese do *sentimento de obrigatoriedade*[20] experimentado pelo sujeito moral"; em suas considerações, demonstra que a corrente construtivista da dimensão racional da moralidade aponta para a possibilidade de uma construção lógica da autonomia moral. Historicamente, os estudos sobre a moralidade priorizaram aspectos cognitivo intelectuais do desenvolvimento humano, ou, em outras palavras, aquilo que pertenceria ao domínio do saber fazer. Os pressupostos defendidos por seus precursores, como Piaget e Kohlberg, demonstraram aspectos da construção de estágios sucessivos, que vão de uma moralidade incipiente até que se atinja suas etapas mais elaboradas, fundamentadas por reflexões que estejam para muito além de convenções morais buscando os mais legítimos valores humanos; tais estágios[21], pautados em premissas por esta perspectiva teórico-metodológica, são sustentados em pilares das conquistas intrínsecas às capacidades adquiridas pelas sucessivas fases do desenvolvimento cognitivo.

Outra questão que se nos coloca é tema recorrente de aparente impasse das discussões desta área. Até que ponto o que *deveríamos fazer* contraria aquilo que *desejaríamos fazer*? Dever e querer são necessariamente contraditórios? Ainda que, a princípio, possamos supor que nosso dever seja necessariamente distinto do nosso querer, defendemos que a moral, ou, conforme discorremos, a moralidade reflexiva, instância na qual quereres e deveres convergem como ideal pessoal - ainda que, porventura, nem sempre consciente - seja justamente o espectro de investigações da psicologia moral mais contemporânea, um campo de investigação no qual questões centrais ao debate seriam buscar alternativas de conciliação entre dever e querer, investigando possibilidades de conjunção entre ambos, de modo tal que

[20] Ratificando que assumimos a moral como o dever em si e a moralidade como o sentimento que este dever evoca na subjetividade.

[21] A discussão relativa aos estágios do desenvolvimento moral defendida por Piaget e Kohlberg foi objeto de trabalho anterior (STACH-HAERTEL, 2009).

estas predisposições se sobreponham; subvertendo, de algum modo, a lógica, do querer que se sobrepõe frente ao dever, ou vice-versa, tornando-se convergentes. A ética, de forma alguma, poderá traduzir-se na negação da própria individualidade.

O eixo central da questão apontada acima decorre de uma aparente dicotomia estabelecida a partir dos estudos mais clássicos da moralidade pautados em suas dimensões intelectual e afetiva cujas contribuições estão registradas em obras que se tornaram referências da área. As evidências encontradas em muitos desses estudos, indispensáveis para a legitimação das diretrizes científicas da temática, apontaram que na instância das singularidades estas dimensões do psiquismo humano - intelectual e afetiva - são dinamicamente interdependentes o que, portanto, leva-nos a afirmar que dever e querer são, de algum modo, indissociáveis.

Um dos desafios mais recorrentes colocado perante os estudiosos da temática moral é, portanto, compreender de que maneira se conjugam *deveres* e *quereres*, disposições estas tradicionalmente assumidas como dicotômicas. Haveria alguma forma de fazê-las convergir? "Sabe-se muito, desde o trabalho pioneiro de Piaget (1994), sobre características do juízo moral e seu desenvolvimento, mas sabe-se muito menos sobre a dimensão afetiva da moralidade". (TOGNETTA; TAILLE, 2008, p. 182).

Assumimos que dever e querer, nas instâncias das subjetividades, convergirão à medida que alguns sentimentos, entre os quais destacam-se aqueles que, de algum modo, possam contribuir à instauração de uma moralidade ética reflexiva e que são, portanto, nucleares à autonomia moral, tais como o amor, o medo, a confiança, a simpatia, a indignação, a culpa, a vergonha, entre outros tantos, cuja função central é tornar legítimos para as singularidades aqueles deveres considerados pertinentes aos contratos coletivos de uma *vida minimamente boa*22, e que tenham por premissa validar alguns sentimentos pelo crivo da razão. Esta *conversão* daquilo que é primordialmente afetivo - neste caso, os sentimentos - em objeto da razão - reflexão - por uma convicção autêntica da individualidade outorga aos sentimentos a excelência própria do humano[23]. (ARAÚJO, 1998; DIAS, 2002; HARKOT-DE-LA-TAILLE, 1999; HARKOT-DE-LA-TAILLE; LA TAILLE, 2004; LA TAILLE, 2007b, 2010).

Em função destas premissas, a moralidade será adotada em nossos trabalhos como sendo um conjunto de sentimentos desencadeados pelo sentimento de obrigatoriedade

---

[22] Neste contexto, associada à vida digna e que possa vir a promover a felicidade.

[23] No campo da Filosofia, aquilo que é da excelência do humano pode ser assumido como sendo do campo das virtudes, conforme defendido por Comte-Sponville (2007).

despertados na pessoa em seu processo de validação e legitimação de atitudes e dos comportamentos coletivamente acordados, explícita ou implicitamente.

A fonte energética do dever moral parece estar pautada seja em sentimentos exclusivamente morais, seja por sentimentos que corroborem o desenvolvimento humano nas instâncias da afetividade. "Mas, como o dever moral pressupõe, para merecer esse nome, uma vontade livre de agir, portanto não coagida por forças exteriores a ele, é legítimo dizer que o dever é uma forma de querer.*"* (LA TAILLE, 2007a, p. 12). Assumimos, portanto, que os campos do dever e do querer apontam questões relacionadas às dimensões intelectual e afetiva, respectivamente, do desenvolvimento moral; dito de outra forma, aventamos ser possível que na conjunção das instâncias intelectual e afetiva haja, a bem da verdade, um espaço propício para conquistar a autonomia moral a sustentar a constituição das personalidades éticas. De forma alguma a autonomia moral assume o sentido da independência absoluta tal que aponte ditames distanciados dos desafios e dos conflitos do cotidiano, antes, porém, uma espécie de responsabilidade; representa para nós uma forma peculiar de enfrentá-los por intermédio das reflexões próprias que se apresentem significadas pelos valores éticos adotados por uma singularidade visando dar legitimidade às suas expressões: valores éticos estes que nos remetem a uma espécie de projeto de humanidade.

A partir de tais pressupostos, é possível afirmar que a moralidade ética assume papel central no psiquismo das individualidades que adotem por premissa nortear suas ponderações a partir de valores a eles significativos; em função disto, nesta construção há, evidentemente, particularidades que, ainda que não criem uma ética própria a cada um, permitem manifestações singulares da significação daquilo que seja assumir eticamente os desafios do cotidiano.

> [...] essas diferenças são encontradas em quatro dimensões essenciais que compõem a experiência de *si mesmo* enquanto sujeito: o sentido de agenciamento, o sentido da unidade como agente, o sentido de alteridade ou diferenciação, e a experiência de distanciamento do *si mesmo*, empreendida pela autorreflexão e pelo autocontrole[24]. (BLASI, 1993, p. 102).

Surge, portanto, a necessidade de recohecer que, neste processo de construção ética, manifesta-se o *agente*, na experiência de si mesmo, como o sujeito que assume para si mesmo o compromisso de ser ético. Neste sentido, é importante compreender o que se assume como premissa de *agência* ou *ação*; para alguns autores, o desenvolvimento e a mudança no comportamento humano são explicados a partir de tais princípios básicos. O *agente*, nesta acepção, influencia o próprio *funcionamento* e suas circunstâncias de vida de modo proposital

[24] Tradução nossa.

e intencional; cada pessoa torna-se, assim, potencialmente proativa, autorregulada e autorreflexiva, em um processo contínuo de intercâmbio das variáveis pessoais, dos fatores ambientais e do próprio comportamento influenciando-se reciprocamente, por intermédio do qual se evidencia que o *agente* está potencialmente habilitado a agir e interagir em seu meio. (BANDURA, 1995, 1997). Neste sentido, a ética deixa de ser uma instância reflexiva meramente passiva e passa a ser assumida como indissociavelmente ativa. O processo, para além de evidenciar as potencialidades individuais, aponta também para a diferenciação de cada um de nós em relação aos demais; somos o que somos como resultado singular de nosso percurso de interação e integração deste movimento: outorgando sentido às próprias trajetórias e atribuindo significado para sua própria existência. (BLASI, 2013). O Eu e as representações de si são, portanto, objetos de investimento afetivo da individualidade. "Assumimos, portanto, a hipótese de que a vida somente pode fazer sentido para quem experimenta o sentimento de nela afirmar-se, expandir-se, em uma palavra *atribuir-se valor*" (LA TAILLE, 2010, p. 112). Evidencia-se que, à medida que vamos delineando esta trajetória de constituição ética de nós mesmos, duas instâncias se consolidam, quais sejam: (1) a atribuição de valor ao processo e ao que dele decidimos manter como princípios louváveis; e (2) a integração de nossas conquistas de significação ao que efetivamente assumimos sermos. "[...] a busca de representações de si com valor positivo é lei fundamental da vida humana". (LA TAILLE, 2010, p. 112). Há, ainda, outra evidência a ser depreendida deste processo de constituição do *si mesmo* no campo do psiquismo humano: ele é extremamente dinâmico, permanentemente inconcluso e primordialmente dialógico.

Importante salientar que à esta altura nos é possível afirmar que estão sendo vislumbradas diferentes pertinências aos estudos a respeito da constituição da moralidade humana; para além dos estágios e níveis tradicionalmente consolidados pela legitimidade de seus pressupostos, há um amplo espectro de estudos a se revelar. Estudos mais recentes com pessoas de conduta exemplar, pessoas engajadas em causas humanitárias, entre outros tantos exemplos admiráveis, identificaram haver evidências para admitir que a ética ultrapasse a rigidez do desenvolvimento moral pautado por uma espécie de amadurecimento de nosso entendimento e assunção dos preceitos morais. "Estas teorias morais mais recentes permitem a perspectiva de que podemos priorizar as preocupações morais sobre as não-morais ao longo da vida e não apenas em estágios avançados de desenvolvimento moral" (NUCCI, 2013, p. 124).

Ratificamos, portanto, as concepções por nós adotadas para os fins do presente trabalho: (1) da moral como a instância de instauração de normas e preceitos pautados por

princípios justos (fato); (2) da moralidade como a instância das reflexões próprias à legitimação dos preceitos morais convencionados pelas coletividades (processo); e (3) da ética como a instância de valores louváveis que pressuponham a garantia da dignidade a todos e todas, com uma busca legítima à felicidade de cada um e de cada uma das individualidades e que sejam assumidos por uma disposição própria (ideal). Uma última concepção se faz necessária homologar, qual seja, aquilo que denominamos de personalidade ética, aqui entendido como o processo psíquico contínuo de integração dos valores humano-históricos louváveis ratificados pelo valor singular outorgado ao *si mesmo* e atribuindo sentido ao próprio *Eu*; são, portanto, representações de si que legitimem valores éticos de uma singularidade como integrados àquilo que apreende Ser, um investimento *affectivo*[25] do *si* em *si mesmo*.

A partir das considerações apontadas acima, assumimos ser o componente afetivo da moralidade uma espécie singular de *afectividade* que estabelece relações significativas entre o que cada subjetividade compreende ser e aquilo que deseja vir a ser, cumprindo importante papel na integração efetiva da moralidade, ou como vimos defendendo, a integração da ética à personalidade.

A nosso ver, os equívocos das concepções que se tem frente ao significado e às implicações destas três instâncias de constituição ética das subjetividades, conforme apresentávamos anteriormente: a moral, a moralidade e a ética contribuem para muito além das possíveis críticas às discussões de nossa área, especialmente para o risco de se instituir *verdades*, factoides e práticas, em particular no campo educativo, de uma espécie de doutrinação simbólica pautada por pressupostos que não condizem com as conquistas deste campo teórico. Lembramos, portanto, que seus estudos nos trouxeram uma ampla gama de conhecimentos a demonstrar a trajetória singular de cada subjetividade em sua constituição ética que perpasse, de algum modo, quer sejam estágios, quer sejam níveis, ou qualquer outra espécie de etapas inerentes à aprendizagem humano-histórica de se constituir como sujeito da própria história.

> No campo da psicologia moral, muitas propostas teóricas foram feitas e outras continuam a ser desenvolvidas. De acordo com Greene (2011**)**, *a nova psicologia moral é emocionante, justamente porque solicita novas respostas a novas questões e permite a experimentação. Já Haidt (2007) argumenta que a psicologia moral está renascendo à medida que ampliou suas relações com outros campos do conhecimento e passou a considerar o valor central da emoção*. (PALUDO, 2014, p. 175, grifos nossos).

[25] Tema a ser abordado em item posterior.

Personalidades éticas são, de algum modo, um ideal perseguido pelas diferentes perspectivas dos empreendimentos humanos que vislumbrem uma forma louvável e digna de *estar* no mundo que seja garantida inaliavelmente a toda e qualquer pessoa em uma busca pelo direito pleno de *ser* quem se é.

2.4 O *SELF*

> SELF: ver EU (Dicionário de Psicologia DORIN, 1978, p. 15)
>
> EU: O eu é considerado em dois sentidos na moderna psicologia: 1 - Atitudes e sentimentos da pessoa acerca de si mesma (eu como objeto); 2 - Grupo de processos psicológicos que governam o comportamento e o seu ajustamento (o eu como processo), sentido em que muitos psicólogos usam o termo como sinônimo de ego ou, mais precisamente, como o ego em seus envolvimentos externos. O eu é o núcleo central da personalidade. É o 'si mesmo' em torno do qual estão estruturadas as reações conscientes e os processos de autoestima e autoavaliação. Inglês: self. (DORIN, 1978, p. 105).
>
> SELF ou EU FENOMENAL: 1 - Termo inglês para ego. O eu (self) pode ser visto como consciência da própria personalidade (self como objeto) e como processo. Para este segundo caso, vários psicólogos, como Chein, preferem o termo ego. 2 - O eu fenomenal compreende todos os aspectos do campo fenomenal que a pessoa sente como partes ou características de si mesma. (Donald Snygg e Artur Combs). (DORIN, 1978, p. 105-106).

Para além das possíveis definições que se nos possam estar ao alcance, buscando aclarar as fronteiras do *Eu*, este ilustre desconhecido dificilmente se permite dar ao conhecimento em toda a sua complexidade. As aproximações, por mais bem-intencionadas que o sejam, serão meras tentativas deliberadas de tangenciar uma entidade emblemática, cuja plasticidade a inviabiliza de se dar plenamente ao conhecimento. O *eu* que apreendemos em determinado instante está em transformação no exato momento em que se deu a se revelar; como entidade, é uma abstração científica sempre parcial: não mais que um mero recorte.

A título de ilustração e no intuito de afiançar a complexidade do *self* como objeto de reflexão, fazemos referência a um estudo qualitativo[26] promovido pelo Instituto de Filosofia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, levado a efeito por uma equipe multidisciplinar. Tal abordagem teve como objetivo central buscar integrar saberes interdisciplinares com vistas a enfrentar a fragmentação conceitual e metodológica da

[26] "*Conceito de self na filosofia, psicologia e neurociências: dados preliminares de um estudo qualitativo*", apresentado no âmbito do ciclo de conferências do Centro de Investigações do IPSA, em 31 de março de 2014.

temática do *self* a partir de publicações recentes que o tenham adotado por referência. O levantamento apontou alguns aspectos relevantes, a saber: (1) grande dispersão teórico-metodológica; (2) relativo pragmatismo em relação ao termo; e (3) ampla gama de variações associadas ao *self*, tais como *self nuclear*, *self mínimo*, *self existencial*, *self cognitivo*, *self ficcional*, *self narrativo*, entre inúmeras outras menções possíveis (PEREIRA et al., 2014). A partir do material levantado foi instituído um sistema de categorias buscando uma coesão conceitual que pudesse ultrapassar as especificidades terminológicas da literatura selecionada de forma a classificar – preliminarmente – alguns eixos centrais que foram estabelecidos a partir do material avaliado: a) área científica: conhecimento específico que aborda a temática do *self*[27]; b) método de investigação: procedimentos e técnicas para se estudar o *self*; c) tipo de *self*: conjunto de propriedades atribuídas ao *self*; e d) estatuto ontológico: a posição adotada acerca da existência, ou não, do *self* e (ou) de sua natureza. Especificamente em relação à ampla gama de possibilidades desta última categoria, foram elencadas três subcategorias: i) o *self* como substância; ii) o *self* como processo; e iii) o *self* como ficção ou construção simbólica. Cada uma dessas categorias, ou subcategorias, poderá ter sido, segundo os pesquisadores, objeto de uma ou mais áreas definidas do conhecimento, todas legitimamente consolidadas, buscando uma aproximação a uma possível definição para o *self*.

Demarcadas tais contingências, lançamo-nos a empreender uma tentativa de compreensão – ainda que limitada – daquilo que possa ser para as nossas finalidades uma possibilidade de definição do que seja o *eu*, ou o *self* – ainda que para alguns dos estudiosos da temática, a rigor, não nos seja possível definir uma concepção bem delimitada: "Ainda não nos é possível afirmar que o *self* seja isto ou aquilo, mas temos algumas pistas" (PEREIRA et al., 2014).

Em função do exposto acima, assumimos como premissa de nossas discussões o conceito de *self* como sendo uma destas concepções que rompem fronteiras disciplinares, intrigando estudiosos da natureza humana em vários campos do saber. Ainda que a busca por uma concepção para o *self*, ou o seu próprio estatuto, seja objeto relativamente recente de estudos, pesquisas, reflexões, ou mesmo algumas especulações visando compreender o *eu* e suas múltiplas relações, este objeto do conhecimento humano tem sido, para além de um desafio das psicologias, uma questão filosófica ancestral. Quem sou eu? O que sou? De onde eu vim? Para onde vou?

> Há muito que a Filosofia tem contribuído para a Psicologia. De fato, muito antes do surgimento dos primeiros psicólogos - meados do século XIX - a

[27] Com destaque para a Filosofia, a Psicologia e as Neurociências.

> Filosofia já se ocupava com questões que envolviam a 'natureza' do ser humano. Em suas tentativas de lançarem luz sobre essa natureza, os filósofos se indagaram sobre a constituição do homem, se haveria uma separação entre alma e corpo, sobre as relações que uma manteria com o outro, sobre a realidade material do mundo, sobre o tempo, sobre a transitoriedade e a duração da vida, sobre a dor e o prazer, entre tantas. (BRAZÃO, 2012, p. 101).

Enquanto a Filosofia, em suas origens, buscava compreender uma possível *essência* do agente humano e suas questões mais prementes sobre a finalidade e a finitude da vida, "a Psicologia ocupou-se em aclarar o funcionamento psíquico do homem" (BRAZÃO, 2012, p. 101), buscando estabelecer padrões que pudessem prever e intervir em suas capacidades cognitivas, compreender seus comportamentos, apreender suas interações ou mesmo *intenções*, entender suas possíveis respostas, interpretar seus domínios, entre tantas outras possibilidades de controle e previsibilidade. Praticamente todas elas, com efeito, pautadas pela necessidade de entender o ser humano por intermédio de escalas e mecanismos de mensuração, avançando em medidas normativas com a função de estabelecer alguma espécie de padrão que pudesse definir com precisão o que é, ou seria, o ser humano, suas capacidades e potencialidades. Se o ser humano como objeto do conhecimento já trouxera uma série de questões a serem enfrentadas, este *objeto*, transformando-se em sujeito próprio do conhecimento do *si*, desafia uma abstração parcial de nossos saberes sempre tangenciais e provisórios.

Neste sentido, faz-se pertinente lembrarmos que ainda que seu conhecimento seja uma abstração, sua existência não o é... O existir humano pressupõe estar mediado por algo que contextualize a sua existência[28], efetivando a sua presença; somos, portanto, permeados pela lógica do pensamento inerente às coletividades em que vivemos – ou *Zeitgeist*[29] –, influenciando uma construção de sentido contextualizado para o *si*. Para além destas ressalvas, no esteio das psicologias, propomo-nos a apresentar algumas das ideias centrais relacionadas à temática buscando construir a concepção de *self* por nós adotada[30].

Conforme visto acima, há inúmeras interpretações possíveis para o sentido atribuído à *pessoa* ou à noção que se tem do *si*, cada qual com sua própria pertinência conceitual. Os

---

[28] Lembramos que nossas referências, de forma alguma, no contexto da presente discussão, remetem-nos a qualquer questão patológica.

[29] Expressão da língua alemã para exprimir a ideia do espírito (ou lógica de pensamento) de uma determinada época.

[30] Alertamos, no entanto, que de forma alguma temos a pretensão de esgotar uma temática tão complexa, reconhecendo que inúmeras abordagens pertinentes à discussão acabarão não sendo elencadas. Fazemos menção, em especial, à teoria da *identidade* de Erikson, que sustenta uma ampla gama das discussões sobre a temática encampadas por pensadores contemporâneos, bem como a discussão dos *sensos de si* apontados por Stern.

diferentes termos, tais como *pessoa*, *identidade*, *eu*, *self*, *si*, perpassam proposições de diferentes autores e (ou) matrizes teóricas; tendo sido adotados com preponderância em um ou outro momento histórico, serão por nós utilizados estritamente para os fins da discussão do presente tópico como equivalentes semânticos, remetendo-nos, de algum modo, ao mesmo objeto. Wren (1993, p. 83) defende que todas as possíveis vertentes têm como mote uma função reguladora, delineando preceitos e regras gerais cuja influência perpassaria as mais distintas orientações teóricas, objetivando normatizar uma possível abstração sobre a *pessoa*: primordialmente, de como cada *pessoa* relaciona-se consigo mesma, secundariamente, das formas que estabelece ao se relacionar com as demais e, não mais que eventualmente, inclusive com o contexto em que convive; seriam, a bem da verdade, gradações de um único processo. Segundo este autor, ao longo dos últimos anos, pautados por esta normatividade, conceito e concepções[31] estatuídos para o *self* estão intrinsecamente correlacionados, tornando mais complexa a tarefa de identificar sua possível matriz teórica. Em suas considerações, afirma que esta mesma força reguladora estatuída para o termo *self* desapareceria à medida que o seu sentido aproximar-se-ia de expressões tais como *autoconhecimento*, *autorregulação*, *autoeficácia*, entre outras tantas, ressurgindo potencialmente, no entanto, quando o *self* é assumido a partir de termos equivalentes a *pessoa*, *idendidade*, etc. comumente presentes nas discussões, seja no escopo da Filosofia, especialmente em seu recorte moral, seja no âmbito da psicologia moral, objeto central de nossos estudos. Em sua análise a respeito das distintas concepções de *self* – encontradas nos principais compêndios da temática –, defende o autor que haja um empenho central dos estudiosos em identificar uma possível *natureza* do *self*, ou *pessoa*, psiquicamente saudável, estabelecendo um modelo de seu *funcionamento* ou um paradigma para a sua *eficácia* (BANDURA, 1995, 1997, 2005); defende ainda ser possível identificar seis grandes tendências gerais organizadas[32] em seus respectivos eixos norteadores:

> 1. A concepção substancialista do *eu*, que concebe o *eu* como uma entidade primordialmente exterior a si mesmo que se dê ao conhecimento nos termos de um *universo exterior* - natural ou transcendental - ou como uma entidade olhando *para dentro de si mesma* cuja consciência do mundo exterior é de alguma forma baseada em suas próprias introspecções;

[31] Em nossa discussão teórica, *conceito* será assumido como sendo a definição, a caracterização, a noção abstrata da coisa em si, enquanto uma *concepção* estará associada à compreensão propriamente dita, à capacidade de entender ou criar uma ideia a respeito de algo. Portanto, o conceito de *self* é restrito - único - enquanto suas concepções são múltiplas e variadas, influenciadas que estão por sua matriz teórica.

[32] Wren (1993) afirma que sua lista poderia ser intitulada "*Algumas concepções atuais sobre o Self*".

> 2. A concepção circunstancial do *eu*[33], sendo o *eu* concebido como um agrupamento de possibilidades, mais ou menos, aleatoriamente combinadas de cognições, desejos e demais estados ou tendências psicológicas cuja associação é absolutamente aleatória, ou imprevisível, visto serem efeitos, ou resultado, de uma aprendizagem social e, ou, dos fenômenos genéticos sobre um sujeito essencialmente passivo;
>
> 3. A concepção eidética do *eu*, que concebe o *eu* como uma construção, ou uma projeção, que permita à pessoa organizar suas múltiplas experiências em uma espécie de 'autoconceito', conceito este que o habilita como objeto de seu próprio conhecimento e, em condições favoráveis, poderia ser o clímax de sua autoestima;
>
> 4. A concepção fenomenológica ou essencialista do *eu* que o concebe como um princípio unificador da subjetividade, ou a essência própria do fenômeno, quer seja em sua matriz naturalista, quer seja em sua matriz transcendental;
>
> 5. A concepção dialética do *eu*, segundo a qual o *eu* é concebido como o entrelaçamento, ou nó, de uma rede, ou teia, de relações pessoais, interpessoais e sociais distanciando-o das questões relativas à temática do sujeito epistemologicamente e, ou, psicologicamente autônomo;
>
> 6. A concepção identitária do *eu*, que o concebe como um agente de auto-interpretação, focado na legitimação da própria história pautando-a pelas tradições culturais da coletividade na qual está inserido.[34] (WREN, 1993, p. 84-85, grifos do autor).

Tais concepções, como outras tantas não relacionadas por esta *breve*[35] análise, seriam tentativas teóricas, ou metateóricas, com o objetivo de demonstrar as possíveis maneiras de *processamento* das experiências pessoais, visando torná-las conceitualmente acessíveis em uma busca por sua validação ou análise; alertamos que as diretrizes acima listadas haverão de ter, maior ou menor, aderência, considerando-se os estudiosos duma ou doutra matriz teórica, seus respectivos pressupostos e paradigmas.

Estas perspectivas constroem-se a partir da influência dos tratados e postulados de alguns de seus expoentes máximos, dentre os quais destaca o autor: (1) Platão, Aristóteles e Tomás de Aquino, na corrente metafísica, ou Descartes, Leibniz e Spinoza na vertente mais racionalista do eixo substancialista cuja influência se faz presente em nosso cotidiano especialmente em postulados menos ortodoxos de natureza não científica[36]; (2) em contrapartida, as teorias psicológicas científicas contemporâneas originam-se da perspectiva compreendida pelo *feixe do eu*, em uma clara referência às contribuições de Hume, cuja influência encontra-se presente em um sem número de teorias psicológicas da personalidade,

---

[33] Esta concepção pode ser assumida, eventualmente, como a perspectiva do "complexo do *eu*".
[34] Tradução e adaptação nossa.
[35] Conforme ressalva do autor.
[36] Por exemplo, em tratados de autoajuda.

especialmente naquelas de matriz anglo-americana; no entanto, suas implicações reificadas têm levado psicólogos empiristas a buscar novas alternativas, tais como (3) o *self* concebido como uma ideia, a partir de autores como Gordon Allport, Hazel R. Markus, entre outros, sob a égide do *self* como autoconceito; esta concepção influencia tratados de vários filósofos analíticos, tais como D. Pears e R. Harré, e aponta correlações interessantes com a fenomenologia europeia, em especial, com a fenomenologia existencial de Jean Paul Sartre; apesar disto, vários filósofos adotam preferencialmente uma ênfase mais abstrata da dimensão subjetiva do *self*, bem representada pela (4) concepção fenomenológica do *self* em referência à distinção proposta por Kant entre o fenômeno, ou aparência, e aquilo que subjaz à coisa em si, ou essência; tal concepção não implica em assumir o *self* como *a coisa em si mesma*, antes que o *self e suas respectivas operações* sejam provedores das condições necessárias para o conhecimento dos fenômenos que se deem a revelar por intermédio de extratos de uma realidade substancial. Esta perspectiva *essencialista* acabou sendo naturalizada pelas teorias psicológicas do desenvolvimento cognitivo por intermédio de um de seus maiores expoentes, o epistemólogo suíço Jean Piaget, para quem o *self* seria o *locus* da constituição dos esquemas no processo de construção do conhecimento, esquemas estes cuja função central seria traduzir, de algum modo, a realidade para o sujeito do conhecimento; as premissas construtivistas desta perspectiva foram posteriormente adotadas por Kohlberg (1963, 1984) e aplicadas aos conteúdos sociomorais de sua teoria sobre a constituição da moralidade humana; tais matizes, para muito além dos preceitos deontológicos mais clássicos, acabaram por impactar as considerações kantianas a respeito do primado da justiça como princípio da moralidade. A partir da repercussão desta vertente, Hegel coloca restrições à visão monolítica adotada por Kant, posição que inspira outros teóricos a desenvolverem a (5) concepção dialética do *self* que tem por pressuposto as relações a partir das quais emerge o *self*, uma alternativa ao *self* como monopólio único e exclusivo do *eu*; tal concepção pode ser identificada não apenas nos postulados da filosofia dialética de Hegel, como também no pragmatismo de John Dewey, G. H. Mead e J. Macmurray, para além das proposições de uma ampla gama de psicólogos direta ou indiretamente influenciados por esta corrente filosófica, tais como, por exemplo, J. M. Baldwin, R. D. Laing, entre outros interacionistas simbólicos, incluindo-se aqui alguns raros exemplos cognitivo-desenvolvimentistas de orientação dialética. Uma última concepção relacionada pelos eixos de orientação normativa anteriormente apontados diz respeito a uma perspectiva teórica adotada pela filosofia moral contemporânea, graças aos tratados mais atuais de autores como de C. Taylor, B. Williams, A. MacIntyre, entre outros, denominada como sendo (6) a concepção identitária do *eu*,

perspectiva esta pautada pela interseção dos pressupostos da crítica cultural e de preceitos da teoria da personalidade; esta concepção tem nuances das discussões neofreudianas especialmente a partir dos tratados de Erik Ericson e seus postulados sobre a formação da identidade. A última vertente, da concepção identitária do *si*, tem arregimentado a atenção, em especial, dos estudiosos da psicologia social (WREN, 1993, p. 85-86)[37].

A questão normativa acima anunciada permeia cada um dos seis eixos corroborando sua função reguladora na busca por uma delimitação das fronteiras de *sucesso do self*, compreensão esta de fundamental importância às nossas discussões empíricas; de modo geral, o *triunfo do si* é revelado por intermédio das tentativas do *eu* de validar o seu existir e, eventualmente de uma forma mais elaborada, o sentido de seu pertencimento a uma coletividade. A fim de ilustrarmos, de forma sintética, os parâmetros centrais de definição do *sucesso do si* formulado a partir de cada um dos seis eixos detalhados nos parágrafos anteriores, é apresentada uma proposição central associada aos respectivos critérios que trariam validação ao *si*. A concepção substancialista do *eu* (1) aponta como triunfo do *si* a proposição: "o que define o sucesso de um *self* é sua potência racional em reconstruir mentalmente tanto o mundo material quanto o mundo singular das propriedades físicas e psicológicas próprias ao *si*"[38] (WREN, 1993, p. 87); tal proposição é aplicável tanto à perspectiva clássica de reflexão sobre o mundo encontrada nas obras, por exemplo, de Platão, Aristóteles e Aquino, quanto em sua versão mais racionalista da reflexão sobre o *si mesmo*, retratada em obras de pensadores como Descartes, Leibniz e Spinoza; esta visão lógica do *self* influencia importantes correntes teóricas, sendo uma de suas variantes posteriores mais representativas o *self* concebido como uma zona mediadora dos conflitos inerentes às tendências humanas mais genuínas apregoada pela vertente freudiana. A concepção circunstancial do *eu* (2) defende que a prerrogativa do sucesso atribuído ao *self* esteja diretamente associada à sua tentativa de manter um mínimo de consistência ao *si mesmo*, integrando recursos e tendências motivacionais e (ou) afetivas, cujo êxito estaria atrelado à proposição: "ainda que o *self* seja infinitamente maleável, não se outorga ao *self* permissão à incoerência" (WREN, 1993, p. 88); todas e quaisquer espécies de dissociações, fragmentações, múltiplas personalidades, psicoses, etc. são atribuídas, portanto, a um mau funcionamento do *self*, incluindo-se em sua premissa legitimadora de êxito ao *self* a máxima moral do *si* responsável por seus próprios atos. A abordagem eidética (3), por sua vez, apresenta problemas à proposição anterior na qual afirmávamos que toda e qualquer

[37] Tradução e adaptação nossa para os fins exclusivos da presente discussão teórica.
[38] Tradução nossa.

concepção atribuída ao *self* seria estritamente normativa; aqui, o *self* como autoconceito não equivale a uma imagem constituída no processo de introspecção em busca do *si* com valor de verdade, antes, porém, representa uma indução cognitiva da própria pessoa a partir de suas características regulares na experiência de *si*; uma *figura* construída que pretenda demonstrar, acima de tudo, a inquestionabilidade do si mesmo, de seus ideais e de seus valores. Neste sentido, uma possível proposição ao sucesso de si seria algo como: "uma 'auto-imagem dinâmica' que designa uma forma específica de competência motivacional; em outras palavras, uma 'luta apropriativa' do *eu* em direção a seu *eu* ideal". (WREN, 1993, p. 88-89, grifos do autor). As dimensões normativas da concepção *noumenal*, ou da coisa em si, (4) talvez sejam menos claras do que nos exemplos anteriores, uma vez que em sua versão original, ou transcendental, o *eu* fosse condição indispensável para toda e qualquer experiência humana, ainda que ele em si, o *self*, não nos fosse dado a conhecer-se ou a experienciar-se. O próprio Kant atribuía o *erro*, para além de outros tipos de disfunção humana, ao fracasso em perceber a lacuna entre o mundo *noumenal* e o universo fenomênico; na versão piagetiana posterior, por sua vez, o *self* está diretamente associado ao sujeito epistemológico constituindo-se na atividade mental adequada à construção dos sistemas de organização do mundo, quer sejam eles da ordem do mundo natural, quer sejam os mesmos da ordem do mundo social: "o que significa dizer que nosso sucesso como pessoas consiste primordialmente em nossa capacidade de organizar a realidade por intermédio das estruturas que lhe garantam um máximo de coerência, uma consistência explicativa e uma ampla variedade de perspectivas" (WREN, 1993, p. 88). Embora – tal como o *eu* kantiano – o *eu* como sujeito epistêmico não seja ele próprio o objeto em si, fornece um padrão inequívoco, profundamente cognitivo, para o sucesso humano. A versão naturalista da concepção *noumenal*, ou da coisa em si, implica que o equilíbrio intrapsíquico, tanto afetivo quanto cognitivo, seja *bom*, enquanto todo e qualquer desequilíbrio seja considerado nocivo. As últimas duas concepções atribuídas ao *self* são abordadas pelo autor por meio daquilo que ele denomina de *apenas uma palavra*. A concepção dialética (5) do *self* define: "um *self* bem-sucedido é aquele *eu* em constante interação com outros *eus* de tal forma que o mais relevante seja a relação que entre estes se estabeleça" (WREN, 1993, p. 90). Finalmente, a concepção identitária do *eu* (6), intimamente imbricada à sua visão dialética, sugere que o sucesso do *si* seja um percurso no qual se "tenha alcançado uma maneira própria de integração e autorrealização hermenêutica para a própria identidade que medeie sua autocompreensão proporcionando-lhe avanços a seus próprios horizontes culturais tanto quanto autobiográficos". (WREN, 1993, p. 90).

De forma geral, os esforços conceituais acima sumarizados nas seis tendências centrais às concepções do *self* mais reconhecidas são estratagemas teóricos, em sua grande maioria, distanciados da própria experiência do *si*, buscando caracterizar o *eu* por intermédio das principais tendências teóricas, que a questão crucial ao *self* é confirmar, de proposições que definam o que poderia ser considerado o seu sucesso. Depreende-se, desta prolongada exposição algum modo, o triunfo à sua própria trajetória. Permeando todas e quaisquer possibilidades apontadas anteriormente, a nós nos interessa uma perspectiva que venha a ser autorreferenciada visando contribuir para muito além de um possível sucesso normatizado; que favoreça ao *eu* uma maneira de caracterizar seu grau de êxito reconhecendo o empenho do *si* em legitimar a sua própria experiência humana sem que as perguntas teóricas, geradoras de sua avaliação, sejam nossa questão central; antes, porém, que sejam, em cada uma destas alternativas teórico-metodológicas, o espaço de ratificação do *triunfo de um si*. Estas garantias serão incontestavelmente uma conquista no esteio das questões do *si*, sejam quais forem nossas concepções.

Definida uma contextualização geral às discussões mais difundidas sobre a temática do *self* e de como suas vertentes mais reconhecidas concebem sua *natureza*, discorreremos a respeito do *self* como um autoconceito, ou *noção de si*, aqui entendido como uma espécie de *compreensão do si* que tenha por função estabelecer uma *noção de si* ao *si mesmo*, assumindo que as subjetividades durante sua trajetória de autorreconhecimento da própria singularidade perpassem, de algum modo, de forma mais ou menos consciente, diferentes momentos reflexivos e distintas aproximações daquilo que identifiquem como inerente a si mesmas. Tal processo, muitas das vezes contraditório, parece estar na raiz da construção daquilo que efetivamente é compreendido por personalidade, ou identidade, como resultado da constituição de um *self*.

> O eu é tanto relacional quanto individualista, tão subjetivo quanto objetivo, tão multifacetado quanto unificado. Esses dualismos são, no mínimo intrigantes, e não cessam por aí. Acima de tudo é na convicção dual mais enigmática que repousa toda a autoconsciência: o *eu* retém, ao longo do tempo e das circunstâncias, sua identidade essencial, enquanto permanece potencialmente permeável a todo e qualquer tipo de mudança razoável. (DAMON; HART, 1991, p. viii).[39]

A nosso ver, em tais oportunidades, as próprias individualidades empreendem uma busca que lhes atribua sentido. O êxito, ou triunfo do *si*, atribuindo sentido às suas experiências existenciais, será uma condição que se estabelece no decorrer do

[39] Tradução nossa.

autorreconhecimento, que derive de um processo reflexivo sobre recursos e potencialidades próprias à individualidade, como uma espécie de inventário de suas valências e de sua trajetória do qual resultará seu autoconceito. (DAMON; HART, 1991).

> Na definição mais abrangente que iremos adotar como marco de nossa investigação, a autocompreensão é o conhecimento de um indivíduo tanto do *self-como-objeto* quanto do *self-como-sujeito*; do *si-como-conhecido*, bem como o *si-como-conhecedor*; do 'eu' e do 'si'. A razão pela qual adotamos o termo 'autocompreensão' em vez de 'autoconceito' é tornar clara esta inclusão. (DAMON; HART, 1991, p. 10, grifos nossos).[40]

A partir desta proposição, evidencia-se que o percurso empreendido pelo *eu* contigencia uma grande gama de potencialidades cujo repertório seja a amálgama da constituição da imagem de si. Há, portanto, no processo de *autocompreensão do si* na constituição do *autoconceito de si*, na sobreposição e alternância entre o *si-como-objeto* e o *si-como-sujeito*, uma atribuição intrínseca de valor à imagem que o *eu* constroi de *si*.

> No presente contexto, 'si mesmo' será entendido no nível das representações que as pessoas têm de si. Não se trata, portanto, de um diagnóstico objetivo das características que definem a personalidade de alguém, mas, sim, de como este alguém concebe a si próprio. Para empregarmos um conceito cuja formulação verbal é mais explícita, *'si mesmo*' é um conjunto de *representações de si.* Notemos que colocamos 'representação' no plural para sublinhar que cada sujeito não tem apenas uma forma de ver a si mesmo, mas várias. (HARKOT-DE-LA-TAILLE; LA TAILLE, 2004, p. 72).

Passamos, portanto, à instância de como o *eu* (*self* como sujeito) concebe a *si* (*self como objeto*) constituindo representações que lhe atribuam um valor; valor próprio a seu existir. "Além de plurais, as representações de si possuem uma característica essencial para nosso tema: *elas são sempre valor*". (HARKOT-DE-LA-TAILLE; LA TAILLE, 2004, p. 72, grifos do autor). Assumindo-se aqui valor em seu sentido piagetiano, como um investimento afetivo sobre o objeto *si*.

> *Tudo é valor*, como pensava Piaget (1954), pois nossas relações cognitivas com os objetos pressupõem um maior ou menor investimento de nossa afetividade. Ora, o mesmo ocorre com este objeto singular que é o próprio eu, que, como vimos, é apreendido por meio das representações de si. A afetividade voltada para si próprio (narcisismo) faz com que tais representações sejam sempre valor. Logo, pensar sobre si é sempre julgar-se. E julgar-se implica pensar-se numa escala de valores (bom/mau, bonito/feio, forte/fraco, desejável/indesejável, etc.). Consequentemente, as representações de si devem ser pensadas em dois níveis: o que se julga ser e o que se almeja ser. (HARKOT-DE-LA-TAILLE; LA TAILLE, 2004, p. 72, grifos do autor).

[40] Tradução nossa.

Ao atribuir valor à sua existência em sua trajetória singular de significação de seu percurso humano-histórico, o *eu* vai se constituindo como substancialmente ético[41], uma vez que nossos valores acabam por corroborar um sentido de *humana-humanidade* na qual estamos inseridos e da qual estamos imbuídos; esta acepção ratifica aquilo que defendíamos anteriormente, tendo a ética por processo moral reflexivo de legitimação de princípios louváveis e justificáveis.

Ainda uma vez mais, a título de ilustração, cabe apontar algumas contribuições relevantes complementares às considerações elencadas anteriormente, retomando a concepção de identidade que frequentemente perpassa a questão do *self*. Em pesquisas realizadas por Blasi e Milton (1991), foram identificados modos, modulações e níveis de *coerência psicológica* na construção da experiência subjetiva do *eu*, o que, portanto, faz com que reiteremos a proposição de que a *vivência do si* por *si* seja eminentemente singular. A posição adotada por Blasi (1993, p. 100) converge para a discussão a respeito da ampla gama de concepções adotadas para os termos que se propõem a definir a *identidade*, ou seus equivalentes, como o tem sido o *eu* e o *si*, não se restringindo a um conceito único; seria, a bem da verdade, um vasto espectro de ideias críveis adotado tanto por psicólogos quanto por filósofos ou sociólogos. No processo de construção da concepção do que efetivamente seja, em sua opinião, a *identidade*, o autor afirma que a Psicologia passou a empregar a terminologia como referência especialmente a partir dos enunciados de Erikson[42] (1968), cujos postulados nos autorizam a tratar da *identidade* para referendar uma maneira específica do senso de *si* que seja mais consciente, mais individualizada e, especialmente, mais exaustiva, que se manifestaria a partir dos anos intermediários da adolescência. Defende um modelo de *self* – neste caso, especificamente, o *self moral* – e que, a rigor, é o cerne do presente trabalho, composto por três aspectos centrais, quais sejam: (a) a compreensão ética mais fidedigna, traduzida por julgamentos de responsabilidade pessoal, dando ascensão à uma possível ação moral; (b) a responsabilidade ética como resultado da integração da moralidade à identidade ou ao *senso de si*; e (c) da identidade ética deriva uma necessidade psicológica em tornar as ações de uma pessoa consistentes com seus ideais. "De acordo com este modelo, a identidade moral[43] desempenha um papel central, e a autoconsistência é a fonte motivacional básica da ação moral. Da identidade moral deriva uma necessidade psicológica

[41] Recuperamos a ressalva de que, para o recorte do presente estritamente, adotamos uma perspectiva positiva saudável das singularidades.

[42] Assumimos, em nossos trabalhos, a ressalva feita pelo próprio autor ao afirmar que esta referência não é exatamente do escopo - ou matriz teórica - das discussões assumidas pela vertente da psicologia moral.

[43] Fazemos a ressalva de que a concepção de moral adotada pelo autor em 1993 é, a nosso ver, pautada pelas discussões mais recentes da temática, a rigor, o que adotamos por ética.

em tornar uma ação consistente com seus ideais".[44] (BLASI, 1993, p. 99). Passamos, portanto, a admitir que a constituição do *self*, especificamente o *self moral* – ou ético –, seja fruto de um processo de construção do autoconceito que institui a integração de nossos valores ao *self*, atribuindo-nos um valor que pareça tornar digno o nosso existir.

Uma última contribuição a consolidar a multiplicidade de interações do *eu* em seu processo de atribuição de valor ao *si mesmo* pretende demonstrar que o processo de constituição do *self* é permeado por variáveis que contextualizam o seu lugar no mundo. "Esse reconhecimento tem grande importância, porque parece que a nova consciência moral tem sido inseparável de certo sentido de nosso lugar na história". (TAYLOR, 2013, p. 508). Conforme defendíamos anteriormente, portanto, a identidade constitui-se no processo dialógico do *eu* que se relaciona quer seja consigo mesmo, quer seja simultânea e inevitavelmente com o mundo; do mundo no qual *vivemos* – no sentido de *sermos* e *estarmos* sincronicamente – depreende-se valores quer sejam da ordem daqueles considerados inalienáveis e consolidados por toda a nossa história, quer sejam aqueles condizentes com a cultura e a época em que vivemos ou *Zeitgeist*[45]. Desta lógica, depreende-se que o que nos autoriza a sermos considerados humanos é *viver*[46] em consonância com seus pressupostos; neste contexto, somos exigidos a premiar alguns de seus pressupostos em nossa constituição de *estar* no mundo.

A partir de tais proposições de matriz filosófica, especialmente no escopo da filosofia moral, adotaremos por referência central alguns dos pressupostos defendidos por Taylor (2013), atentando especialmente para sua discussão a respeito da constituição de uma *identidade moderna*[47], o que, segundo este autor, perpassaria toda a composição do *eu* na atualidade. Para o filósofo, o *self*, em nossa tradição ocidental, desde nossas raízes afixadas no pensamento grego, está perpassada historicamente pela noção do *Bem*.

> Desejo examinar várias facetas daquilo que vou chamar de a 'identidade moderna' [...] a tarefa envolve o rastreamento de várias vertentes de nossa concepção moderna do que é ser um agente humano, uma pessoa ou *self*. Contudo, o processo dessa investigação logo mostra que não é possível formar uma ideia muito clara disso sem alguma compreensão adicional de como nossas representações do bem evoluíram. A individualidade e o bem, ou, em outras palavras, a identidade e a moralidade, apresentam-se como temas inextricavelmente entrelaçados. (TAYLOR, 2013, p. 15, grifos do autor).

---

[44] Tradução nossa.
[45] Terminologia de origem da língua alemã, cujo significado é: o espírito de um tempo, uma época.
[46] Significado como, simultaneamente, *ser* e *estar* na instância de constituição do *self*.
[47] Expressão adotada por Taylor (2013) como equivalente ao *self*; expressão esta que será tomada, eventualmente, de empréstimo para fundamentar algumas de nossas proposições.

Do ponto vista filosófico há, portanto, uma forte influência dos imperativos morais vigentes na contemporaneidade, que inegavelmente perpassam outros campos do conhecimento, constituídos ao longo dos séculos como questões centrais ao Ocidente, influenciando as subjetividades a buscar uma *boa imagem* de si em consonância com diretrizes intrinsecamente associadas ao sentido atribuído ao *Bem* pela tradição do pensamento ocidental, quer seja por influência greco-romana, quer seja por suas matizes judaico-cristãs que intensificaram parte de seus preceitos; e é em função disso que podemos afirmar que a autorrealização pressupõe que existam *bons* e *maus* propósitos cuja promoção faça sentido para nós. (TAYLOR, 2013). "A questão do sentido é incontornável no plano moral, e certamente não é por acaso que a anomia moral, ou o 'crepúsculo do dever', diagnosticados atualmente, são contemporâneos das dificuldades de encontrar um sentido para a vida e, logo, para as ações". (LA TAILLE, 2010, p. 112).

> Há questões sobre como vou levar minha vida que remetem ao aspecto de que vida vale a pena ter ou que tipo de vida vai cumprir a promessa implícita em meus talentos particulares, nas exigências incidentes sobre alguém com minha capacidade, ou do que constitui uma vida rica e significativa em contraposição a uma vida voltada para questões secundárias ou trivialidades. Trata-se de interrogações de avaliação forte, visto que quem as faz não tem dúvida de que se possa, ao seguir os próprios anseios e desejos imediatos, dar um mau passo e, em consequência, fracassar na tarefa de levar uma vida plena. Para compreender nosso mundo moral, temos de ver não só que ideias e quadros descritivos subjazem a nosso sentido de respeito pelos outros, mas também aqueles que alicerçam nossas noções de uma vida plena. (TAYLOR, 2013, p. 29).

Há, portanto, uma maneira de se estar no mundo de forma que a nossa existência possa valer a pena: um sentido constituído em premissas louváveis tanto para o próprio *si* quanto todos os outros, uma forma de estar em comunhão com o ser, digno dos prodígios próprios à humanidade.

A nós nos interessa a discussão proposta pelo autor e filósofo supracitado em especial na raiz da questão central da ideia por ele defendida apontando o *self* como uma *entidade* articuladora de uma boa imagem tendo por cerne a *identidade* vocacionada ao *Bem*, e, portanto, intrinsecamente ética. Não nos são desconhecidas críticas a esta perspectiva de abordagem filosófica de algumas das premissas da própria Psicologia, em especial, da psicologia moral, por alguns referenciada como *psicologia filosófica*; no entanto, a perspectiva por nós adotada é um dos prismas de aproximação à temática, entre tantos outros mais que legítimos que venham a contribuir para a discussão. Estamos cientes de que cada abordagem é meramente um dos filtros de aproximação ao fenômeno; outrossim, o recorte da

presente investigação teórico-empírica visa identificar o espectro de constituição de valores potencialmente éticos.

Desta maneira, a partir das discussões propostas pelos autores suprarreferendados, cientes de não termos absolutamente esgotado a questão, adotaremos por concepção a noção de *self* como sendo uma articulação de referências que orientam sua significação em consonância com um processo de construção e de tomada de consciência do *si mesmo*, a ocorrer durante toda uma existência; um processo de engajamento do *si* a valores que garantam uma trajetória que valha a pena ser vivida, dando e atribuindo valor e sentido ao próprio percurso humano-social. É na integridade do *eu* que reside a motivação mais profunda de fazer história, de construir a própria história, processo este que defendemos ser racional e, essencialmente, *affectivo*[48]. O *self* ao qual nos referimos é, portanto, um processo de construção de sentido, impermanente e inconcluso, em comunhão com o mundo de forma a legitimar uma *identidade*; uma *personalidade* que possa ser eticamente reconhecida, considerando-se aqui que a representação do *si* e, em especial, para o *si*, assuma sentido valorativo estritamente positivo, a partir de princípios louváveis (TUGENDHAT, 1991, p. 6[49]), no esteio das possibilidades morais legitimadas no contexto em que o *eu* esteja inserido tendo constituído uma moralidade própria, a despeito de todos os possíveis contratempos, e que seja seu sustentáculo ético. Ratificamos nossa posição a respeito da moralidade ética pautada em valores *self-regarding*, o que, portanto, justifica a discussão pertinente ao *self* demarcando nosso campo de discussões.

> A felicidade [...] não se resume a alcançar estados subjetivos momentâneos. Felicidade também inclui a idéia de uma vida autêntica [...] e autenticidade descreve o ato de obter gratificação e emoção positiva através do exercício das próprias forças pessoais, que são caminhos naturais e permanentes para a gratificação. (SELIGMAN, 2004, p. 288).

Defendemos, portanto, que uma *vida autêntica* seja uma busca quase que instintiva do *self* que se construa a partir de um percurso pendular[50] entre motivações pessoais singulares a cada um de nós, em interação constante com preceitos coletivos que vislumbramos como louváveis; neste movimento, perpassamos toda uma gama de experiências, reflexões e significações que constituem aquilo que efetivamente *estamos*; é, destarte, distinto de *ser*, uma vez que o movimento contínuo de constituição de *nosso si*, na integração daqueles

---

[48] O *affectivo* refere-se aqui à sua raiz latina, *affecto*, relacionado a algum tipo de motivação que mobilize nosso psiquismo.

[49] Em especial, do louvor e da culpa como prerrogativas da constituição da moralidade.

[50] Referência à obra de John Dewey especialmente referendada em suas discussões a respeito da hermenêutica em seu sentido ontológico.

valores que assumimos por nossos referenciais pessoais em um extremo do pêndulo, interage ininterruptamente com os príncipios coletivos inalienáveis que identificamos em outro limite: o que pode garantir que, neste exato momento, *estejamos sendo*; ou, conforme defendiam Damon e Hart anteriormente, "o *eu* retém, ao longo do tempo e das circunstâncias, sua identidade essencial, enquanto permanece potencialmente permeável a todo e qualquer tipo de mudança razoável". (1991, p. viii). Ao que completaríamos: especialmente àquelas que lhe possam atribuir um valor inestimável. Não há garantias de imutabilidade neste processo, ainda que haja um mínimo de estabilidade que mantenha a nossa identidade; é uma construção contínua de legitimação daquilo que realmente nos importa. O triunfo de nosso *si* é, desta maneira, uma expressão do grau de satisfação, ou felicidade, que nos é possível reconhecer em nosso processo genuíno e único de construção de nossa subjetividade.

2.5 AFETO E AFETIVIDADE

O afeto e a afetividade a serem por nós discutidos estão perpassados pelo significado que os associa à sua raiz, de origem latina, qual seja, o *affecto*.

Nesta acepção, o *affecto* tem um significado muito mais abrangente que aquele usualmente encontrado no senso comum; está radicalmente imbricado a tudo aquilo que desencadeie uma mobilização psíquica de uma individualidade, àquilo que a inspire, que a faça almejar, ambicionar, desejar... Adotada esta perspectiva, ficam delineados tais conceitos a partir de uma mobilização psíquica que motive uma singularidade em busca de algo. Em sua concepção *walloniana*, o afeto está referenciado pela potência de alguém em ser impactado – positiva ou negativamente – por sensações, emoções ou sentimentos próprios, sejam estes espontâneos ou estimulados pelo meio; é um dos aspectos funcionais que interage com o ato motor e a cognição na construção do conhecimento e no processo de desenvolvimento do indivíduo como um todo (WALLON, 2007). Em sua concepção *deleuziana*, o afeto é efetivamente anunciado pela terminologia *afecto*[51] designando devires que transcendem, transbordam à individualidade que é diretamente *afectada*, excedendo suas próprias forças, impactando outras singularidades e eternizando-se, assim, como um complexo de sentimentos e sensações (DELEUZE, 1988-1989). Reconhecemos que o afeto e suas diferentes manifestações possam nos alcançar positiva ou negativamente, no entanto, assumiremos como

[51] Deleuze, em sua concepção mais ampla de *afecto*, associa-o à expressão de uma obra de arte atribuindo eternidade a um complexo de sensações.

premissa única e exclusiva de nossas reflexões, como já defendemos anteriormente, aqueles que mobilizem positivamente a subjetividade à qual se apliquem.

Ainda algumas considerações complementares em relação à afetividade se nos parecem necessárias. Historicamente, a afetividade foi entendida pelos tratados mais clássicos da Psicologia como sendo uma contrapartida à razão. Afeto e razão seriam polaridades da psique humana, atuando alterna e (ou) contraditoriamente na interpretação e significação de nossas experiências. Neste sentido, grande parte de nossas conquistas frente ao patrimônio cultural da humanidade, seus progressos e conhecimentos seria atribuída única e exclusivamente ao domínio da razão; à afetividade, tradicionalmente, corresponderia o papel da desestabilização; fruto de emoções, sentimentos e paixões, seria então um campo obscuro da psique humana não dominável e cujos resultados poderiam ser incontroláveis. Este binarismo exerceu extrema influência nas diretrizes teóricas que inauguraram nosso *corpus teórico* – a psicologia moral –, pautando um sem número de pressupostos que contribuíram para a sua legitimação científica e corroboraram a manutenção desta lógica por décadas; o mesmo dualismo, perpetuando-se como premissa, fundamenta boa parte das críticas a este campo do saber, especialmente naquilo que tange supostamente à negação da legitimidade dos efeitos do *affecto* em nosso psiquismo. Há que se considerar, portanto, irrefutavelmente que "[...] no estudo da moralidade humana, a representação de valores sociais e as necessidades afetivas dos sujeitos, inerentes aos conflitos morais enfrentados no cotidiano", (ARANTES, 2003, p. 111) sejam efetivamente abalizados em seus métodos e suas reflexões, posto que compõem uma perspectiva efetiva de compreensão das motivações subjetivas genuínas. Perguntavam-nos, com pertinência, Marimón e Sastre a respeito do que seria dos sentimentos e impressões experimentados por nós diante de uma obra de arte se tudo em nosso psiquismo se restringisse única e exclusivamente aos atributos da razão. Reflexão complementada pelas autoras com proposição de Einstein: "O intelecto tem pouca importância na via do descobrimento. Há uma faísca na consciência, chame-se intuição ou como se quiser, que traz a solução sem que se saiba como nem por quê" (2014, p. 65). Destarte, *construímos nossos universos*[52] singulares pautados por disposições as mais diversas de nossas individualidades.

Evidências há de que a afetividade tem forte influência frente a sentimentos que favoreçam a descentração, contribuindo para a capacidade de se projetar para além dos interesses mais individuais ou imediatos, colaborando significativamente para a conquista de uma possível autonomia moral. Arantes (2003, p. 123) apresenta-nos uma de suas pesquisas

[52] Referência ao título da obra supracitada de Marimón e Sastre.

cujos resultados levam a reflexões relevantes: “ao estudar como o estado emocional atua na organização do pensamento humano, vimos como ele pode constituir em força motivacional ética que possibilita uma integração entre os desejos e deveres”.

> Nossa pesquisa demonstrou que a afetividade influencia de maneira significativa a forma com que seres humanos resolvem os conflitos de natureza moral. Indicou também que os estados emocionais influenciam nossos pensamentos e nossas ações tanto quanto nossas capacidades cognitivas [...] ao sermos solicitados a resolver problemas, a forma em que organizamos nosso raciocínio parece depender tanto dos aspectos cognitivos quanto dos aspectos afetivos presentes no funcionamento psíquico, sem que um seja mais importante que o outro. (ARANTES, 2003, p. 123).

Demonstra Arantes, em sua argumentação ao longo de sua discussão, o papel fundamental da afetividade na maneira como as individualidades se dispõem a enfrentar dilemas e conflitos da ordem da moral e da ética inerentes à convivência no cotidiano dos seres humano-sociais.

> Para uma compreensão mais completa da moralidade, é necessário considerar a complexidade que nos permite olhar para as experiências particulares de cada um, sujeitos singulares e diferentes. Sujeitos que têm um sistema de valores (morais ou não), que têm sentimentos, desejos, necessidades, etc. (ARANTES, 2003, p. 123).

A partir dos pressupostos expostos acima, assumiremos afeto e afetividade em seu sentido mais amplo, bem como inerentes à constituição da moralidade; em especial, da moralidade reflexiva a partir da qual se instaura a ética. Há, para nós, portanto, uma profunda vinculação entre o *affecto*, a *affectividade* e suas influências sobre a constituição das personalidades éticas. Neste sentido, salientamos que ainda que a afetividade, a rigor, seja o espaço da condição humana no qual as interações interpessoais *affectem*, de algum modo, uma subjetividade, podendo manifestar-se de distintas formas (WALLON, 2007[53]), em nosso recorte, a afetividade e, portanto, todo e qualquer aspecto dela decorrente, assumirá o caráter específico de um território[54] – ou campo de ação próprio às interações intersubjetivas significativas – exclusivo de emoções, sentimentos e paixões que mobilizem de maneira pró-ativa nossas potencialidades reflexivo-afetivas; destarte, o afeto estará intrinsecamente

[53] Ainda segundo Wallon, a afetividade poderia ser expressa de três maneiras específicas, a saber: emoção, sentimento e paixão.

[54] Reconhecemos que os termos *território* e *vínculo* sejam de uma matriz teórica alheia àquela por nós adotada; no entanto, assumiremos esta terminologia na tentativa de demonstrar a complexidade de algumas das manifestações humanas que ultrapassam os silogismos desta ou daquela tendência.

vinculado a uma mobilização psíquica que desencadeie algum tipo de laço – ou vínculo – frente a outra individualidade[55], atribuindo significado a uma relação.

Demarcadas tais fronteiras às concepções por nós adotadas, passaremos a delimitar duas instâncias da afetividade que, a nosso ver, são centrais às personalidades éticas; a fim de estabelecer a diferenciação entre a afetividade que entendemos estar associada à moral e aquela correlacionada por nós à ética, recorreremos, uma vez mais, a uma fonte de inspiração filosófica na qual identificamos possibilidades de diálogo visando à compreensão da complexidade dos processos psíquicos subjacentes à construção das personalidades, sejam elas morais ou éticas. No limite, há dois valores cruciais à constituição ética, quais sejam, a justiça e a felicidade, correspondentes respectivamente aos extremos da moral, de um lado, e da ética, de outro. Destes pressupostos valorativos decorrem *morais* complementares: uma fundamentada no princípio da justiça e outra fundamentada pelo princípio da felicidade. A moral associada à justiça corresponde, a bem da verdade, a uma *moral de mínimos*, enquanto a moral associada à felicidade é traduzida por uma *ética dos máximos* (CORTINA, 2009). Neste sentido, a primeira vertente da *moral*, pautada pelos direitos e, portanto, àquilo que possa ser moralmente exigível, levar-nos-ia de volta à questão: "*O que devo fazer?*"; enquanto a segunda espécie de *moral*, com sua inspiração pautada pelo ideal do *Bem* tanto quanto por preceitos associados ao eticamente aconselhável, de algum modo intrinsecamente associado ao ideal do bem comum, conduzindo-nos a uma possível felicidade, retomaria, portanto, a célere questão: "*Que vida quero levar?*". (KANT, 1986; LA TAILLE, 1996; CORTINA, 2009; ARAÚJO, 1996, 2003; HARKOT-DE-LA-TAILLE, 1999; SOUZA; VASCONCELOS, 2009; DIAS, 2013).

Pautadas por estes pressupostos, defenderemos que uma personalidade moral estará endossada por aquilo que é moralmente exigível e, portanto, tem como pressuposto uma moral de mínimos, enquanto uma personalidade será efetivamente ética se, e somente se, estiver perpassada por princípios daquilo que é eticamente aconselhável, ou seja, pautada pela ética dos máximos; dito de outra forma, mínimos e máximos têm como suas respectivas fronteiras "*o que é justo?*" a partir do primeiro, e o "*o que é bom?*" para o segundo. Tais considerações fundamentam nossa afirmação de que a *personalidade moral* pautada por preceitos do dever e das normas, da legalidade e da coerção, das obrigações e do contrato, do estritamente necessário está arraigada às metas e expectativas de um cidadão, o que, portanto,

[55] A discussão relativa a laços possivelmente estabelecidos com outras espécies de seres vivos para além da humana ou para com seus bens, sejam estes da ordem material ou imaterial, não faz parte do escopo do presente trabalho, ainda que não neguemos a sua existência.

torna-a inerente à instância daquilo que poderíamos chamar da dimensão do cívico, e associado ao que denominaremos de ***afetividade-cívica*** **regida rigorosamente pelo cumprimento da lei para si e para os demais**; a *personalidade ética*, por sua vez, é regida por uma espécie de convite ao exercício do plenamente humano, por alianças e por projetos, pela gratuidade e pela graça, pela liberdade, na dimensão dos vínculos que estabelecemos para com aqueles que assumimos como semelhantes, tendo por meta a própria pessoa humana em toda a sua diversidade, pautada por aquilo que aqui nomearemos por ***afetividade-vínculo*** **projetada sobre o exercício da virtude por si, para si e pelos demais**. (BRAZÃO, 2012; CORTINA, 2009; SOUZA, 2006). Grosso modo, lei e virtude, delineiam as prerrogativas por nós assumidas nas relações que mobilizam nossa potencialidade de nos **afetar com o outro** ou de nos **afetar pelo outro** e, portanto, associadas à ***afetividade-cívica*** e à ***afetividade-vínculo***, respectivamente. Esta perspectiva nos permitiria inferir que a afetividade, seja ela da ordem cívica, seja ela da ordem do vínculo, são instâncias de gradação da mobilização psíquica inerente à significação e continuidade do laço que se institui entre as singularidades; de modo algum associadas aos estágios de desenvolvimento moral na gradação clássica entre heteronomia e autonomia; poderão manifestar-se enquanto complementares sem no entanto serem necessariamente consecutivas[56].

Ainda que nosso interesse central esteja pautado pela *afetividade-vínculo* e suas respectivas influências sobre uma *personalidade ética*, a nós nos coube salientar algumas premissas daquilo que a diferenciaria de seu paralelo, por nós intitulada como *afetividade-cívica*, considerando a frequência que estas duas instâncias da afetividade possam se apresentar sobrepostas. Grosso modo, seria possível associar a *afetividade cívica* àquilo que anteriormente denominávamos por *personalidade moral* e, a *afetividade vínculo*, ao que denominamos – e adotamos por premissa central de nosso interesse – de *personalidade ética*. Dito de outra forma, conjugando as mesmas premissas a partir de uma orientação de outra ordem, poderíamos considerar a ***afetividade-cívica*** como aquela que se permite ser *afectada* por um ***outro generalizado***, e a ***afetividade-vínculo*** aquela que abre espaço próprio ao ***outro concreto*** (BENHABIB, 1992).

Demarcadas tais distinções, passaremos a nos dedicar exclusivamente à *afetividade-vínculo*: toda e qualquer menção em nossos trabalhos, seja ao afeto ou à afetividade, passará a ter por pressuposto, a partir de agora, sua potencialidade em gerar laços – ou vínculos – no espaço próprio das relações intersubjetivas que predisponham ao querer agir eticamente

[56] Distinguem as instâncias da afetividade cívica e afetividade vínculo a continuidade do "laço" que se estabelece entre as singularidades sujeito e objeto da mobilização psíquica inerente ao *affecto*.

motivando as singularidades a uma trajetória que a constitua como personalidade ética; trajetória esta pautada, de algum modo, pela busca de seu próprio *bem*, do *bem* para e pelos outros e do *bem* à coletividade; *bem* este partícipe incondicional do *triunfo do si* em sua busca pela própria felicidade: felicidade aqui entendida em sua concepção socrática, para quem a felicidade seria o bem maior da alma, como consequência de uma conduta justa e virtuosa. Tal perspectiva nos remete a resgatar aquilo que se nos apresentava associado respectivamente a uma moral de mínimos e a uma ética dos máximos. Há, portanto, intrinsecamente, uma causalidade que nos remete à fórmula: pode haver moral sem que se alcance a ética; não há, no entanto, ética sem moral.

Lembramos que alguns autores debruçados sobre o tema têm atentado para o fato de que a motivação ética para o próprio bem é tão legítima quanto aquela dedicada ao bem alheio; neste sentido, fazemos referência ao *self-regarding* como possibilidade de premiar a ética projetada sobre o próprio *si*, como anteriormente já defendiam, em 1996, Campbell e Christopher (1996). É preciso superar o aparente pudor que perpassa grande parte de nossas discussões referentes à Ética, que partem do pressuposto de que ser ético seja única e exclusivamente atributo daquele que se move pautado por princípios de interesse alheios ou transcendentes ao *si* mesmo, *other-regarding*, aparentemente inspirados por uma tradição judaico-cristã: os desafios da contemporaneidade demonstram ser este um *empoderamento* a exigir grande esforço para consigo mesmo, visando salvaguardar a própria felicidade; são, desta maneira, ainda mais intangíveis nossos recursos para garantir a felicidade alheia. De modo algum esta ressalva pressupõe uma possível defesa de qualquer que possa ser uma motivação ilícita, antes, porém, visa anunciar que a motivação ao bem, em uma busca legítima pela própria felicidade, é um direito inalienável das subjetividades. O que defendemos é que a motivação para o *Bem* possa ser exclusivamente pessoal na busca dos próprios propósitos, sem que esta iniciativa esteja a ameaçar os interesses de quem quer que seja, desde que estes objetivos não corrompam o bem comum e, muito menos, o direito à felicidade do outro[57].

Uma última ressalva se faz necessária ao abordarmos a afetividade como uma amálgama ética das representações de *si*, sem as quais, a nosso ver, não se constitui efetivamente uma personalidade ética: o *affecto* é uma mobilização psíquica que subjaz ao exercício daquilo que há de mais humano em nós, de nossos projetos, da liberdade de ser quem se é por estar convicto de que sua própria existência valha a pena, das convicções que

[57] Fazemos novamente a ressalva de que, ainda que seja incontestável haver personalidades que assim o compreendam, o recorte de nossa discussão pressupõe os aspectos positivos e saudáveis das singularidades.

se constroem pautadas em valores reconhecidamente louváveis, do *afectar-se* pelo outro cuja existência é tão valiosa quanto a nossa... Nas relações intersubjetivas significativas, o humano se constrói estabelecendo laços e vínculos que ratificam a valia de sua existência. Na instância da afetividade o *si* se legitima como valioso nas relações que estabelece para consigo mesmo e para com os demais...

2.6 SENTIMENTOS CONSTITUTIVOS DE UMA BOA IMAGEM

Pois de ***amor*** andamos todos precisados,
em dose tal que nos alegre,
nos reumanize,
nos corrija,
nos dê paciência e esperança,
força,
capacidade de entender,
perdoar,
ir para a frente.

Carlos Drummond de Andrade
19 de janeiro de 1966
(grifos nossos)

Completa o poeta em sua crônica publicada pelo Correio da Manhã sobre as críticas que vinha recebendo a composição "A Banda", de Chico Buarque de Holanda, em determinado trecho no qual propunha ver "a banda passar, cantando coisas de amor": "Amor que seja navio, casa, coisa cintilante, que nos vacine contra o feio, o errado, o triste, o mau, o absurdo e o mais que estamos vivendo ou presenciando." (DRUMMOND, 1966).

Os sentimentos parecem ser uma constante de ilações e inquietações humanas das mais distintas fontes e origens. À medida que uma reflexão mais efetiva leva à busca por uma compreensão mais específica de suas motivações genuínas, duas questões se nos colocam: (1) os sentimentos são um conteúdo constante das manifestações humanas, no entanto, pouco explorados – por investigações e discussões teóricas – em seus aspectos saudáveis e (ou) positivos; (2) tratar de afetos e sentimentos em nosso meio ainda parece ser um grande tabu, a não ser que seja para abordar o tema por um viés patológico.

> Vigotski vislumbrou que as emoções implicam estados contraditórios na *técnica social dos sentimentos* (1925/1971); emergem historicamente sem perder suas raízes biológicas (1930/1997b); tornam-se isoladas dos instintos (1932/1998); consistem em fortes motivações, que influenciam nosso

> comportamento (1933/1998); e desenvolvem-se e adquirem sentido e significado (1934/1987b). (MAGIOLINO; SMOLKA, 2013, p. 104).

Em um levantamento feito, de forma meramente exploratória, em dois portais mais frequentemente acessados para as discussões da área, apontou que o primeiro assinalou 2524 publicações com o descritor "*feelings*", enquanto o segundo apresentou 1498 possibilidades para o descritor "*sentimentos*". O que se constata neste levantamento é que a grande maioria das publicações atenta para os aspectos patológicos dos sentimentos, ou, em outras palavras, para as disfunções de ordem emocional provocadas pelos sentimentos. O segundo portal possui mais da metade de suas publicações associada à questão da saúde e suas possíveis consequências. Evidencia-se, assim, que nossa hipótese – ao início das discussões do presente capítulo – de hipervalorização dos aspectos menos saudáveis do psiquismo humano é plenamente confirmada por intermédio destas pulicações.

Recuperamos dados levantados por nós em pesquisa de campo realizada no decorrer do ano de 2019 com duzentos e quarenta adolescentes (STACH-HAERTEL, 2009) cujo objetivo fora identificar características que, segundo os participantes, fariam com que uma pessoa desconhecida conquistasse a sua consideração. Algumas características surgiram com maior incidência: respeito[58], coragem e responsabilidade estiveram no topo da lista; todas indiretamente associadas a alguma espécie de sentimento. Ainda que as qualidades atribuídas às personagens genéricas estivessem perpassadas pelo viés de gênero, evidencia-se uma associação direta entre o valor facultado a uma pessoa e uma característica sua genuinamente moral diretamente proporcional à boa imagem dela decorrente.

A partir destas premissas, a nós nos parece relevante buscar identificar algumas prerrogativas dos sentimentos que possam vir a contribuir para a constituição de valores éticos para as subjetividades; sendo o afeto tanto a raiz da maior parte dos sentimentos saudáveis quanto matéria-prima de uma representação valorativa do *self* em sua integração com sua dimensão ética, apontaremos algumas das possíveis variáveis que possam contribuir neste processo.

Como vimos, os sentimentos pautam grande parte das avaliações pessoais que fazemos de outras pessoas (STACH-HAERTEL, 2009) e, portanto, de algum modo haverão de nortear nossa leitura de mundo sobre a dignidade e, consequentemente, intrínsecos ao *valor* que se

---

[58] Os resultados da pesquisa estão disponíveis em nossa dissertação publicada em 2009; apenas a título de ilustração, mencionamos como exemplo o atributo respeito com maior incidência e seu respectivo viés de gênero: (1) quando associado ao agente masculino, o respeito era significado por uma espécie de gentileza - o homem respeitoso é aquele que é gentil com alguém (abre uma porta, ajuda a travessia de idosos, entre outros), enquanto que (2) este mesmo atributo, quando associado ao gênero feminino, era um respeito por si mesma traduzido pela expressão "dar-se ao respeito".

atribui àqueles; esses sentimentos, grosso modo, poderiam ser investigados a partir de duas abordagens, a saber: (1) sentimentos morais espontâneos; e (2) sentimentos relacionais pautados por um investimento afetivo. Salientamos que as duas categorias de sentimentos aqui relacionadas são, a rigor, uma espécie de abstração da autora a partir de pesquisas realizadas. Para atentar aos primeiros, trataremos da compaixão e da simpatia; para os segundos, admiração e amor. Os três primeiros serão imputados à conta de formas privilegiadas de favorecer a descentração[59], enquanto o último demandará alguns esclarecimentos.

Segundo Tugendhat (1993, p. 11), dois sentimentos morais eclodiriam espontaneamente sem a necessidade de qualquer esforço ou investimento afetivo específico de nossa parte: seriam eles a compaixão e a simpatia. Adam Smith, em seus tratados sobre a Ética, já no século XVIII, propôs, a partir de algumas das ideias de Hume, que a "faculdade de participar das emoções de outrem, sejam elas quais forem" (Theory of Moral Sentiments, 1759) é uma habilidade humana que constituiria a base da *vida moral*. (GOLDIM, 1999).

> A preocupação com os processos por meio dos quais os seres humanos se colocam uns no lugar dos outros e usam essa habilidade para manutenção da vida em sociedade foi objeto de preocupação de filósofos como Adam Smith, Leibniz e Rousseau (Alves, 20012). Autores como Hume (2000/1739) propunham que as mentes humanas funcionam de maneira muito semelhante e que um afeto que ocorre em uma pessoa é passível de ocorrer nas demais, sendo esse processo denominado de simpatia. Tal como as cordas de um instrumento afinado em um mesmo tom, a simpatia faria com que, a partir da observação das manifestações afetivas alheias, os sentimentos passassem prontamente de uma pessoa à outra, provocando uma espécie de contágio emocional. (SAMPAIO et al., 2013, p. 393).

Neste sentido, adotaremos por pressuposto haver sentimentos, tais como os acima apontados, que nos predisponham à descentração, em seu sentido piagetiano, e que, portanto, permitam colocarmo-nos no lugar do outro sem estabelecer necessariamente vínculos, exigindo unicamente um mínimo de empatia. A partir deste enfoque, os sentimentos assumem papel central na construção da imagem do outro. De algum modo, a nós nos parece que só possa haver a construção da imagem de um outro uma vez que a imagem do si tenha sido constituída; é portanto, a partir daquilo que viemos defendendo, uma *capacidade* inerente à uma personalidade ética.

---

[59] A descentração, em seu sentido piagetiano, é conforme defende Dias: "no momento em que os sujeitos são capazes de autonomia moral, ou seja, quando os pensamentos se tornam reversíveis, descentrados, quando pensam pela reciprocidade, as ações de cooperação e justiça tornam-se necessárias para o sujeito" (DIAS, 2013, p. 34).

> Compadecer é "*sofrer com*". Ter compaixão é a virtude de compartilhar o sofrimento do outro. Não significa aprovar suas razões, sejam elas boas ou más. Ter compaixão é não ter indiferença frente ao sofrimento do outro. David Hume, quando definiu o termo ***simpatia***, no seu Tratado da Natureza Humana (A Treatise of human nature. 1738) dizia: *"Ninguém é completamente indiferente a felicidade ou a miséria dos outros"*. Algumas pessoas entendem que isto não é uma virtude, mas sim um sentimento, que pode receber a denominação de Simpatia ou de Empatia. (GOLDIM, 1999).

Tratemos da segunda instância de sentimentos, aquela que mais diretamente nos *affecta*, implicando, portanto, em um investimento afetivo e em uma mobilização efetiva de nossas emoções e que, conforme definíamos anteriormente para a nossa abordagem específica, a admiração e o amor.

No esteio das discussões que viemos defendendo em uma tentativa teórica de compreender nuances da constituição do que há de mais humano em cada um de nós e do engajamento deste princípio singular naquilo que permeia as relações que estabelecemos conosco mesmos, com os demais e, como seres sociais que somos, com o coletivo - a pátria humanidade - as do Eu e dos processos relacionais humanos em suas múltiplas possibilidades das relações que estabelece.

A admiração será assumida como uma forma particular de buscar o valor que se atribui ao outro significando tais preceitos como valores para nós mesmos; admitindo-se assim que aqueles possam servir de parâmetros à instituição dos próprios. O que é considerado *valioso* encontra espaço na constituição subjetiva do *si como valor*. Encontra-se poucas discussões sobre os aspectos constitutivos saudáveis e (ou) positivos do sentimento de admiração em compêndios da nossa área.

O amor nos exigirá algumas linhas a mais.

Indubitavelmente, há uma instância de amor idealizado que se constitui a partir de emoções controversas. O amor idealizado traduzido na afirmação de Comte-Sponville[60] (2007, p. 248) "outrora formávamos um todo completo [...] outrora éramos um; mas eis-nos separados de nós mesmos, não parando de buscar aquele *todo* que éramos. Essa busca, esse desejo é o que se chama amor, e, quando satisfeito, é a condição da felicidade." Neste sentido, o amor idealizado é uma forma de buscar preencher um espaço que nos parece ser território alheio, que só nos dimensiona em nossa humanidade na medida em que possa ser compartilhado com nós mesmos e, portanto, um espaço, uma espécie de *vazio* ancestral de responsabilidade do outro.

---

[60] A rigor, uma referência do autor ao discurso de Aristófanes na obra *O Banquete*, de Platão.

Não é desta espécie de amor que tratamos em nossa pesquisa. Tratamos, a bem da verdade, de uma categora específica de amor que transcende a pessoalidade, de uma espécie de *affecto* que nos leva a nos solidarizarmos com o outro: é o amor propagado em crônica de Drummond que nos leve adiante, que nos conforte, que nos impulsione na direção do ser humano que desejamos ser, "que nos vacine contra o feio, o errado, o triste, o mau, o absurdo e o mais que estamos vivendo ou presenciando... ". Esta espécie de amor em nada é patológica, em nada é possessiva, em nada é violenta, fatos estes que nos fazem reafirmar a importância dos aspectos saudáveis ao psiquismo humano. Amor este declarado pelos jovens às pessoas que identificaram como sendo dignas de seus sentimentos mais louváveis: respeito, admiração, conforme o demonstram nossas pesquisas. Defendemos que estes devam ser conteúdos abordados com as subjetividades éticas em formação, quer seja na família, na escola, nas instituições coletivas de atendimento a nossos jovens... Abordar sentimentos como objeto de reflexão nas instâncias de formação das futuras gerações.

2.7 ÉTICA E EDUCAÇÃO

> Ora, tamanha responsabilidade cobra o processo educativo enquanto dever humano de todos para com todos, que é óbvio que ele não pode se dar de qualquer maneira. Por isso, a educação foi, é e sempre será um dos principais campos de disputa entre humanos. Que sociedade queremos construir? Que tipo de seres humanos queremos formar? (SOUZA, 2006, p. 236).

A educação, desde os primórdios de sua organização institucional, manteve-se fiel aos valores dominantes das coletividades em que é materializada; vinculada, por intermédio de suas práticas, a princípios hegemonicamente legitimados e arraigados há séculos, pouco tem sido palco das reflexões[61] que lhe seriam próprias como espaço ímpar à construção de um projeto de humanidade.

Assumida tal perspectiva, a questão nos parece estar primordialmente pautada, de forma mais abrangente, em uma coletividade mais ampla, da ordem do social, ou, de uma forma mais restrita, nos interesses específicos dos coletivos que se instauram em nossas instituições: disputas ideológicas, reprodução, necessidade de segurança por intermédio da manutenção e perpetuação do estado atual das coisas são inerentes ao humano; no entanto, são

[61] Temos testemunhado grande número de disputas e discussões que pouco têm contribuído para uma reflexão mais aprofundada a respeito dos propósitos humanos da educação.

impasses que se colocam ao ato educativo e cujas consequências não nos autorizam a ignorá-los.

A *instituição escola*, em sua configuração atual, não tem incentivado a reflexão que nasce das possibilidades próprias à diversidade da qual é constituída, palco no qual consequentemente são encetadas interpretações singulares do mundo em que vivemos e nos apontam caminhos frente a relações sociais que estabelecemos junto a quem nos *affecta*[62] como um espaço de inserção para além do familiar. Este patrimônio próprio à riqueza da *instituição escola* tem sido sobrepujado por demandas e interesses de toda ordem, ocultando as suas mais reais potencialidades. Suas práticas, suas rotinas estão "atravessadas por processos administrativos vinculados à organização institucional que investe num saber-repetição, ou seja, num saber padronizado em uma cadência, frequência e circuitos" cujo ciclo se completa por intermédio de seus processos próprios que pressupõem fazer do educador "uma figura importante e cuja premissa é a equalização dos educandos" (ROCHA, 2013, p. 37-38).

É inegável que o *diferente* sempre foi uma ameaça às nossas instituições; não seriam as educativas as primeiras a liderar a sua suplantação... Ou seriam? Reconhecemos, no entanto, um esforço efetivo e louvável de parcela representativa dos educadores em repensar uma lógica que está posta; lamentavelmente, apesar disso, em sua grande maioria, suas práticas têm se mostrado profundamente imbricadas a um mesmo paradigma: da negação da contradição. Poucas tem sido as alternativas que realmente se efetivam neste campo próprio de interesses tão profundamente controversos; neste sentido, ratificamos a importância de identificarmos estes matizes buscando alternativas que nos permitam um posicionamento diante da lógica que nos está posta; posicionamento este que, no entanto, de forma alguma, equivalerá à adoção, ou submissão obrigatória a uma das perspectivas que nos tenham sido apresentadas. Como bem aponta Rocha (2013, p. 46), o risco que corremos, nesta instituição consolidada em suas práticas, é de que "algo que foi novo, que anunciava mudanças" reverberando caminhos anteriores venham novamente a se institucionalizar "por práticas e estabilização dos processos", vindo a ser, como dantes, nada mais que um esforço em "assegurar a sobrevivência, assegurar posições passa a se constituir palavra de ordem". Para muito além disso é, a bem da verdade, uma possibilidade de reinvenção, suplantando o conhecido, arriscando em direção ao nunca experienciado.

---

[62] Referência à origem latina da palavra, em uma alusão ao sentido do afeto que *inspira*, que *nos faz almejar algo*, que *nos impulsione* em direção a algo.

A *reprodução* de toda a ordem, seja ela ideológica, pragmática ou mesmo alienada, ameaça a construção das coletividades que se constituem a partir de sujeitos humanos históricos cientes e conscientes de seus próprios ideais, valores e projetos, demandando de um território próprio cuja edificação se faça no exercício ininterrupto do aprender a *ser* e que, portanto, seja garantido pelas gerações que os antecederam. Impor uma forma única de experienciar suas potencialidades, a nós, parece-nos suprimir algumas das condições indispensáveis à construção do que há de mais humano em cada um de nós: a nossa singularidade. Reproduzir o que está posto ou estresir um padrão imposto são, a nosso ver, duas faces de uma mesma moeda. Neste sentido, defendemos que repensar a lógica é uma das possibilidade que se nos coloca visando assumir a responsabilidade pelo mundo que queremos, conforme bem o definiu Hannah Arendt (1972, p. 247): "[...] a educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para nos responsabilizar por ele [...]".

Em nossa opinião, é inadiável uma opção dialógica que nos permita compreender a complexidade dos fenômenos que se nos estão postos na atualidade, alternativas estas que ultrapassem as fronteiras de confortáveis opções teórico-metodológicas conhecidas. Há questões prementes a exigir que reinventemos a nossa maneira peculiar de nos constituirmos como humanos enquanto seres genuinamente coletivos e portanto, incondicionalmente políticos[63]...

Neste sentido, importante contribuição a esta reflexão defende haver a:

> [...] necessidade de incorporarmos, no cotidiano de nossas escolas, o trabalho sistematizado com os sentimentos e afetos, rompendo com aquelas concepções educacionais que fragmentam os campos científico e cotidiano do conhecimento, e as vertentes racional e emocional do pensamento. Para tanto, precisamos ter coragem para mudar a educação formal e transformar os sentimentos, as emoções e os afetos em objetos de ensino e aprendizagem. (ARANTES, 2003, p. 124).

Dentre os muitos aspectos[64] possíveis a permear a presente reflexão, três nos parecem ser centrais a um panorama minimamente adequado à discussão proposta: (a) o primeiro advém, efetivamente, de uma história secular reproduzida e perpetuada pela própria corporação educativa que a sacramenta por intermédio de seus expedientes mais que tradicionais; (b) um segundo aspecto emerge na atualidade, a nosso ver, a partir de um movimento de resistência ao primeiro enquanto lógica que permeia a manutenção de

---

[63] Assumimos o conceito de política, ou "*boa política*" de acordo com a concepção defendida por Janine (2005) em sua discussão a respeito do afeto autoritário; Ainda que seja inconteste a relevância do tema não o abordaremos de forma mais detalhada no presente trabalho.

[64] Assumiremos o termo "aspecto(s)" em toda a nossa discussão teórica e em especial durante a posterior discussão empírica como equivalente a uma tendência identificada em determinado fenômeno.

privilégios cujas consequências ainda não nos são possíveis aferir; e (c) um terceiro, que de forma alguma pretende esgotar todas as variáveis da complexidade do processo educativo, está pautado por mecanismos que priorizam o desenvolvimento da inteligência, que seja preferencialmente mensurável, em detrimento do exercício do pensar. Cada um dos aspectos acima anunciados, entre tantos outros possíveis de serem apontados, foi por nós vivenciados por praticamente uma década durante a qual estivemos vinculadas a uma instituição formal de ensino do segmento público de educação básica em seus anos iniciais. Retratam, portanto, alguma experiência prática vivenciada no decorrer daquele período.

Incontestavelmente, o ambiente escolar conta com um contingente incomensurável de profissionais engajados, de forma mais ou menos atuante, que buscam alternativas ao *status quo*; caminhos outros, no entanto, enfrentam resistências inimagináveis àqueles que não vivenciam o cotidiano interno, muitas das vezes nem tão óbvias, destas instituições.

O primeiro aspecto anunciado atinge diretamente conteúdos e recortes escolares descontextualizados dos desafios contemporâneos de formação às futuras gerações, em grande parte, sedimentados há décadas por intermédio de suas práticas mais que habituais traduzidas em rotinas as mais diversas, que estão a garantir uma certa *identidade* técnico-profissional e uma *identificação* com o próprio ambiente escolar; neste sentido, não atendem a um projeto de socialização institucional que se pretenda minimamente legítimo em relação às demandas das singularidades em formação. Forjas institucionalizadas as mais diversas são vivenciadas em seu cotidiano, em especial, pelas futuras gerações, e estão a suprimir o direito de *se ser quem se é*... Expectativas e juízos de toda a ordem arbitram sobre as possibilidades que lhes são consideradas inerentes e são projetadas sobre as subjetividades à espera, antes, de seguidores, que de pensadores com autonomia suficiente à garantia de uma leitura própria de mundo e de sua própria história.

O segundo aspecto permeia diretrizes que tramam o inventário dos hábitos que constituem o ofício de ser professor. Pautas de toda a ordem, guiadas por motivações as mais diversas, frequentemente são apresentadas às discussões coletivas sem que lhe sejam garantidas um mínimo de compreensão, comprometendo, portanto, a efetividade de seus propósitos. Neste contexto, afloram disposições as mais diversas, favorecendo a defesa de *filiações* as mais distintas por intermédio de posturas e atitudes que tangenciam uma espécie de *doutrinação*, sem que se meçam efetivamente suas reais consequências: são *filiações* de ordem religiosa, política ou mesmo ideológica, na tentativa de implantar seus dogmas sem

que haja um efetivo esclarecimento de suas origens, nuances e implicações. A escola laica[65] só é efetivamente *laica* se, e somente se o for em todos os seus domínios; qualquer espécie de *catequese* é contrária a seus verdadeiros propósitos. A discussão pautada por esclarecimentos que se façam eventualmente necessários leva à reflexão; a imposição de perspectivas remete à reprodução, seja por aderência, por anuência ou mesmo por *resistência*. Em qualquer que seja o nível de ensino, vivencia-se o embate entre matrizes teóricas cujas inclinações estritamente ideológicas personificadas em extremismos desvinculados de sua fonte original inibem a interação dialógica legítima com outras interpretações possíveis; interceptam o diálogo imputando aos coletivos em que atuam a prevalência de uma forma própria de interagir com as circunstâncias nas quais o ato educativo está inserido. Neste sentido, "[...] fazer escola não é algo invejável, já que o investimento acaba na preservação de uma identidade, na organização que canaliza o movimento para formar discípulos fieis" (ROCHA, 2013, p. 39), sejam estes *discípulos* docentes ou discentes.

Por último, sem, no entanto, pretender encerrar a questão, o terceiro aspecto fundamenta-se na possibilidade de que há uma preponderância de práticas que hipervalorizem a inteligência em prejuízo do pensamento: o livre pensar ameaça a inteligência que não está apta a se libertar completamente dos conteúdos sobre os quais se constitui; uma é delimitada, o outro, é ilimitado. As evidências de uma têm referenciais a legitimá-la, o outro não nos autoriza a lhe estabelecer parâmetros: uma é mensurável, o outro é *incontrolável*...

Conhecemos pelos registros da história da humanidade os efeitos de inteligências brilhantes que, ao que tudo nos indica, não tenham efetivamente pensado para além da glória que seus feitos pudessem lhes proporcionar. A inteligência como premissa é sustentada a partir de práticas educativas, ainda que subliminares por intermédio de um *currículo oculto*, concernentes à perpetuação do estado atual das coisas e contribuindo, portanto, para um certo conformismo das individualidades. O pensamento, por sua vez, ameaça romper com esta lógica, suplantando uma dependência que garanta a segurança ao *status quo*, prenunciando incertezas de tal forma que, talvez o melhor a fazer, seja evitá-lo a qualquer custo. Para além de uma série destas práticas de conformação, há práticas de reprodução bastante frequentes a desafiar uma autonomia intelecto-moral de nossas singularidades.

Como se vê, este parece ser o cenário ideal para que as coisas permaneçam exatamente como estão...

---

[65] Lembramos que, segundo a nossa Constituição, a educação pública é laica, prevendo-se espaço próprio às escolas confessionais.

As ressalvas listadas acima têm por **propósito pensar o lugar escola como o lócus próprio à instauração do ato dialógico do pensar, instaurando-se, assim, um espaço de criação e reinvenção**, sem exigir de quem quer que seja qualquer tipo de vinculação filosófica, teórica ou ideológica[66], assumindo-se que o livre pensar seja um direito inalienável inerente aos objetivos que se busca para a educação.

Neste sentido, retomamos nossa discussão a partir dos prismas elencados anteriormente, entendendo que cada um de tais pressupostos esteja contribuindo, à sua maneira, para ofuscar a emergência de suas respectivas identificações para além das eventuais consequências sobre as subjetividades em formação; quase sempre ensombrada por emergências pontuais de toda a ordem, a educação permanece obscurecida de seu potencial mais latente. O ato educativo é um processo perpassado por interferências as mais diversas; como definir o que realmente possa fazer a diferença?

Para responder a esta pergunta, recorreremos a perspectivas[67] que dialoguem com o *locus teórico*[68] a partir do qual desenvolvemos a presente pesquisa, sem, contudo, pretender que sejam as únicas respostas possíveis; muito menos temos a pretensão de imaginar que poderiam, por alguma razão, ser as melhores. Certamente não o são! São meramente inflexões pautadas por pressupostos teóricos identificados na intersecção da educação, em sua instância formal, e de outros campos teóricos, para além da psicologia moral por nós adotada, em um processo dialógico com nossa experiência, que possam contribuir minimamente para construir, na confluência entre ética e educação, um panorama dos impasses vivenciados pelo ato educativo.

Nossa opção passa a dar prioridade à discussão que evidencia a distância de nossas práticas educativas do ato do pensar. Práticas as mais diversas estimulam nossas capacidades e habilidades intelectuais sem, no entanto, promover possibilidades de reflexão sobre as suas reais consequências. A nós nos interessa, portanto, vislumbrar a distância entre inteligência e pensamento, bem como algumas das implicações que possam vir a comprometer o direito ao exercício da plenitude humana às subjetividades em formação. A todas, sem exceção!

Ao que tudo indica, a inteligência tem sido um dos artifícios mais empregados para a manutenção do estado atual das coisas: de reprodução, de perpetuação, de criação de castas estatuídas a partir de uma lógica que cinde, estimulando os *melhores dotados* à competição, à

---

[66] Sejam tais vinculações religiosas, políticas ou de qualquer que seja o espectro.

[67] Alertamos que no presente item assumimos por *licença poética* a possibilidade de estabelecer diálogo com outras matrizes teóricas, entendendo que a educação em sua complexidade demande um olhar multidisciplinar.

[68] Conforme apontamos ao início de nossos trabalhos, são pressupostos da psicologia moral perpassados por suas contribuições à educação.

superação, à discriminação; discriminação esta, muitas das vezes, reforçada por profecias autorrealizadoras[69] quase que naturalizadas no ambiente escolar. Procedimentos consubstanciados acabam por ratificar e reforçar a lógica de segregação; as rotinas diárias estão a compor o horizonte que se vislumbra no cotidiano mais imediato. Conselhos escolares, diagnósticos psicologizados, fichas escolares estão no elenco do cenário de institucionalização dessas práticas. Busca-se atribuir uma certa lógica ao processo como um todo à conta de *investir* com maior afinco em um projeto que efetivamente traga os *resultados* que comprovarão a eficácia do *sistema*; oficializa-se uma espécie de salvo-conduto de isenção às responsabilidades. A inteligência é assim assumida como um privilégio de poucos, aos quais se incentiva e se estimula por intermédio de modelos cada vez mais complexos e inventivos na instância última da reprodução ressignificada. Não parece haver espaço para considerar a diversidade de ritmos, a diferença na interpretação de conteúdos, a distinção das significações atribuídas àquilo que é sabido; outras leituras; outros pensares; outros saberes...

Com o objetivo de delinearmos a distinção que fazemos entre inteligência e pensamento, recorreremos a alguns pensadores que têm se debruçado de maneira mais efetiva sobre estas concepções. Rocha (2013, p. 41), a partir de influências diversas, defende uma correlação entre inteligência e faculdade, cuja inspiração parece advir de um influxo de discussões kantianas ainda no século XVIII, para quem o significado de faculdade estaria profundamente associado à potencialidade de um sujeito em conhecer.

> As faculdades seriam de uso voluntário, ou seja, dependem de nossa vontade fazê-las funcionar e se constituem na memória, na imaginação, na percepção, na sensibilidade e na inteligência. Nessa perspectiva, evidencia Ulpiano (1993) que, sendo o homem dotado de faculdades, ele pode conhecer o mundo que é exterior a ele. 'Então, o homem se torna um sujeito de conhecimento e o mundo um objeto a ser conhecido. Nasce a famosa e tradicional relação sujeito/objeto'. (ROCHA, 2013, p. 41, grifos do autor).

A inteligência tem neste espectro uma função específica de organizar os influxos que acorrem de fontes as mais diversas, buscando dar uma ordem minimamente lógica ao que percebemos e significamos; continua a autora:

> [...] nos constituímos como humanos através de uma estrutura, de uma determinada forma que é a psicológica. Cabe à inteligência nessa estrutura a responsabilidade de organizar nossa existência, pela compreensão das significações instituídas, sendo útil na resolução de problemas, trabalhando para nossos interesses. (ROCHA, 2013, p. 41).

---

[69] Profecia autorrealizadora, segundo Britto e Lomonaco (1983, p. 60), é a forma como a "expectativa de uma pessoa a respeito do comportamento de outra pode contribuir para que esta última se comporte de acordo com o que se espera dela".

Neste sentido, a inteligência seria abstrata e espontânea, regulando, a partir de estruturas lógicas, significações e representações que favoreçam o indivíduo em suas múltiplas interações, legitimando suas próprias interpretações. “As verdades lógicas, perfeitas, afastam o que é falso, o mal, constituindo-se em aparato rigoroso, para todas as ciências”; assim, a inteligência estará sempre a serviço da criação dos métodos cujo objetivo será validar uma ordem lógica que preserve a credibilidade para o sujeito humano (ROCHA, 2013, p. 41). Se a inteligência é de uso facultativo com finalidades específicas, qual seria o espectro do pensamento?

A mesma autora, ainda pautada por algumas das mesmas influências, alude a Platão ao mencionar uma possível definição daquilo que seria o pensamento, delimitando-o como uma faculdade diferenciada das demais, uma vez que o seu *funcionamento* o distinguiria daquelas instâncias específicas; segundo esta orientação, o pensamento só está ativo quando outras forças o colocam em atividade, não sendo, portanto, algo espontâneo.

> São as contradições, são os acontecimentos que carregam o que é e não é ao mesmo tempo que geram o pensamento. Assim, é o pensamento que constrói um saber, uma vez que ele vai além da leitura do mundo, da representação mental do que está posto. A questão da tese platônica, afirma Ulpiano, é que 'o pensamento é forçado a pensar pela contradição, mas o que ele busca é a identidade... Ele não é como as outras faculdades. Ele é forçado a pensar e, quando ele pensa, o que ele busca são as essências.' O pensamento, então, seria a faculdade das essências. (ROCHA, 2013, p. 41-42, grifos do autor).

Há, portanto, inerente ao pensamento, uma seleção que delimita o que é e o que náo é, aquilo que pareça ser daquilo que definitivamente pareça não ser, em cada fenômeno que nos *affecte*, que nos motive, que mobilize nosso psiquismo a ir a seu encontro, de tal forma que:

> [...] a função do pensamento seria produzir, gerar, ser a gênese de outros mundos e não a reprodução daquilo que a estrutura psicológica busca porque a nossa estrutura psicológica, ela se organiza dentro de um campo social, buscando reconhecimento e compreensão das significações do mundo. (DELEUZE, 1987 apud ROCHA, 2013, p. 42).

Os modelos conhecidos de educação formal e de sua mais legítima representante, a instituição escola, têm efetivamente pautado suas prescrições, disposições e determinações no aperfeiçoamento da inteligência, muitas das vezes, inibindo o próprio ato do pensar. Historicamente, incluindo-se parcela significativa das gerações atuais, fomos formados para o emprego de nossa inteligência em busca da superação de nossos próprios limites, da disputa, da competição, da conquista do espaço e de espaço. Como bem alertavam Sastre e Moreno (2002), “nossa formação nos tornou mais hábeis para lidar com o mundo físico do que com o social; aprendemos mais coisas do mundo exterior que de nossa própria intimidade,

conhecemos mais os objetos que as pessoas de nosso convívio" e quiçá, que a nós mesmos; pouca tem sido a atenção e o investimento dedicados ao ato genuinamente humano de pensar. A reprodução tão presente em nosso meio a quem interessa?

Nossa hipótese é que, para além dos inegáveis interesses específicos de algumas castas em manter os seus domínios, há um total desconhecimento de nossa parte a respeito da potencialidade do ato do pensar. Aprendemos a exercitar a inteligência; pouca mobilização foi efetivamente dedicada ao ato de pensar, incluindo-se aqui a ressalva de que a reflexão seja, a nosso ver, intrínseca à instância própria do pensar. O pensar é absolutamente revolucionário... E é neste sentido que mais uma vez recorremos às considerações de Rocha (2103, p. 42), ao ratificar sua proposição de que o pensamento[70] seja uma força com vigor suficiente: "[...] para dar expansão ao que está atravessado em nós como potência de criação. Pensamento neste sentido, é a experiência do próprio ato de pensar, é o mergulho no vazio do tempo, arrancando do caos as forças, os *affectos*, as sensações que o fazem funcionar".

Somos, pois, impelidos pela inteligência a buscar pela regularidade, a constituir modelos lógicos que representem o mundo da melhor maneira possível, que sejam úteis à resolução de muitos dos nossos problemas; somos mobilizados pela potência de nosso pensamento a buscar outros horizontes, criar a possibilidade de novos mundos... o pensamento que abre espaço aos *affectos*. Na conjunção da razão e da *afectividade*, o pensamento é o mediador...

A partir das premissas acima elencadas, ainda que incipientes, a nós nos parece estarem evidenciadas algumas das variáveis que corroboram a importante interseção entre Ética e Educação. Neste sentido, recorremos uma vez mais à discussão proposta pelo autor com quem estabelecíamos diálogo ao início da argumentação do presente tópico, sintetizando, de algum modo, nossas inquietações.

> A meu juízo, são duas as considerações a fazer. Primeiro: a educação é um procedimento que deve acontecer necessariamente no processo de humanização. Ao contrário de outros seres do mundo animal, o ser humano não possui uma programação biológica que lhe forneça uma identidade. A identidade enquanto humano e enquanto indivíduo é forjada obrigatoriamente na relação com outros humanos. O que torna um ser humano humano é a relação que ele mantém com outros humanos. Só na relação com outros humanos é que o *bicho humano* se humaniza. Tal processo é obrigatório, necessário, imperativo. Se não for assim, não pode ser de outra maneira. (SOUZA, 2006, p. 236).

[70] Ainda que a autora faça esta associação ao campo da estética como consequência de uma libertação do sujeito do aparato psicológico que lhe é próprio quando de sua exposição a uma obra de arte, adotaremos a mesma analogia ao ato libertador de pensar e refletir sobre questões que a nós nos afetem, entre as quais se destacam em nosso recorte os afetos e os sentimentos que mobilizem as forças de nossa individualidade.

Educação como projeto e como procedimentos que o materializem no processo de humanização das subjetividades implica em considerar as instâncias singulares em que se constrói sua humanidade. É, portanto, responsabilidade, impositivo, atribuição obrigatória àqueles que comungam da certeza de um compromisso coletivo frente às futuras gerações. Arendt (1972, p. 247), mais uma vez, recomenda-nos: "A educação é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos" – indicando a amplitude de nosso *contrato coletivo* – "e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum" (ARENDT, 1972, p. 248).

Tais afirmações nos demonstram que o ato educativo é, acima de tudo, um compromisso ético.

> Segundo: se antes de mais nada, a educação é um dever ser - um imperativo - para os humanos, então, como quer que ela aconteça, ela deve responder ao dever moral de ser um processo de socialização ou humanização que parta do princípio - também imperativo - de que todos os seres humanos são absolutamente valiosos e fins incondicionáveis. Como processo de humanização, a educação não possui nenhum equivalente e muito menos preço, tão somente porque é o humano um ser absolutamente valioso. O que não possui preço ou equivalente reclama imperiosamente dignidade. Dignidade é sempre respeitável e nunca intercambiável. A partir desta perspectiva, a educação é um imperativo de humanização, quiçá um dos mais elevados processos de conquista da dignidade pelos seres humanos. (SOUZA, 2006, p. 236).

Fazemos nossas as palavras de Rocha (2013, p. 43), quando a autora nos questiona: "Como ir além da escola que temos, uma escola prescritiva, que valoriza prioritariamente o modelo, a generalidade, a produção de testemunhas por exemplo?" Não nos é necessário formar testemunhas ou discípulos antes seres pensantes *encharcados de humanidade*71 que estejam dispostos a construir coletividades.

Retomando os objetivos específicos do presente estudo, mais precisamente, a interseção entre ética e educação, salientamos que incentivar uma individualidade ao livre pensar é um direito inalienável inerente à formação das futuras gerações, de modo que contribuirá significativamente para a potencialização de suas aptidões e virtudes em benefício próprio e a serviço da humanidade.

A educação é, portanto, a nosso ver, o território genuinamente humano de compartilhamento de experiências que tem como celeiro a interação entre gerações, buscando

[71] Referência a Paulo Freire.

o que há de mais humano em nós, desde a nossa herança cultural até o compartilhamento de nossos valores mais genúinos a demostrar o percurso humano-histórico de construção edificado ao longo dos séculos, evidenciando a honra e a glória do humano que há em cada um de nós em busca de nossa superação e de nossa transformação, arriscando-nos por caminhos que não nos foram ensinados...

O ato de pensar constitui uma das ferramentas mais vigorosas, se não a única, de construção do *si mesmo* e, portanto, de nossa própria identidade. Só o pensar genuíno nos leva à reflexão; a reflexão, por sua vez, é o baluarte que legitima princípios, preceitos e valores louváveis sob a égide dos quais se constitui uma personalidade ética; tomar consciência destes potenciais genuinamente humanos, aprender a lidar com eles nos empodera como subjetividades. Poderá haver propósito maior à educação?

pesquisa de campo

3 PESQUISA DE CAMPO

Este é um estudo exploratório de caráter qualitativo constituído a partir da análise dos dados obtidos em pesquisa de campo realizada com dezenove adolescentes participantes de um projeto de atendimento sociocultural oferecido a jovens oriundos de famílias de baixa renda[72] cujo objetivo central divulgado seria a inclusão técnico-profissionalizante no contraturno do horário escolar. Iniciativas com tal teor são consideradas uma das possíveis alternativas à proposta de ampliação de carga horária dos anos finais da educação básica obrigatória segundo a legislação brasileira em vigor.

3.1 PARTICIPANTES

Todos os participantes de nossa pesquisa de campo são jovens que, por ocasião da aplicação dessa pesquisa, eram estudantes do terceiro ano do ensino médio de uma escola da rede pública estadual paulista moradores do entorno de uma das cidades do grande ABC[73], mais especificamente entre Diadema e São Bernardo do Campo. Os doze (12) adolescentes do sexo masculino bem como as nove jovens (9) do sexo feminino tinham dezessete anos completos por ocasião da pesquisa. Integravam a turma de 2013 de um programa de inclusão sociocultural cujo objetivo é oferecer atividades extracurriculares em horário complementar às suas atividades escolares regulares; a rigor, é uma das possíveis configurações de formação em horário integral, de parceria público-privada, com atividades complementares diversificadas, incluindo-se eventualmente algum *reforço escolar*[74]; entre as atividades planejadas, figuram discussões sobre temáticas contemporâneas promovidas por voluntários

---

[72] Assumimos o termo "baixa renda" como terminologia específica adotada pelo referido programa, que atende aos participantes de nossa pesquisa de campo, para a definição de suas diretrizes gerais admitindo-o entremeado por indefinições; algumas destas indefinições são especificadas em relatório emitido por Jamile dos Santos para o boletim do Escritório Previdenciário de Porto Alegre no qual a advogada explicita a inconsonância do conceito, inclusive em programas de assistência social do Governo Federal (Disponível em: <http://www.escritorioprevidenciario.adv.br/artigo-5-conceito-baixa-renda-para-beneficio-assistencial>. Acesso em: 07 jan. 2017). Adotaremos sua concepção, para os fins do presente trabalho, conforme relatório do CEV FGV, no qual os autores defendem que uma melhor definição à expressão "baixa renda" é apresentada por Prahalad e Hart (PRAHALAD; HART, 2002; PRAHALAD, 2005), para quem "deve-se considerar como baixa renda pessoas que vivem com menos de US$2 por dia" (Disponível em: <https://cev.fgv.br/sites/cev.fgv.br/files/Programa.pdf>. Acesso em: 07 jan. 2017); o que equivaleria a algo em torno de R$ 6,65 diários por pessoa em valores relativos à data de 07 jan. 2017.

[73] O grande ABC é uma região constituída pelos municípios de Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano, limítrofe à capital paulista, na qual a indústria automobilística tem sido historicamente o principal esteio econômico; é referência para o movimento sindical brasileiro.

[74] Expressão esta empregada para definir o apoio pedagógico a alunos com dificuldade de aprendizagem amplamente divulgada nos trâmites da rede pública de ensino estadual paulista.

vinculados, de algum modo, à empresa subsidiadora do programa. Cada turma é formada por um grupo de vinte jovens de ambos os sexos. Os critérios de seleção são definidos pela parceria entre a empresa e o órgão federal de competência específica à formulação de subsídios curriculares e apoio pedagógico. Por ocasião da aplicação de nosso questionário de pesquisa, três meses após o início das atividades com aquele grupo específico houvera uma desistência: são, portanto, dezenove os participantes efetivos frente aos dados coletados.

3.2 CONTEXTO

Junho de 2013:

> Está muito difícil interpretar o que está acontecendo. Como na queda da bastilha na França, parece que o poder (o Estado e a institucionalidade) está sitiado e sem respostas. [...] Fala-se em um novo despertar, um novo tipo de sublevação generalizada das massas. (MENEGAT, 2013[75]).

A pesquisa objeto da presente apresentação foi realizada nos primeiros dias de junho de 2013; algumas informações são relevantes para a contextualização dos dados obtidos em nossa investigação de campo. Um "*acontecimento-chave*" (RAYOU, 2005, p. 467) ocorrido poucos dias após a aplicação do questionário prenuncia algumas das afirmações indignadas declaradas por parcela dos jovens participantes. Há uma insatisfação explícita, e em alguns casos, subliminar, concernente às condições gerais da qualidade de vida e, notadamente, ao mau uso dos recursos públicos ou privados, o que de certo modo já apontava o cerne daquilo que viria a ser um dos movimentos populares mais significativos das últimas décadas, quais sejam, as manifestações populares que se deram por todo o país alguns dias mais tarde...

> Um novo tipo de sublevação surge com o advento das tecnologias da informação e as redes sociais da internet. As convocações ocorrem por efeito cascata e são simultâneas para vários tipos de grupos sociais. Esses jovens estão teclando desde a campanha de reeleição de Lula, que iniciou a era da Internet na política brasileira. As ruas ficaram durante mais de 20 anos vazias de manifestantes e, de repente, eles organizaram pelos teclados dos computadores a ocupação das ruas. É uma nova geração, com novos métodos e pautas. Ela tem o desafio de ocupar as ruas das grandes metrópoles, onde reina o medo da violência urbana entre tantos outros medos. Muitos jovens vão para a rua desafiando seus pais, traços típicos das rebeliões juvenis. (MENEGAT, 2013[76])

Estes jovens são, portanto, atores de uma época de transições significativas em muitas das frentes de sua interação e socialização, permeadas pelo acesso eletrônico das informações,

---

[75] Disponível em: <http://www.sul21.com.br/jornal/2013/06/ondas-de-manifestacoes-sacodem-as-ruas-do-brasil-a-sublevacao-das-redes-sociais-do-seculo-xxi-por-rualdo-menegat>. Acesso em: 23 jul. 2013.

[76] Referência idêntica à última nota de rodapé.

construindo-se em sujeitos de sua própria história. A conjunção destas variáveis são aportes importantes para se compreender parte das afirmações que despontarão nas respostas dos jovens participantes de nossa pesquisa de campo; consequências mais específicas à sua formação, por ora, ainda não nos são possíveis prever.

3.3 METODOLOGIA

Em tendo estabelecido por objetivo ao presente trabalho a identificação de possíveis referências morais dos participantes deste estudo algumas prerrogativas se fizeram indispensáveis: a) um instrumento de pesquisa que favorecesse a expressão de seus valores; b) uma metodologia apropriada a estes propósitos. Em função de tais premissas formulamos um questionário composto por uma série de oito questões abertas[77], simples ou compostas, cujo propósito foi explorar influências a se revelar consecutiva e gradativamente, de forma explícita ou implícita, nas citações de cada um dos dezenove participantes às questões que lhes foram apresentadas. Sentimentos como admiração, amor entre outros compuseram o pano de fundo desta estratégia. A metodologia proposta foi construída ao longo do processo de análise em consequência da complexidade inerente ao reconhecimento de influências morais ou éticas[78] identificáveis por intermédio do desdobramento das respostas obtidas; os estratagemas adotados decorrem do próprio processo de apuração das evidências encontradas em busca dos objetivos traçados.

Em uma primeira etapa as referências apontadas foram traduzidas por características atribuídas à pessoa, ou pessoas, objeto dos sentimentos evocados, qualidades estas nomeadas em nossa discussão pelo termo ***atributo***. Uma vez identificadas matizes de raciocínio moral convergentes, a partir dos ***atributos*** apontados, as similaridades foram agrupadas por um critério central, ao qual foi aplicado, para os fins da presente análise, o termo ***parâmetro***. Os ***parâmetros*** encontrados são apresentados a partir do agrupamento de respostas equivalentes obtidas para cada uma das oito questões propostas. Cada questão teve seus ***aspectos preponderantes*** e ***subjacentes*** identificados a partir de uma argumentação inerente à própria descrição do atributo declarado inicialmente. Instituíram-se os ***significados atribuídos***[79] a partir da coordenação de justificativas valorativas potencialmente influentes à escala de

---

[77] Conforme Anexo.

[78] As concepções sobre moral e ética adotadas foram objeto de discussão em capítulo anterior.

[79] ***Aspectos*** e ***significados atribuídos*** são estratégias complementares e indissociáveis para esta opção metodológica: enquanto os aspectos sustentam a argumentação a partir do detalhamento de uma característica explícita, os significados atribuídos são decorrência do sentido valorativo conferido àqueles aspectos apontados.

valores dos adolescentes como decorrência dos questionamentos sucessivos previstos pelo instrumento de pesquisa. O ***valor central depreendido*** foi vinculado a uma sequência de respostas convergentes traduzido por uma espécie de virtude louvável ou excelência do humano.

Uma segunda etapa da classificação de dados retoma os ***parâmetros*** constituídos a partir de cada questão conjugando-os entre si tendo como perspectiva o reconhecimento de um raciocínio moral predominante a cada subjetividade. O resultado da ***conjugação de parâmetros*** instaura os preceitos iniciais das ***categorias*** que fundamentam nossos resultados e sua consequente análise. A conjunção das disposições adotadas por cada participante, ou aqui denominadas ***categorias*** são, portanto, a resultante de duas etapas distintas estabelecidas pela metodologia instaurada para o presente trabalho.

São centrais à nossa discussão empírica os termos: a) ***atributo***: qualidade identificada em pessoa(s) referendada(s); b) ***parâmetro***: resultado da convergência dos atributos equivalentes declarados; c) ***aspectos***: tendência central identificada por intermédio dos parâmetros estabelecidos anteriormente (item b) quer sejam aqueles que emergiram primordialmente e, portanto, ***preponderantes***, quer tenham sido consecutivos, não necessariamente menos relevantes, aqui especificados por ***subjacentes***; d) ***significados atribuídos***: propriedades ou aspectos inerentes à argumentação que sustentam um sentido valorativo conferido a uma característica, tendência ou conduta de uma pessoa ou entidade reconhecidamente louvável; são uma espécie de justificativa[80] implícita à resposta obtida; e) ***valores depreendidos***: resultam da coordenação de afirmações convergentes ao conjunto de respostas obtidas expressando uma propriedade de valor inquestionável; e, f) ***conjugação de parâmetros***: coordenação de parâmetros revelando a especificidade do raciocínio moral de cada singularidade.

São, destarte, premissas norteadoras da apresentação e da análise dos dados obtidos para os fins deste trabalho os seguintes estratagemas:

Organização dos resultados

Primeira Etapa:

1. A primeira etapa de apresentação dos resultados corresponde ao desmembramento das respostas obtidas, buscando-se identificar referências centrais traduzidas a partir dos sentimentos evocados;

[80] Os significados atribuídos foram identificados preferencialmente a partir das respostas a questões complementares objeto de uma justificativa para respostas anteriores expressos pela expressão "por que?".

2. As características centrais aplicadas aos objetos dos sentimentos referendados são organizadas de forma a evidenciar as qualidades reconhecidamente diferenciadas das pessoas a quem foram associadas; a estas qualidades foi aplicado o termo ***atributo***[81];
3. A primeira etapa de apresentação dos resultados corresponde ao desmembramento das respostas obtidas, buscando-se identificar referências centrais traduzidas a partir dos sentimentos evocados;
4. Ao agrupamento de ***atributos*** equivalentes, ou à convergência das referências invocadas traduzidas pelas qualidades centrais identificadas, foi aplicada a denominação ***parâmetro***;
5. As características predominantes associadas a cada ***parâmetro*** seguem em nossa exposição a ordem da descrição dos atributos associados às pessoas a quem os participantes se referiram. Cada ***parâmetro*** recebeu, prioritariamente, a denominação dada pelo próprio participante àquela disposição específica;
6. De forma equivalente, cada ***parâmetro*** que tenha emergido dos ***atributos*** associados aos sentimentos evocados pela sequência de questões propostas foi detalhado por uma tabela que demonstra os ***aspectos*** que o instituíram, sejam eles ***predominantes*** ou ***subjacentes***, apontando ***significados atribuídos*** ao respectivo parâmetro e denotando ***valores depreendidos*** de seus respectivos significados ou justificativas;
7. As prerrogativas supradescritas no presente item constituem a primeira etapa da apresentação de nossos resultados.

Segunda Etapa:

1. A segunda etapa de nossa metodologia premia variáveis obtidas na etapa anterior associando parâmetros de forma a conjugar suas especificidades; da ***conjugação dos parâmetros obtidos*** resultarão eixos de raciocínio moral a ser demonstrados por intermédio de ***categorias***;
2. Cada ***categoria*** é produto dos ***parâmetros*** que a constituíram, tendo como ponto de partida as respostas dadas à primeira questão enunciada; da ***conjugação dos parâmetros*** identificados em nossa primeira etapa emergem as respectivas ***subcategorias*** ordenadas a partir da sequência das questões respondidas conforme estabelecidas pelo instrumento aplicado. As

[81] Em alguns casos, os atributos poderão ser resultado de justificativas às respostas dadas.

subcategorias constituem, assim, o resultado de uma conjugação dos parâmetros obtidos a partir das respostas dadas por cada participante a cada pergunta, tomando-se por referência atributos anteriormente identificados;

3. Cada ***categoria*** é descrita a partir de uma breve introdução de suas nuances específicas; cada ***subcategoria***, por sua vez, é descrita por concisa exposição complementar, eventualmente ilustrada com trechos das respostas do próprio participante referendado, evidenciando-se a motivação moral de cada individualidade;
4. As prerrogativas supradescritas no decorrer dos itens 1, 2 e 3 do presente item constituem a segunda etapa de apresentação de nossos dados.

Uma vez compilados os resultados pelas duas etapas de organização dos dados obtidos passamos a empreender a sua análise. Tal análise será detalhada por duas fases complementares.

Análise dos dados obtidos

Primeira fase:

1. Para o início da análise dos dados obtidos foram retomados ***parâmetros***, ***aspectos***, ***significados*** e ***valores*** identificados anteriormente com o objetivo de apontar uma lógica inerente à disposição moral revelada pelas respostas consecutivas de cada subjetividade especialmente a partir de uma associação entre os significados atribuídos e os parâmetros estabelecidos. Esta fase tem por objetivo detalhar a raiz dos valores depreendidos desta conjunção específica com foco na identificação da coerência inerente ao raciocínio moral de cada participante.

Segunda fase:

1. A segunda fase foi composta a partir da sistematização e organização dos ***valores centrais depreendidos*** em quadros que demonstram a sequência do raciocínio moral identificado em cada um dos dezenove participantes diante das proposições por nós apresentadas;
2. Os ***quadros*** têm por função evidenciar a ***sequência do raciocínio*** singular elencando uma sucessão de valores e significados atribuídos;
3. Os ***valores centrais depreendidos*** foram organizados em três ***blocos*** correspondentes aos eixos de raciocínio moral evocados diante da série de

proposições apresentadas: a) "***Bloco I***"[82], associado aos sentimentos positivos ou negativos eventualmente evocados; b) "***Bloco II***", retratando possíveis contribuições e potencialidades pessoais e coletivas; e, c) "***Bloco III***", relacionado aos ideais tanto coletivos, manifestos em seu ideal de mundo, quanto pessoais, expressos em seus planos de futuro e (ou) os seus *sonhos*;

4. A organização em ***blocos*** visa reconhecer uma possível continuidade em significados e valores identificados pelo encadeamento das respostas dos adolescentes, instituindo uma lógica que lhes é própria;
5. Os procedimentos adotados descritos nos tópicos 1, 2, 3 e 4 do presente item compõem a segunda fase da análise de dados.

Terceira fase:

1. Um último procedimento foi adotado em nossa análise de dados composto a partir de uma ***sequência de observações***[83] constituídas no encadeamento de algumas questões *intrigantes* que se nos foram sendo reveladas à medida que a complexidade do raciocínio moral de cada singularidade ficou evidenciada. Não se assume aqui o compromisso de respondê-las no escopo da presente pesquisa;
2. Os critérios acima definidos sustentam a apresentação e a análise de nossos resultados buscando atender aos objetivos inicialmente traçados.

Sinteticamente, para os fins da presente análise, valores, contravalores e ideais das singularidades foram traduzidos por ***atributos***; os atributos identificados foram sistematizados a partir de respostas convergentes em ***parâmetros***; da conjugação destes parâmetros resultam as ***categoria***s e ***subcategorias*** apresentadas ao final do presente capítulo. Esta sistemática institui a análise de nossas possíveis evidências. São o cerne desta proposta metodológica a identificação dos ***significados atribuídos*** e dos ***valores centrais depreendidos*** permitindo assim uma análise mais requintada das evidências obtidas para a identificação de parte das referências morais potencialmente influentes à escala de valores destes adolescentes.

---

[82] A divisão por blocos não foi dada ao conhecimento dos participantes por se tratar de uma organização intrínseca à análise posterior dos dados obtidos.

[83] Ou possíveis questões de pesquisa posteriores.

3.4 RESULTADOS OBTIDOS

3.4.1 Primeira etapa

Apresentação de parâmetros

Pergunta 1: *Quem é a pessoa que você mais admira? Por que? Cite três características marcantes desta pessoa.*

Parâmetros		***Aspectos***		***Significados atribuídos***	***Valor central depreendido***
		Preponderantes	***Subjacentes***		
1	**Superação**	Valorização da atitude de enfrentar as adversidades	Perspectiva positiva das escolhas frente às dificuldades	Enfrentar de forma positiva as dificuldades	Reconhecimento
2	**Determinação**	Valorização das adversidades enfrentadas	Vitimização do objeto de admiração	Resistir com tenacidade e persistência	Reparação
3	**Perseverança**	Valorização de uma história de vida dedicada a uma "missão"	Consistência entre objetivos e conduta	Manter um sentido de vida bem definido	Deferência

Como resposta à questão "*Quem é a pessoa que você mais admira? Por que? Cite três características marcantes desta pessoa*", obtivemos como referências centrais: a superação, a determinação e a perseverança.

Adotamos por ***Parâmetro 1***, associado à **superação**, o agrupamento das respostas que tiveram tal atributo explicitado na descrição das características marcantes daquelas pessoas nas quais os participantes reconheciam o seu sentimento de admiração, ou de forma implícita, as suas justificativas apresentadas em afirmativas tais como "*são pessoas guerreiras, batalhadoras*". O ***Parâmetro 2*** foi constituído a partir de respostas de participantes que optaram pelo atributo **determinação** como admirável ou a descreveram como característica inerente à pessoa que admiram, em virtude de sua persistência ao enfrentar as dificuldades que se lhes apresentavam. A **perseverança**, ou ***Parâmetro 3***, foi resultado das respostas que justificaram o quesito admiração associado àqueles que definem uma perspectiva pessoal em torno da qual empenham todos os seus esforços visando alcançar o objetivo definido, permanecendo focadas em suas escolhas.

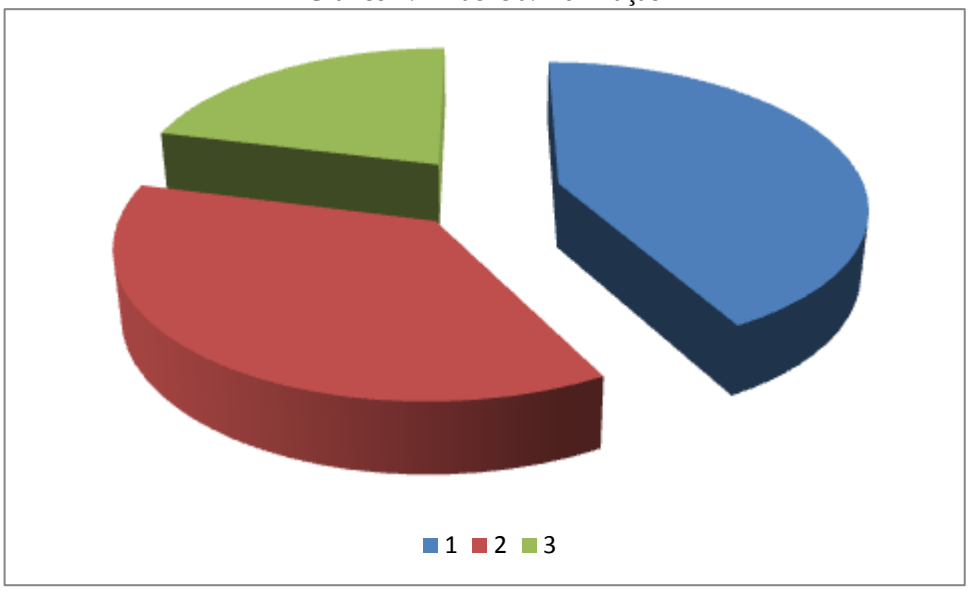
Cada atributo do quesito admiração tem em si mesmo uma significação implícita à argumentação dos participantes que sustenta a justificativa apresentada. Ao atributo **superação** foram associados sentidos como "*vencer na vida*" em alusão a pessoas que não temem as adversidades a serem enfrentadas; suas narrativas tiveram por eixo um enfoque positivo, valorizando a trajetória de vida de uma individualidade disposta a superar todas as adversidades. A **determinação**, por sua vez, foi associada à força de vontade, à tenacidade, adjetivando um esforço irrestrito de uma subjetividade empenhada nas lutas do cotidiano; neste grupo, foram congregadas as narrativas cuja argumentação primava pela vitimização da história de vida de quem é admirado. A **perseverança** foi atribuída àqueles que demonstraram uma estabilidade em seus propósitos pessoais na busca da concretização de um objetivo particular bem definido, um "*sonho*", uma "*missão*", um sentido de vida ao qual a individualidade dedica toda a sua trajetória.

A **superação** está associada a uma interpretação positiva das dificuldades enfrentadas pelo referendado, sendo exemplificada por citações como "*uma pessoa corajosa que não desiste nunca*". A **determinação**, por sua vez, atributo daquele que prossegue na busca de seus objetivos, retrata, em nosso recorte, uma vitimização da figura sobre a qual é projetada, como por exemplo: (a) "*meu pai se viu distante do mundo e abandonado por todos à sua volta... teve que largar seu antigo serviço*". Em relação à **perseverança**, este agrupamento de respostas foi identificado a partir de trajetórias de personagens aos quais se fez referência como sendo pessoas que demonstraram convicção quanto a um percurso de vida pré-definido, no qual os objetivos a serem alcançados são menos relevantes do que a certeza de uma coerência com os próprios propósitos: "*quando você tem um sonho, corra atrás dele, não deixe o seu sonho morrer*".

Há, portanto, uma diferença no núcleo da lógica adotada pelos participantes ao apontarem seus objetos de admiração; representado, de um lado, pelos ***parâmetros*** 1 e 2 e, de outro, pelo ***parâmetro*** 3. Enquanto nos ***parâmetros*** 1 e 2 a referência está pautada na maneira de alcançar os objetivos traçados, para o ***parâmetro*** 3, não são centrais os objetivos conquistados, mas sim a continuidade de uma luta até que se cumpra sua "*missão*".

ADMIRAÇÃO		
Parâmetro 1	***Parâmetro 2***	***Parâmetro 3***
Superação	Determinação	Perseverança
8	7	4

Gráfico 1: Influência: Admiração



Fonte: Autoria própria.

Exemplos de respostas:

Parâmetro 1 (Superação)*: "Eu admiro muito o meu pai porque ele é uma pessoa humilde que veio da Paraíba em busca de emprego, sem estudo, nem lugar para morar. Quando chegou aqui arrumou um lugar para ficar e um emprego em que está até hoje. Para mim, ele é um guerreiro porque ele não tem estudo e já está há 26 anos em uma mesma empresa. Com seu trabalho, conseguiu sustentar a mim, minha mãe, minha irmã. Conseguiu comprar um belo carro e conquistar uma linda casa."* (Participante 16 - Sexo masculino).

Parâmetro 2 (Determinação[84])*: "Minha admiração é pelo meu avô José porque ele não teve uma vida fácil. Viveu no interior do Sergipe, passou necessidades, mas nunca deixou de ajudar à sua mãe e ao seu pai. Quando ele se tornou responsável por si mesmo, sofreu um acidente e acabou perdendo o braço direito. Meu avô era pedreiro e um dos melhores carpinteiros da região, e depois que ele perdeu um de seus membros ele não deixou de trabalhar e lutar por uma vida melhor para sua família. Ele também perdeu um filho, que foi assassinado, perdeu o seu pai, mas nunca deixou isto o abalar. Eu não convivi com o meu pai e com isso o meu avô sempre me deu conselhos para a minha vida futura e eu o considero como meu pai."* (Participante 11 - Sexo masculino).

Parâmetro 3 (Perseverança[85])*: "Meu padrasto. Um homem que tem objetivos na vida, não tem medo de enfrentar o que vier pela frente, estuda muito, é inteligente, trabalha! Gosta*

---

[84] No agrupamento do Parâmetro 2, Determinação, obtivemos uma referência a um político celebridade, o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva: "*veio de família humilde,* [...] *teve vários obstáculos, poderia ter desistido* [...], *nunca desistiu.*"

[85] No Parâmetro 3, Perseverança, encontramos uma referência a uma entidade, Jesus, justificando a admiração por intermédio da afirmação: "*veio com um grande sonho*".

de muita coisa com o que eu me comparo: curso técnico de rede, tem um sonho de abrir o seu próprio negócio, assim como eu. E mais: meu padrasto ajuda as pessoas nos estudos, tenta colocar para cima, buscar os seus sonhos." (Participante 19 - Sexo masculino).

Pergunta 2: *Quem é a pessoa que você mais ama? Por que? Cite três características marcantes desta pessoa.*

Parâmetros		***Aspectos***		***Significados atribuídos***	***Valor central depreendido***
		Preponderantes	***Subjacentes***		
A	**Cuidado**	Valorização do apoio recebido de seus responsáveis	Enaltecimento da assistência e da proteção física e moral	Garantir a defesa das integridades	Amparo
B	**Inspiração**	Valorização do aprendizado intrínseco à convivência	Enaltecimento de um modelo de conduta e comportamento	Influenciar modelos de conduta e de comportamento	Exemplo
C	**Segurança**	Valorização das referências que se apreende do próprio convívio	Enaltecimento da firmeza de seus responsáveis	Definir limites e oferecer orientações	Confiança

Como resposta à questão "*Qual é a pessoa que você mais ama? Por que? Cite três características marcantes desta pessoa*", obtivemos três referências que se evidenciaram, quais sejam: o cuidado, o exemplo e a segurança.

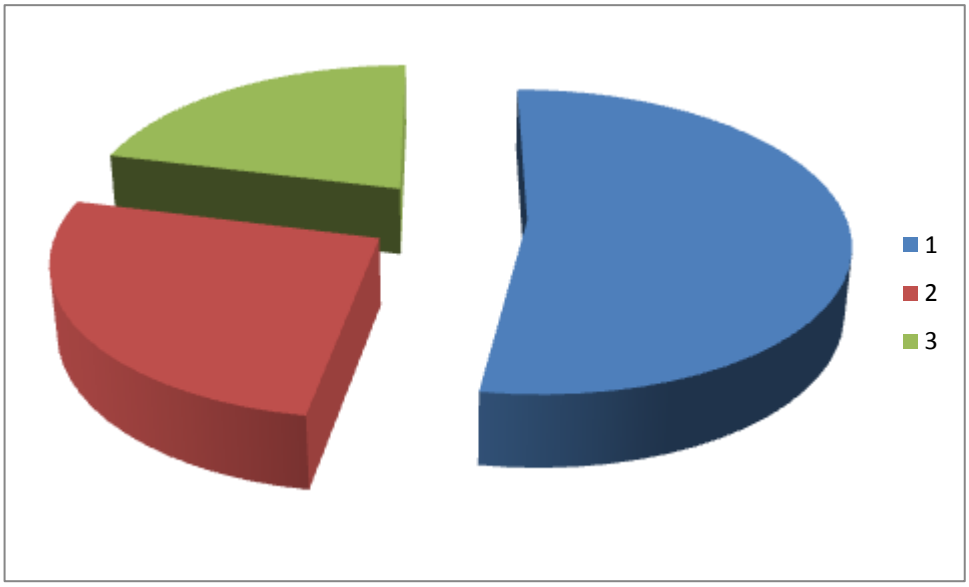
Adotamos como ***Parâmetro A*** o decorrente das respostas que mencionaram o **cuidado** como central ao sentimento de amor; cuidado este significado por alguém que oferece apoio, amparo, retratado em expressões como "*nunca me deixou*", "*sempre esteve ao meu lado*", apontando para uma espécie de sentimento de proteção. O ***Parâmetro B***, por sua vez, foi resultado dos participantes que declararam seu amor a pessoas que lhes servem de **exemplo**, uma referência a quem os participantes atribuem um valor inestimável por exercer uma espécie de inspiração. O terceiro e último parâmetro desta questão, ***Parâmetro C***, foi constituído a partir de respostas que optaram pela **segurança** que emerge em consequência de uma relação de confiança, inerente à interação com a pessoa objeto de seu amor, representada em nosso recorte pelo ato de impor limites ou estabelecer diretrizes de conduta, proclamada por expressões como "*ele me aconselha*" ou "*é muito mais que uma mãe* [...] *é rígida* [...]".

Cabe como ressalva salientar que **cuidado** e **segurança**, primeira e terceira colocação na quantidade de respostas obtidas respectivamente para a segunda questão, podem, a princípio, parecer valores muito próximos em sua concepção; no entanto, o **cuidado**, valor mais presente, é expresso por um sentimento de acolhimento, de abrigo, da garantia de suprir todas as necessidades, especialmente aquelas de cunho afetivo; a **segurança**, por sua vez, expressa um sentimento de proteção, de salvaguarda, de confiança incondicional aplicável às orientações recebidas daqueles que lhes apontam direções e que, segundo a percepção dos participantes, lhes são apropriadas. O **cuidado** aparece em nossas respostas como uma condição de amparo, um apoio – tal como bem retrata a resposta do participante 18: "[...] *são as pessoas que cuidam de mim, me ajudam, me apoiam* [...]"; ou na resposta do participante 1: "*nunca me abandonou*" – imbuído do caráter de amor incondicional que não estabelece limites ou sanções. A **segurança**, por sua vez, foi associada a uma condição inerente ao relacionamento afetivo, uma convivência que deixa explícitos os limites balizando algumas fronteiras, tal qual nos relata a participante 8 ao afirmar que sua mãe quer o seu bem: "*sim, ela briga comigo, eu sei que ela quer o meu bem*"; ou o participante 6 ao assegurar que os seus pais: "*fazem a diferença, sempre fizeram a diferença* [...] *me educaram e me ensinaram o que era certo e o que era errado*".

O parâmetro do **exemplo**, com a segunda maior incidência em relação à questão, emergiu expressando uma inspiração, uma vivência que serve de lição e se apresenta neste recorte por intermédio da valorização da aprendizagem intrínseca à convivência afetiva detalhada na resposta da participante 4: "*os meus pais me fizeram uma pessoa* boa".

AMOR		
Parâmetro A	***Parâmetro B***	***Parâmetro C***
Cuidado	Exemplo	Segurança
10	5	4

Gráfico 2: Influência: Amor



Fonte: Autoria própria.

Exemplos de respostas:

Parâmetro A (Cuidado)*: "Eu amo a minha mãe porque ela é uma verdadeira guerreira. Sempre me ensinou a ser melhor que ela. Isso foi na infância, né? Ela é a única pessoa que eu posso contar sempre, por toda vida, ainda mais agora depois que a minha irmã faleceu. Ela me faz acordar todos os dias, encara a vida de um jeito diferente, ela é um pedaço do meu coração porque uma pessoa boa assim que fornece todo esse amor, como não amar? Ela simplesmente é o único amor verdadeiro que eu ainda tenho na minha vida."* (Participante 03 – Sexo masculino).

Parâmetro B (Exemplo)*: "Eu amo as pessoas que não veem limite nas coisas, não medem esforços para ajudar outras pessoas. Pessoas que mostram amor mesmo não tendo conectividade genética... que brigam, dão conselhos, riem, brincam, choram com você e isto as torna diferentes."* (Participante 11 – Sexo feminino).

Parâmetro C (Segurança)*: "Primeiramente amo a Deus e, em seguida, amo os meus pais e os meus irmãos. Os meus pais são tudo na minha vida. Eles fazem a diferença e sempre fizeram a diferença; sempre me deram amor e me educaram, me ensinaram o que era certo e o que era errado. Eles são tudo para mim! Meus irmãos também temos as nossas brigas, mas a gente sabe se respeitar e eles me deixam muito alegre quando estou triste. A pessoa que eu amo também é a minha mulher porque ela me compreende nas minhas escolhas; amo muito ela, sem falar da outra pessoa que eu mais amo nesse mundo, que é o meu filho."* (Participante 06 – Sexo masculino).

Pergunta 3: *Quem não merece a sua consideração? Por que?*

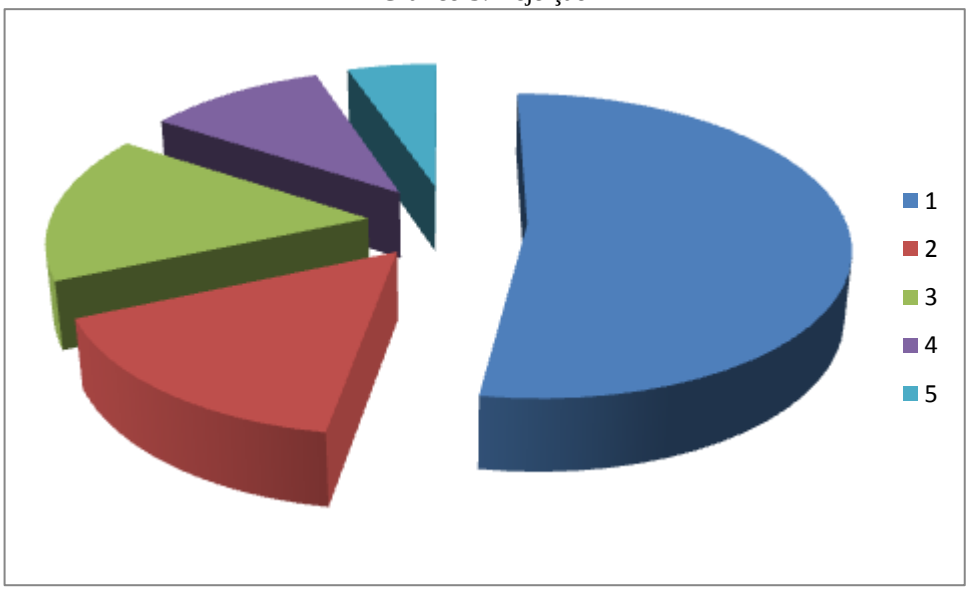
Parâmetros		***Aspectos***		***Significados atribuídos***	***Valor central depreendido***
		Preponderantes	***Subjacentes***		
i	Violência	Reprovação a qualquer ato que possa gerar danos físicos e (ou) morais	Condenação aos abusos de força física, moral e (ou) intelectual	A integridade física e moral de cada ser humano é um princípio inafiançável	Direito à integridade
ii	Rejeição inexistente	Assume o princípio de não julgar ninguém	Defesa da consideração a toda e qualquer individualidade	Salvaguarda à tolerância em relação a todo ser humano	Respeito ao próximo
iii	Displicência	Reprovação à presunção identificada em alguns dos jovens muito abastados	Condenação à indolência e às atitudes perdulárias	Falta de sensatez com os recursos de que dispõe	Altruísmo
iv	Classe política	Reprovação à crise de representatividade e à inversão das prioridades da classe política	Condenação aos abusos daqueles a quem caberia representar os interesses do cidadão	Falta de compromisso em garantir o acesso a serviços públicos de qualidade	Responsabilidade
V	Arrogância	Reprovação à exaltação de pessoas dotadas de muita beleza e (ou) recursos financeiros	Condenação ao excesso de empáfia e vaidade	Rejeição à suposta superioridade atribuída a algumas celebridades	Humildade

Como resposta à questão *Quem não merece a sua consideração? Por que?*, as características e justificativas aplicadas a esta referência foram organizadas em cinco grupos de declarações. Ao primeiro grupo foi atribuída a classificação de ***violência***; ao segundo grupo, aplicamos o termo ***inexistente,*** uma vez que estes jovens afirmaram não haver ninguém que não merecesse um mínimo de sua consideração; outros dois jovens optaram pela ***displicência***, o que constituiu nosso terceiro agrupamento; a rejeição à ***classe política*** foi resultado do quarto agrupamento, enquanto a última motivação foi identificada como sendo uma repulsa à ***arrogância***. Ainda que os ***parâmetros iii*** e ***v*** possam, a princípio, parecer idênticos, sua distinção está pautada principalmente na atribuição das respectivas responsabilidades.

O ***Parâmetro i*** desta questão resulta das respostas de adolescentes que afirmaram que, em sua opinião, não seriam dignas de sua consideração pessoas que usam da violência, declarações tais como a do participante 18, que afirmou: "*para mim, os assassinos, os ladrões e principalmente os estupradores*". O ***Parâmetro ii*** apresenta a peculiaridade das respostas de jovens que manifestaram sua consideração a todos os seres humanos, sem exceção, em afirmações tais como a expressa pelo participante 7: "*não gosto de julgar ninguém*". O terceiro agrupamento, ***Parâmetro iii***, rejeita pessoas que são displicentes, quer seja frente a seus potenciais pessoais, quer seja mediante seus recursos financeiros, de modo a não fazer destes o seu uso devido: "*por jovens que não sonham e não querem crescer porque já tem de tudo*", conforme declaração do participante 2. O ***Parâmetro iv*** resulta de afirmações relacionadas à não consideração pela classe política, manifesta em afirmações como a do participante 3, que declara: "*pessoa que não merece minha consideração é* [cita o nome da ex-presidente da República] *porque ela prefere dar mais importância para a Copa do Mundo do que para a saúde e a educação do povo no Brasil.*" Como quinto parâmetro da terceira questão aplicada, o ***Parâmetro v*** retrata os jovens que declararam sua falta de consideração pela arrogância: "*essas pessoa que se acham melhores que as outras, pisam nos outros*", conforme declaração do participante 11.

REJEIÇÃO				
Parâmetro i	***Parâmetro ii***	***Parâmetro iii***	***Parâmetro iv***	***Parâmetro v***
Violência	Inexistente	Displicência	Classe política	Arrogância
10	3	3	2	1

Gráfico 3: Rejeição



Fonte: Autoria própria.

Exemplos de respostas:

Parâmetro i (Violência): "*Pessoas que não merecem minha consideração são pessoas que matam outras sem motivos. Exemplo: assassinos. Eles matam sem pensar, acabam com a vida de alguém sem pensar em ninguém da família e nem na pessoa a quem fizeram isso. Matam por pura maldade ou pelo prazer de estar machucando outras pessoas. Isso em minha opinião merece total desprezo.*" (Participante 17 - Sexo feminino).

Parâmetro ii (Inexistente): "*Não tem ninguém que não merece o meu respeito. Eu não gosto de julgar outras pessoas e por mais que eu saiba algum defeito dela eu procuro saber se ela tem alguma qualidade. Simplificando, eu não julgo uma pessoa apenas por um ato.*" (Participante 7 - Sexo masculino).

Parâmetro iii (Displicência)*: "Eu não tenho consideração pelo filho daquele milionário porque o seu pai é um homem muito rico que lutou para ter sua fortuna e o seu filho não mostra se importar em economizar e zelar pelo seu dinheiro, nem pelo seu patrimônio e muito menos pelo nome da sua família."* (Participante 1 - Sexo feminino).

Parâmetro iv (Classe política)*: "Em minha opinião, quem não merece nenhuma consideração é o* [cita o nome de um deputado federal] *o pastor que foi eleito para o Congresso. Um ato totalmente impensável porque ele é uma pessoa totalmente sem escrúpulos. Afirma que uma pessoa nasce negra por azar e que o homossexualismo é uma doença. Usa a bíblia para conquistar votos e afirmar atos absurdos tirando dinheiro de pessoas mais ignorantes que não têm conhecimento algum."* (Participante 4 - Sexo feminino).

Parâmetro v (Arrogância)*: "Pessoas que tem tudo e para elas isso não é nada; se acha superior as outras, com dinheiro ou beleza, usam palavras que colocam outras pessoas para baixo com palavras desagradáveis. Também pessoas que são famosas e são colocadas em um pedestal sem pensar em outras pessoas que precisam de mais reconhecimento. Elas se acham melhores que as outras."* (Participante 11 - Sexo masculino).

Pergunta 4: *Quem você gostaria de ser por uma semana? Por que?*

Parâmetros		***Aspectos***		***Significados atribuídos***	***Valor central depreendido***
		Preponderantes	***Subjacentes***		
I	Mídia	Fama, sucesso e ascensão social	Conquista de desejos alcançando realização material e rápida ascensão social	Projetar-se sobre uma celebridade como forma de conquistar reconhecimento e bens materiais	Poder
II	Família	Fortalecer os vínculos auxiliando as pessoas mais próximas	Dedicação pessoal a alguém com quem se tenha laços familiares	Fazer a diferença na vida de alguém	Dedicação
III	Voluntário	Prazer pessoal em ajudar e amparar pessoas carentes	Bem-estar coletivo	Boa vontade e compromisso com os mais necessitados	Generosidade
IV	A si mesmo	Prazer em ser quem se é; satisfação consigo mesmo	Bem-estar pessoal	Triunfo do *si*	Felicidade
V	Desportista	Independência e autorregulação	Conhecer novos lugares e pessoas	Novas experiências, turismo e lazer	Liberdade
VI	Bem-sucedido	O sucesso oportuniza conhecimento e inovação	Recursos materiais trazendo novas oportunidades	Possibilidade de conquistar novos horizontes	Transformação

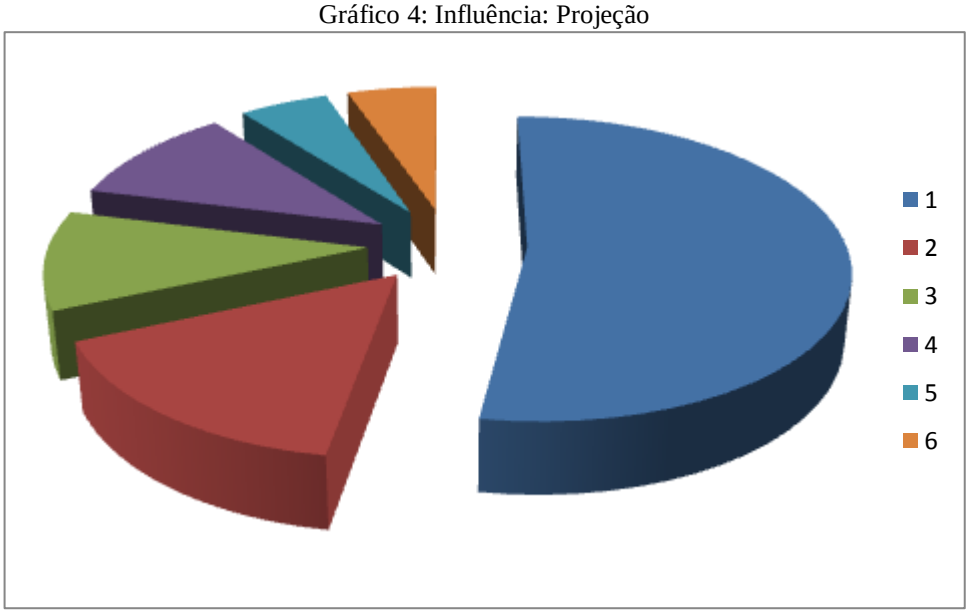
Como resposta à questão *Quem você gostaria de ser por uma semana? Por que?*, identificamos seis encaminhamentos da lógica do raciocínio central aplicado pelos participantes; dez adolescentes afirmaram que gostariam de ser personagens midiáticos, três responderam que gostariam de ser uma pessoa de sua própria família, dois responderam que

seriam pessoas dedicadas ao voluntariado, outros dois afirmaram que, ainda que tivessem a oportunidade de ser outra pessoa, prefeririam ser a si mesmos; uma adolescente manifestou o desejo de ser uma surfista e, finalizando, uma delas gostaria de ser uma pessoa bem-sucedida, de forma genérica.

O ***Parâmetro I*** é resultado das respostas de jovens que manifestaram o desejo de ser, por uma semana, alguém de projeção midiática. O segundo parâmetro, ***Parâmetro II***, resulta das respostas dos participantes que afirmaram que gostariam de ser uma pessoa do mesmo núcleo familiar ao qual pertencem. ***Parâmetro III***, por sua vez, é o agrupamento das respostas daqueles que definiram que gostariam de ser uma pessoa que se dedica aos outros. O ***Parâmetro IV*** diz respeito àquelas respostas que apontam para si mesmas, ou seja, este parâmetro representa as duas jovens que afirmaram estarem satisfeitas com o que são e, mesmo que pudessem ser outra pessoa, prefeririam ser elas mesmas. O ***Parâmetro V*** decorre da resposta de uma participante que afirma querer ser uma surfista ao justificar: "*surfar nas ondas, viver viajando*", e que foi manifestado por intermédio de uma sensação de liberdade. O ***Parâmetro VI*** foi caracterizado pela participante na afirmação "*ter ideias e pensamentos que eu nunca tive*", associado, portanto, a uma capacidade de inovação.

PROJEÇÃO					
Parâmetro I	***Parâmetro II***	***Parâmetro III***	***Parâmetro IV***	***Parâmetro V***	***Parâmetro VI***
Mídia	Família	Voluntário	A si mesmo	Desportista	Bem-sucedido
10	3	2	2	1	1

Gráfico 4: Influência: Projeção



Fonte: Autoria própria.

Exemplos de respostas:

Parâmetro I (Personagem midiático)*: "Eu gostaria de ser a modelo e apresentadora Ana Hickmann, por ela ser uma mulher bonita e bem-sucedida. Eu gostaria de ser ela por uma semana para poder realizar alguns desejos meus e da minha família como, por exemplo, comprar uma casa própria, um carro melhor para o meu pai, comprar roupas e sapatos, compraria cestas básicas e daria a muitas pessoas que precisam, compraria roupa para crianças de rua."* (Participante 01 – Sexo feminino).

Parâmetro II (Alguém da família)*: "Eu gostaria de ser o meu tio que, como o Vaslan, meu padrasto, ele também tem objetivos na vida, mas os dele são mais para o lado do esporte. Ele é inteligente, esforçado, gosta de esporte. Faz faculdade de Educação Física, trabalha nos dias da semana e, nos finais de semana, ele estuda e ainda pratica esportes e para ele não tem tempo ruim."* (Participante 19 - Sexo masculino).

Parâmetro III (Voluntário)*: "Eu gostaria de ser um ajudante que oferece ajuda para pessoas com deficiência física e mental porque, antes de eu nascer, os médicos disseram para a minha mãe que eu seria uma criança especial, que eu dependeria dela para tudo: andar, comer, tomar banho e outras coisas. Hoje eu posso ver que superei tudo isso e sei que os outros que têm condições físicas podem ajudar essas pessoas que passam por discriminação por causa da sua deficiência."* (Participante 11 - Sexo masculino).

Parâmetro IV (Eu mesmo)*: "Mesmo que eu pudesse ser outra pessoa não tem ninguém que eu gostaria de ser por uma semana porque sou feliz assim como sou."* (Participante 12 - Sexo feminino).

Parâmetro V (Desportista)*: "Eu gostaria de ser uma surfista porque deve ser muito legal surfar nas ondas, viver viajando pelas praias... Como eu amo praia, se eu pudesse eu moraria numa praia."* (Participante 17 - Sexo feminino).

Parâmetro VI (Bem-sucedido)*: "Eu gostaria de ser uma pessoa bem-sucedida porque aí eu teria condições de ter pensamentos e também ideias que eu nunca tive. Poderia ter conhecimento... adquirir e usar para o meu futuro."* (Participante 4 - Sexo feminino).

Pergunta 5: *Como seria o mundo ideal para você? Por que?*

Parâmetros		***Aspectos***		***Significados atribuídos***	***Valor central depreendido***
		Preponderantes	***Subjacentes***		
a	***Igualdade social***	Sem preconceito, seja de que ordem for: cor da pele, classe social, gênero,	Sem nenhum tipo de discriminação	Oportunidades idênticas acessíveis a todos	***Igualdade***

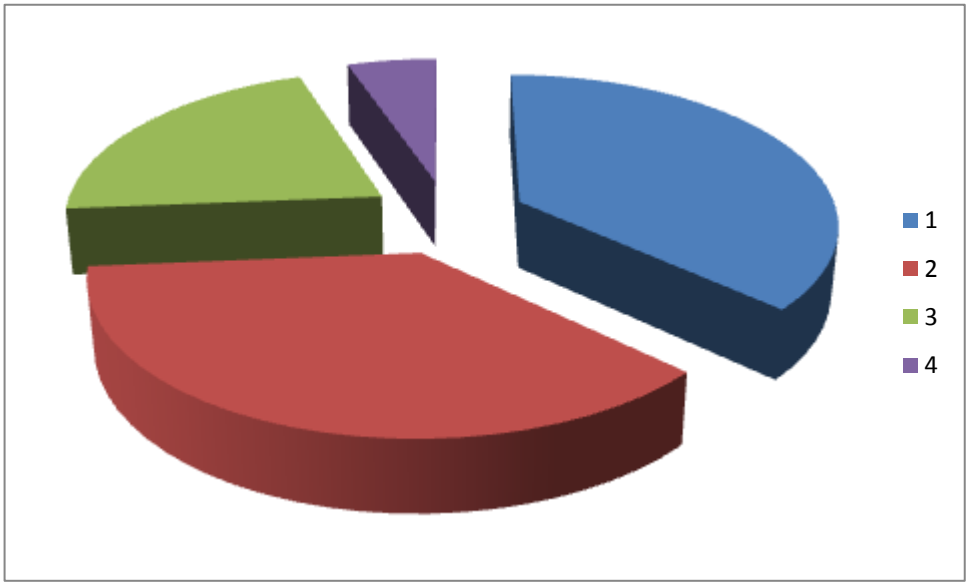
		etc.			
b	***Pacificação***	Sem violência de qualquer espécie	Coletividade mais pacífica e tolerante	Desenvolvimento do sentimento de irmandade	***Fraternidade***
c	***Sabedoria***	Autorreflexão e compartilhamento de ideias e ideais	Transformação das pessoas assumindo responsabilidades	Pessoas mais conscientes de suas próprias atitudes e das consequências de seus atos	***Temperança***
d	***Cidadania plena***	Responsabilização política	Exercício pleno de direitos e deveres com equidade e justiça	Serviços públicos de qualidade ao alcance de todos	***Responsabilidade***

Como resposta à questão "*Como seria o mundo ideal? Por que?*", obtivemos quatro bases nas quais se sustenta o raciocínio central dos participantes. Ao primeiro grupo, foi atribuída a classificação de ***igualdade*** pautada pela igualdade pessoal em função das expectativas de oportunidades equânimes acessíveis a todos; ao segundo grupo, foi aplicada a denominação de ***pacificação***, em função de sua aspiração por um mundo sem violência e sem arbitrariedades. O terceiro grupo foi substantivado pelo termo ***sabedoria***, parâmetro este que reflete o anseio de alcançarmos uma coletividade com pessoas que estejam mais dispostas a avaliar as consequências de seus próprios atos; como quarto parâmetro, foi aplicado o raciocínio da ***cidadania plena*** ambicionado por aqueles que se ressentem da falta de serviços públicos de qualidade ao alcance de todas e de todos, sem exceção nem distinções.

Aos raciocínios morais centrais identificados foram atribuídos ***parâmetros*** relacionados às expectativas de mundo no qual os jovens gostariam de viver, destacando-se perspectivas tais como: a) a igualdade social, ***Parâmetro a***, manifesta em expressões como "*que não existisse o preconceito entre os sexos, cor da pele, modo de pensar* [...]"; b) pacificação, ***Parâmetro b***, no qual fosse possível viver "[...] *sem guerras, brigas, roubos, nada de violência* [...]"; c) sabedoria que retrata um mundo com pessoas mais conscientes e responsáveis pelas consequências de seus atos, ***Parâmetro c***, manifesto em expressões como "*sem jovens se acabando nas drogas, meninas se prostituindo, sem mortes* [...]"; e d) cidadania plena refletindo a expectativa de direitos acessíveis a todos, de cidadania plena para todos e por todos, representado pelo ***Parâmetro d*** expresso pelo participante 16 "*a gente cidadã tem que saber que não é qualquer um que nos representa, que defende os nossos direitos*".

IDEAL DE MUNDO			
Parâmetro a	***Parâmetro b***	***Parâmetro c***	***Parâmetro d***
Igualdade social	Pacificação	Sabedoria	Cidadania plena
7	7	4	1

Gráfico 5: Referência: Ideal de Mundo



Fonte: Autoria própria.

Exemplos de respostas:

Parâmetro a (Igualdade social)*: "O mundo ideal seria aquele que não é dividido por classe social, raça, religião, orientação sexual, pois somos todos iguais e quando morrermos iremos todos para o mesmo lugar. Acredito que ninguém é melhor do que ninguém."* (Participante 4 - Sexo feminino).

Parâmetro b (Pacificação)*: "Um mundo sem violência, com muito amor, união, paz. Seria um mundo ideal que todo mundo desse bom dia um pro outro, que a fila do banco fosse motivo de risada, que pegar ônibus lotado fosse um jeito de se sentir mais unido às pessoas, que a chuva fosse um dia pra todo mundo sair e tomar um bom banho de chuva sem se preocupar com a hora, com compromissos e, principalmente, com o perigo. Um mundo realmente diferente."* (Participante 10 - Sexo feminino).

Parâmetro c (Sabedoria)*: "Nosso mundo é ideal para nós, o que não é ideal são as pessoas, as ideias das pessoas que vivem nele. Temos de mudar os nossos pensamentos, transformando-os em atitudes para melhorar o mundo. Cada um faz a sua parte e TODOS sabendo o que é bom ou ruim para nós."* (Participante 7 - Sexo masculino).

Parâmetro d (Cidadania plena)*: "O mundo ideal é um mundo que tenha hospital de qualidade para todos, onde o ensino nas escolas seja melhorado, o governo ajude mais o povo nas questões de segurança. Uma coisa que a gente cidadã tem que colocar na cabeça é que não é qualquer um que a gente tem que colocar no governo, que não é qualquer um que nos representa, que defende os nossos direitos, a gente tem sim que colocar gente que saiba trabalhar."* (Participante 16 - Sexo masculino).

Pergunta 6: *Quem, em sua opinião, poderia contribuir para termos um mundo melhor?*

Parâmetros		***Aspectos***		***Significados atribuídos***	***Valor central depreendido***
		Preponderantes	***Subjacentes***		
α	***Coletividade***	Organização coletiva sob a responsabilidade de todos	Desafio pessoal inatingível sem a ajuda dos demais	União de todos, indispensável para viabilizar transformações	***Cooperação***
β	**Classe política**	Administração mais justa dos recursos	Assumir responsabilidades civis	Acesso a serviços públicos de qualidade	***Legitimidade***
γ	***Eu mesmo***	Responsabilização recai primeiramente sobre si mesmo	Compromisso consigo mesmo perante os demais	Sensatez e responsabilidade nas próprias decisões	***Responsabilidade***
Δ	***Poder judiciário***	Compromisso do poder judiciário em fazer valer a lei como garantia de direitos	Penalização a quem infringir a lei ou a ordem	Injustiça vigente a ser superada por mecanismos legais	***Severidade***
E	***Pessoas privilegiadas***	Injustiça social a ser reparada pela contrapartida de oportunidades	Conscientização das classes privilegiadas de suas vantagens e regalias	Compensação pelo déficit de chances e possibilidades oferecidas aos menos privilegiados	***Igualdade***
Z	***Remissão de Criminosos***	Conscientização pessoal sobre a gravidade e consequências dos atos cometidos	Arrependimento do mal causado	A cada um a pena que lhe cabe	***Reintegração***
H	***Entidade sobrenatural***	Desafios superam as condições humanas	Intervenção sobrenatural imprescindível para transformar	Mudanças são intangíveis e inatingíveis ao ser humano	***Impotência humana***

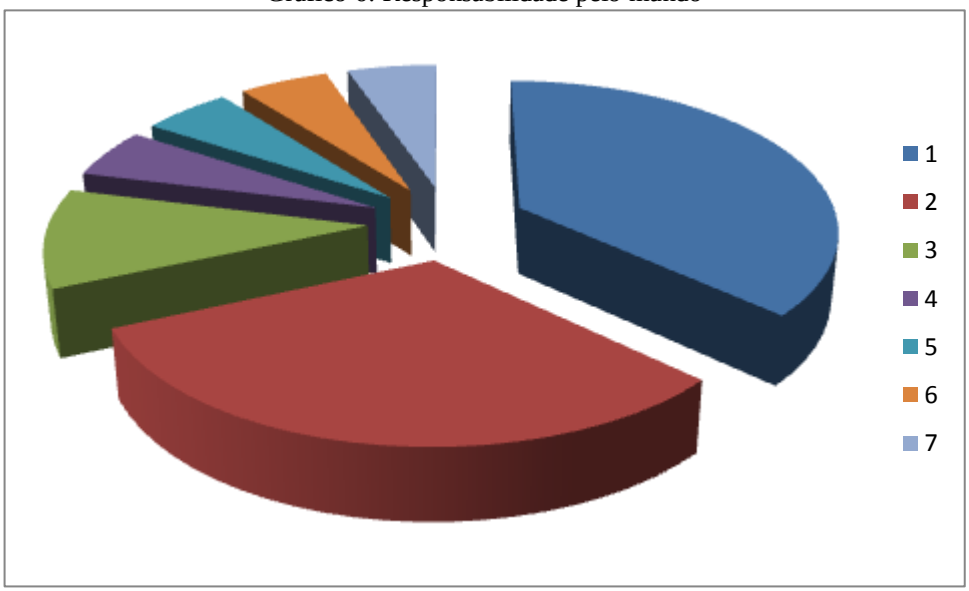
			o mundo		

No quesito *"Quem, em sua opinião, poderia contribuir para termos um mundo melhor?"*, foram sete as lógicas apresentadas. Para os jovens participantes, caberia à ***coletividade***, à ***classe política***, a ***si mesmo***, ao ***poder judiciário***, às ***pessoas privilegiadas***, aos ***criminosos*** ou a uma ***entidade sobrenatural*** a incumbência de contribuir para um mundo melhor.

As justificativas para tais respostas estiveram pautadas em razões como "*todos, não é uma coisa que uma pessoa só pode fazer"*, quando da coletividade; "*a política, por exemplo* [...]", para a atribuição de responsabilidade à classe política; "*eu posso ajudar sim, com certeza!*" é exemplo da opção por si mesmo; "[...] *nossa justiça fosse mais séria, certa e justa*", quando da menção ao poder judiciário; "*pessoas que recebem uma educação de qualidade*" é exemplo da opção pelas pessoas privilegiadas; "*os ladrões arrumassem consciência* [...]" foi a resposta pela responsabilização dos criminosos; e "*nesta questão, só Deus* [...]" foi a justificativa apresentada para a entidade sobrenatural.

RESPONSABILIDADE PELO MUNDO						
Parâmetro α	***Parâmetro β***	***Parâmetro γ***	***Parâmetro δ***	***Parâmetro ε***	***Parâmetro ζ***	***Parâmetro η***
Coletividade	Classe política	Eu mesmo	Poder judiciário	Pessoas privilegiadas	Remissão de Criminosos	Entidade sobrenatural
7	6	2	1	1	1	1

Gráfico 6: Responsabilidade pelo mundo



Fonte: Autoria própria.

Exemplos de respostas:

Parâmetro α (Coletividade)*: "Todos precisam ajudar porque se as pessoas mudarem o mundo muda."* (Participante 10 - Sexo feminino).

Parâmetro β (Classe política)*: "Todos, todos eles. Os políticos, mas principalmente a presidente. Ela tem o poder do país nas mãos e para que isso aconteça ela precisa fazer muita coisa... um exemplo: precisa acabar com as drogas de uma vez e reduzir a maioridade penal no país. E precisa ajudar todas as famílias carentes."* (Participante 9 - Sexo masculino).

Parâmetro γ (Eu mesmo)*: "Eu, tem começar comigo mesmo. Eu sou a pessoa mais importante para isso. Eu, a pessoa que está trabalhando nesse momento e todos nós juntos porque, como diz o ditado, 'a união faz a força'."* (Participante 16 - Sexo masculino).

Parâmetro δ (Poder judiciário)*: "Olha, eu acho que tem que mudar as coisas. A nossa justiça tinha que ser mais séria. Tinha que ser certa e justa. Eu acho que precisa ter a legalização da pena de morte. Eu acho que a classe política tem que pagar pelas coisas que faz. Não pode ter corruptos, ao contrário, se a justiça fizesse o seu papel corretamente... estaria ajudando os seus cidadãos, sua crianças e acabando com essa corrupção..."* (Participante 1 - Sexo feminino).

Parâmetro ε (Pessoas privilegiadas)*: "As pessoas, por exemplo, pessoas que recebem uma educação de qualidade como forma de investimento... as pessoas das classes mais baixas deveriam receber palavras de incentivo. Pessoas que estão internadas com câncer, ou outra doença deveriam receber assistência. Pessoas na África. Estas pessoas mais esclarecidas deveriam ajudar contra o racismo, ajudar os moradores de rua, etc."* (Participante 11 - Sexo masculino).

Parâmetro ζ (Criminosos)*: "Olha, por exemplo, se os ladrões arrumassem consciência no que eles fazem e parassem de roubar."* (Participante 14 - Sexo masculino).

Parâmetro η (Entidade sobrenatural)*: "Nesta questão, só Deus poderia fazer um mundo do qual eu gostaria."* (Participante 15 - Sexo masculino).

Pergunta 7: *E você, como poderia contribuir?*

Parâmetros		***Aspectos***		***Significados atribuídos***	***Valor central depreendido***
		Preponderantes	***Subjacentes***		
♠	***Engajamento pessoal***	Compartilhar conhecimentos e habilidades próprias	Utilização das potencialidades pessoais em prol de outros	Compromisso pessoal em contribuir para com seus	***Solidariedade***

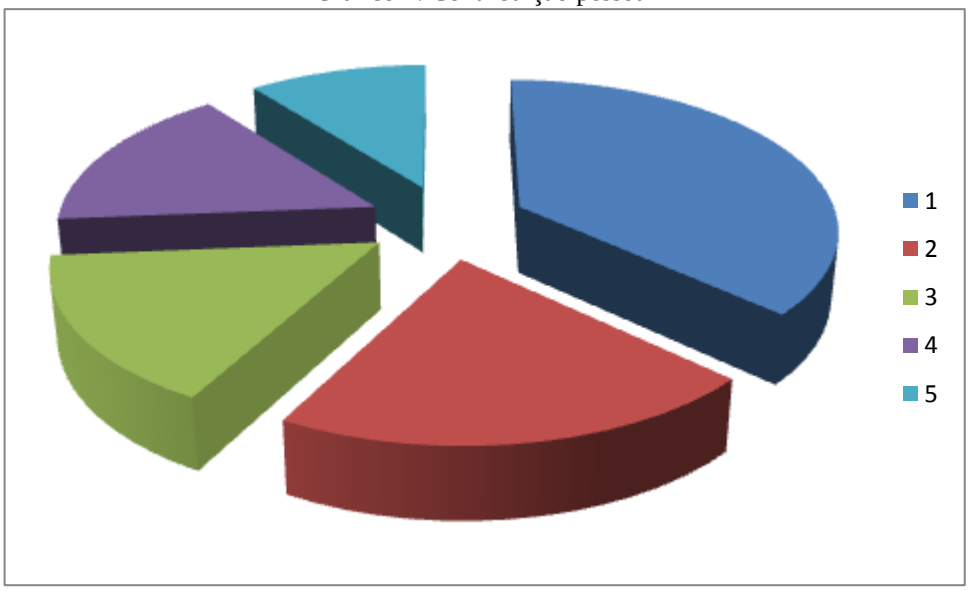
				semelhantes	
♣	***Aprimoramento pessoal***	Potencialização das qualidades pessoais	Superação de limitações pessoais	Fazer aflorar a potencialidade pessoal latente	***Comprometimento***
♥	***Engajamento político***	Participação política mais efetiva	Insatisfação com as práticas políticas	Possibilidade da promoção de mudanças	***Participação***
♦	***Engajamento social***	Empenho pessoal em causas comuns	Compromisso com a melhoria do bem-estar coletivo	Valorização da participação de todos	***Cidadania***
◘	**Sensação de impotência**	Nada a se fazer em função de os recursos serem inacessíveis	Intangibilidade de perspectivas	Conformar-se diante dos desafios da atualidade	***Resignação***

Frente à questão "*Como você poderia contribuir por um mundo melhor?*", foram cinco os raciocínios apontados em relação ao desafio lançado, a saber: um maior ***engajamento pessoal***, a busca por um ***aprimoramento pessoal***, a possibilidade de um ***engajamento político***, a perspectiva de um ***engajamento social***, ou apontando para a ***sensação de impotência*** em relação ao desafio de contribuir para um mundo melhor.

Os raciocínios foram pautados em razões como "*aconselhar quem faz coisa errada"* para o engajamento pessoal; "*respeitar a opinião dos outros*" quando da opção pelo aprimoramento pessoal; "*mudar o meu jeito de pensar sobre a política e participar mais*" foi exemplo de resposta encontrada para o engajamento político; "*eu poderia visitar lugares para ajudar, ir para a África* [...]" quando do engajamento social; e, "*infelizmente eu não posso fazer nada*" foi a justificativa apresentada para a impotência.

CONTRIBUIÇÃO PESSOAL				
Parâmetro ♠	***Parâmetro ♣***	***Parâmetro ♥***	***Parâmetro ♦***	***Parâmetro ◘***
Engajamento pessoal	Aprimoramento pessoal	Engajamento político	Engajamento social	Sensação de impotência
7	4	3	3	2

Gráfico 7: Contribuição pessoal



Fonte: Autoria própria.

Exemplos de respostas:

Parâmetro ♠ (Engajamento pessoal)*: "Eu poderia ajudar para termos um mundo melhor; fazer com que as pessoas ao meu redor tratem a todos da mesma maneira que gostariam de ser tratadas. Ajudo quem eu consigo e faço uso do meu conhecimento como uma forma de procurar ajudar mais."* (Participante 4 - Sexo feminino).

Parâmetro ♣ (Aprimoramento pessoal)*: "Eu poderia amar a todos, até quem eu não consigo amar hoje em dia, por exemplo, 'meus inimigos' e todos aqueles que não me fazem bem. Poderia me preocupar mais com o próximo e querer para eles tudo aquilo que eu quero para mim."* (Participante 18 - Sexo feminino).

Parâmetro ♥ (Engajamento político)*: "Eu poderia eleger-me para presidente e mudar tudo isso que eu falei aí e para que dê certo eu vou começar do zero. E vou melhorar aquilo que o país mais precisa que é a falta de dinheiro: ter mais postos de saúde, saneamento básico e comida. É o que eu poderia fazer pelo meu país."* (Participante 9 - Sexo masculino).

Parâmetro ♦ (Engajamento social)*: "Poderia me empenhar mais na melhoria do meu bairro, cidade, etc. Sempre quis fazer programas contra o desmatamento, poluição, consumismo, etc. Mas meu foco principal é deixar de ser consumista; o consumismo aliena as pessoas e vice-versa. Queria alertar a população fazendo-os deixar de ser consumistas e simplesmente consumir só o necessário. Quem sabe em outro momento eu possa me dedicar a esta causa."* (Participante 7 - Sexo masculino).

Parâmetro ◘ (Sensação de impotência)*: "Não tenho um poder muito grande. Gosto de fazer palhaçadas para arrancar um sorriso de uma pessoa por menor que seja porque*

naquele momento ela consegue esquecer os problemas da vida por maior que seja. Mas isso não faz muita diferença no todo!" (Participante 3 - Sexo masculino).

Pergunta 8: *Qual é seu maior sonho?*

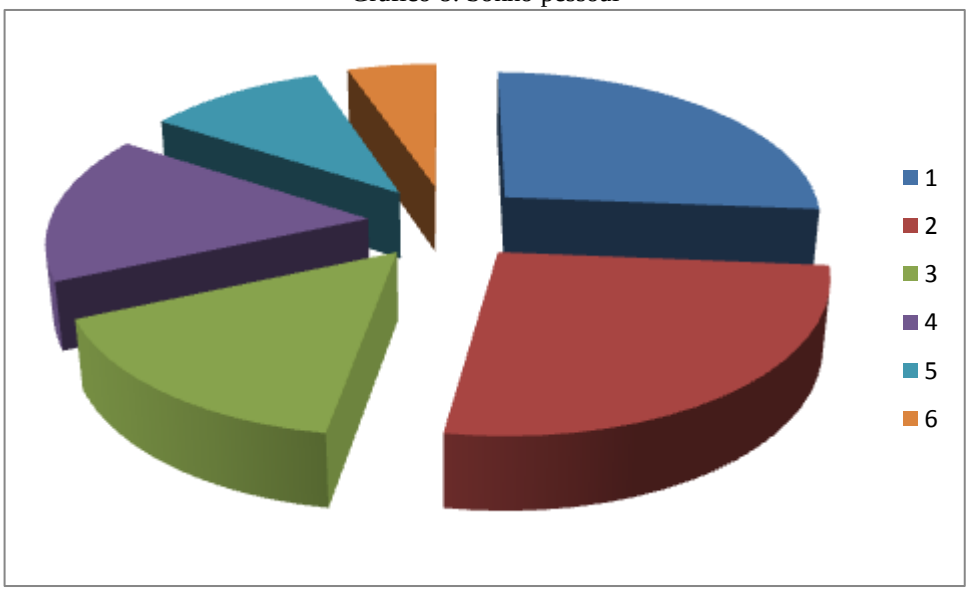
Parâmetros		***Aspectos***		***Significados atribuídos***	***Valor central depreendido***
		Preponderantes	***Subjacentes***		
Π	***Profissão***	Superação das adversidades pela prática de uma profissão reconhecida	Desejo por reconhecimento pessoal e profissional	Conquista de uma carreira consolidada por intermédio de uma formação diferenciada	***Carreira***
T	***Formação superior***	Superação das adversidades por intermédio do ensino superior	Dignidade e *status* decorrentes da titulação	Formação diferenciada	***Qualificação***
Φ	***Emprego***	Superação das adversidades pela conquista de um emprego sólido em uma empresa renomada	Conquista de estabilidade financeira	Benefícios e benesses financeiras para si mesmo e para a família	***Trabalho***
X	***Fama***	Notoriedade, sucesso e recursos financeiros	Desejo de ser reconhecido pela mídia e pelo grande público	Ser uma celebridade	***Popularidade***
Ψ	***Lazer***	Dispor de recursos ilimitados para lazer e turismo	Entretenimento e divertimento	Viagens e benefícios	***Diversão***
Ω	***Saudosismo***	Superação da dor da perda de um ente querido	Quimera de reviver um tempo perdido	Rever alguém	***Nostalgia***

Perguntados a respeito de sua maior aspiração pessoal, por intermédio da indagação "*Qual é o seu maior sonho?"*, obtivemos cinco grupos de respostas, quais sejam: cinco almejam por uma ***profissão***, cinco anseiam pela oportunidade de obter uma ***formação superior***, três ambicionam um ***emprego*** em uma empresa sólida, três desejam a ***fama***, dois buscam o ***lazer*** e um afirma sua vontade em voltar no tempo recuperando situações vivenciadas no passado retratado pelo ***saudosismo***.

As alternativas apontadas tiveram como fundamento razões tais como *"meu maior sonho é ser piloto da Aeronáutica; amo o Exército, sou fã. Queria ser um grande piloto de lá [...] ser reconhecido pelo mundo"* constituindo o ***Parâmetro π*** (profissão) para jovens que almejam construir uma carreira; *"quero fazer minha faculdade e ser uma pessoa bem-sucedida"*, ou ainda, *"[...] ser alguém na vida [...]"* resultando no ***Parâmetro τ*** (formação superior), grupo de respostas daqueles que buscam conquistar a educação formal de terceiro nível; *"eu tenho um sonho e vou realizar que é trabalhar em uma empresa grande [...]"* é resposta que demonstra o raciocínio central apresentado pelo ***Parâmetro φ*** (emprego) daqueles que afirmaram ambicionar a estabilidade financeira pautada em um emprego conquistado junto a empresas renomadas; *"meu sonho é ser jogador do Santos Futebol Clube"* foi exemplo do ***Parâmetro χ*** (fama) daqueles jovens que afirmaram desejar sucesso e fama; *"viajar para fora, ser bem- sucedida [...]"*, ou ainda, *"aproveitar a vida"*, foram respostas que constituíram o ***Parâmetro Ψ*** (lazer) de participantes que vislumbram como ideal uma condição de vida que lhes garanta muitas viagens e lazer; e *"ver a minha mãe feliz de novo [...]"* foi a justificativa apresentada para o ***Parâmetro Ω*** (saudosismo).

SONHO PESSOAL					
Parâmetro π	***Parâmetro τ***	***Parâmetro φ***	***Parâmetro χ***	***Parâmetro Ψ***	***Parâmetro Ω***
Profissão	Estudo	Emprego	Fama	Lazer	Saudosismo
5	5	3	3	2	1

Gráfico 8: Sonho pessoal



Fonte: Autoria própria.

Exemplos de respostas:

Parâmetro π (Profissão)*: "É um sonho que eu vou realizar. Quero ser 'personal trainer', ter a minha própria academia e uma marca de roupa fitness."* (Participante 11 - Sexo masculino).

Parâmetro τ (Estudo)*: "O meu sonho é fazer uma faculdade; vou me esforçar ao máximo para realizar esse sonho porque sem estudo não somos nada na vida."* (Participante 17 - Sexo feminino).

Parâmetro φ (Emprego)*: "Eu gostaria de trabalhar na área de TI de uma empresa famosa pois quero dar um futuro para os meus filhos."* (Participante 19 - Sexo masculino).

Parâmetro χ (Fama)*: "Meu maior sonho é ser jogador do Santos F. C., poder ser famoso e reconhecido pelo meu trabalho dentro de campo para um dia jogar na seleção brasileira e também no Real Madri; tudo isso para ganhar muito dinheiro [...]".* (Participante 15 - Sexo masculino).

Parâmetro Ψ (Lazer)*: "Quero morar na Itália quando eu estiver aposentado e não precisar trabalhar mais."* (Participante 14 - Sexo masculino).

Parâmetro Ω (Saudosismo)*: "O meu maior sonho é ver a minha mãe feliz de novo. Ser bem-sucedido e um dia voltar a ver a minha irmã."* (Participante 3 - Sexo masculino).

3.4.2 Segunda etapa

Conjugação de Parâmetros

A segunda parte desta análise de dados tem por objetivo constituir as ***categorias*** e suas respectivas ***subcategorias*** resultantes da conjugação dos parâmetros identificados em uma primeira aproximação ao raciocínio moral dos jovens participantes. Para a segunda etapa, os parâmetros foram conjugados sequencialmente, respeitando-se a ordem em que foram sendo constituídos pelos adolescentes, com o objetivo de compreender prioritariamente a lógica inerente a seu raciocínio moral único e singular.

Cada protocolo teve atribuído oito parâmetros de acordo com o significado inferido à proposição apresentada. Resulta do procedimento adotado um total de trinta e nove parâmetros possíveis e aplicáveis às oito questões respondidas por dezenove participantes do recorte objeto da presente discussão; de sua conjugação, surge uma coesão própria que nos permitirá reconhecer particularidades do raciocínio moral de cada singularidade. Cabe salientar que, em função das variáveis por nós assumidas como pressupostos da presente

análise, a probabilidade de dois ou mais jovens optarem exatamente pelos mesmos atributos na sequência de suas oito respostas é, a princípio, bastante remota.

Atentando aos propósitos específicos de nossa discussão teórico-metodológica, salientamos que o processo decisório moral de uma individualidade é, a nosso ver, um encadeamento de raciocínios e julgamentos de matizes sutis a partir dos quais escolhas e decisões muito singulares poderão ser encetadas. Segue à presente apresentação deste item o detalhamento das categorias e subcategorias efetivamente encontradas em nossa pesquisa de campo, sem atentar para todas as demais possibilidades que efetivamente não tenham se concretizado. Os dezenove participantes apontaram suas referências afetivo-morais em alguns atributos centrais aos valores por eles manifestos explícita ou implicitamente; o resultado de suas inflexões – evocadas pelas proposições a eles apresentadas – é objeto da sistematização dos dados apresentados na sequência. Sinteticamente, é possível afirmarmos que há uma ligeira predominância de alguns atributos dentre os quais destacamos pela ordem em que serão detalhados: a admiração pautada pela superação[86]; uma preponderância significativa do amor[87] sustentado pelo cuidado; um índice equivalente de rejeição à violência[88]; uma projeção representativa sobre pessoas da mídia[89]; uma parcela expressiva que apontou a igualdade social e a pacificação[90], de forma equânime, como prerrogativa de um mundo ideal; a coletividade[91] teve ligeira predominância sobre a classe política na atribuição de responsabilidade pelo mundo; o engajamento pessoal[92] predominou sobre as demais opções para a contribuição pessoal para um mundo ideal; e, finalizou-se com outra equivalência entre profissão[93] e estudo para aquilo que o jovem define como sendo o seu sonho, denunciando os raciocínios morais conclamados a cada reflexão requisitada; seus resultados passarão a ser

---

[86] Resultados obtidos para o quesito "***Admiração***": 1º - Superação (8 respostas); 2º - Determinação (7 respostas); 3º - Perseverança (4 respostas).

[87] Resultados obtidos para o quesito "***Amor***": 1º - Cuidado (10 respostas); 2º - Exemplo (5 respostas); 3º - Segurança (4 respostas).

[88] Resultados obtidos para o quesito "***Rejeição***": 1º - Rejeição à violência (10 respostas); 2º - Rejeição inexistente (3 respostas); 3º - Rejeição à displicência (3 respostas); 4º - Rejeição à classe política (2 respostas); 5º - Rejeição à arrogância (1 resposta).

[89] Respostas obtidas para o quesito "***Projeção***": 1º - Mídia (10 respostas); 2º - Família (3 respostas); 3º - Voluntariado (2 respostas); 4º - Eu mesmo (2 respostas); 5º - Desportista (1 resposta); 5º - Bem-sucedido (1 resposta).

[90] Respostas obtidas para o quesito "***Mundo ideal***": 1º - Igualdade social (7 respostas); 2º - Pacificação (7 respostas); 3º - Sabedoria (4 repostas); 4º - Cidadania plena (1 resposta).

[91] Respostas obtidas para o quesito "***Responsabilidade pelo mundo***": 1º - Coletividade (7 respostas); 2º - Classe política (7 respostas); 3º - Eu mesmo (2 repostas); Poder judiciário, pessoas privilegiadas, criminosos e entidade sobrenatural cada qual com uma resposta.

[92] Resultados obtidos para o quesito "***Contribuição pessoal***": 1º - Engajamento pessoal (7 respostas); 2º - Aprimoramento pessoal (4 respostas); 3º - Engajamento político (3 respostas); 4º - Engajamento social (3 respostas); 5º - Sensação de impotência (2 respostas).

[93] Resultados obtidos para o quesito "***Sonho pessoal***": 1º - Profissão (5 respostas); 2º - Estudo (5 respostas); 3º - Emprego (3 respostas); 4º - Fama (3 respostas); 5º - Lazer (2 respostas); 6º - Saudosismo (1 resposta).

apresentados na sequência dos próximos itens. A conjugação destes atributos e suas variáveis desencadeia as categorias e suas consequentes subcategorias à medida que se aprofunda a aproximação à peculiaridade do raciocínio moral de cada subjetividade.

CATEGORIA 1:

Todos os oito participantes – cujas respostas foram agrupadas na Categoria 1 em nossa análise – optaram inicialmente por um sentimento de admiração pautado pela premissa da superação, superação esta significada na capacidade da pessoa admirada em suplantar as suas limitações de ordem física ou, em especial em nosso recorte, de origem material; todas as demais variações estarão impreterivelmente conjugadas a este eixo de seu raciocínio moral. Salientamos que à superação foi atribuída uma perspectiva positiva em relação à trajetória de vida da pessoa sobre quem foi projetada a admiração.

Conjugações
Subcategoria 1.A

Cinco ocorrências.

A primeira conjunção de parâmetros é resultado da conjugação entre a admiração pela superação e o amor pautado no cuidado. Nesta conjunção, a admiração emerge da gratidão por aqueles que se propuseram a enfrentar as adversidades do cotidiano, com o desejo de ir além; o amor, por sua vez, aparece pautado pelo cuidado que a pessoa amada dedica ao adolescente. Estes sentimentos, na Subcategoria ***1.A***, foram predominantemente aplicados a familiares diretos, demonstrando a influência e o reconhecimento que os adolescentes a estes dedicam. Foram identificados como centrais a esta conjunção os elementos de gratidão, superação, busca pelo amparo e a valorização dos familiares como fonte de refúgio e suporte, algo como um "porto seguro" a quem podem recorrer.

a) Subcategoria 1.A.i: O impacto dos sentimentos de amor e admiração sobre a rejeição demonstrou que a afetividade aplicada a pessoas de sua convivência direta – e que os sustentam afetivamente – parece estar diretamente relacionada a um sentimento de respeito pelo semelhante, manifesto na rejeição à violência de qualquer ordem, com ênfase maior no que se refere à violência física; tais adolescentes afirmaram que pessoas que usam de

violência, seja de que espécie for, não merecem o seu respeito. De algum modo, seus sentimentos parecem corroborar o direito à integridade física e moral de outros concretos[94].

(a.1) Subcategoria 1.A.i.I: A conjugação de uma quarta variável em nossa análise demonstra ainda maiores particularidades no raciocínio moral de cada uma das individualidades participantes. As singularidades que optaram pelo submodelo ***1.A.i.I*** (três ocorrências), ao serem interrogadas sobre quem gostariam de ser por um breve período de tempo, projetaram suas ambições sobre personagens em evidência na mídia buscando fama e sucesso, de modo a lhes propiciar as conquistas materiais mais imediatas.

Subcategoria 1.A.i.I.b: Ao serem questionados sobre seu ideal de mundo, estes dois adolescentes que conjugaram as mesmas cinco variáveis definiram como mundo ideal uma coletividade disposta ao apaziguamento, no qual não houvesse espaço para a violência de qualquer espécie e que o sentimento de fraternidade fosse a sua máxima.

Subcategoria 1.A.i.I.b.β: A partir deste quesito, apenas uma singularidade faz estes desdobramentos em seu raciocínio moral, atribuindo à classe política a responsabilidade por conquistar uma coletividade mais pacífica com uma administração mais justa de recursos, de maneira a favorecer a todos; a justiça na distribuição de serviços públicos de qualidade reduziria a injustiça social, corroborando um bem-estar coletivo que propiciasse a pacificação coletiva.

Subcategoria 1.A.i.I.b.β.♣: Ao ser indagado sobre suas possíveis contribuições na conquista de um mundo melhor, afirma que lhe seria possível potencializar suas qualidades pessoais e ser mais participativo, de forma a contribuir efetivamente para a coletividade.

Subcategoria 1.A.i.I.b.β.♣.χ: Perguntado sobre seu maior sonho, informa que anseia por uma oportunidade de ser um jogador do "*Santos Futebol Clube"*.

(a.2) Subcategoria 1.A.i.I*: Esta subcategoria replica as primeiras quatro variáveis idênticas à subcategoria anterior.

Subcategoria 1.A.i.I.b*: Também quanto a seu ideal de mundo, tal qual exposto na observação do parágrafo acima (*), este adolescente anseia por um mundo sem violências, um mundo pacificado.

Subcategoria 1.A.i.I.b.η: Ocorre que, ao apontar responsabilidades, este jovem parece desacreditar que esta possível transformação esteja ao alcance de quem quer que seja, individual ou coletivamente, e outorga esta incumbência a uma entidade sobrenatural: "*nesta questão, só Deus poderia fazer um mundo do qual eu gostaria*". (Participante 15).

---

[94] Adotamos para os fins desta discussão a concepção do "*outro generalizado*" (no sentido restrito da justiça) e do "*outro concreto*" (no sentido da singularidade individual), conforme defendido por Benhabib (1992).

Subcategoria 1.A.i.I.b.η.♥: Ao ser indagado como poderia ele próprio contribuir, associa sua potencialidade a uma participação política mais efetiva no campo legislativo: "*eu poderia fazer leis para melhorar aos poucos o mundo*".

Subcategoria 1.A.i.I.b.η.♥.χ: Convergindo para uma condição ideal de oportunidades, também este jovem afirma que seu maior sonho estaria vinculado a uma oportunidade no esporte: "*meu maior sonho é ser jogador do Santos; poder ser famoso e reconhecido pelo meu trabalho dentro de campo pra jogar um dia na seleção brasileira e também no Real Madrid. Tudo isso para poder ganhar muito dinheiro e poder dar tudo do bom e do melhor para a minha família*".

(a.3) Subcategoria 1.A.i.I*: Este jovem, tal como os dois representados pelas subcategorias anteriores, adota como raciocínio a admiração pela superação bem como o amor pelo amparo que lhe é oferecido por sua mãe; em função desta lógica, tal qual os dois participantes anteriores (a.1 e a.2), rejeita toda e qualquer forma de violência e anseia por um mundo pacificado. Indagado sobre quem gostaria de ser por uma semana, afirma que gostaria de ser Nelson Mandela: "*Porque ele é um homem muito admirado e amado por várias pessoas e ele ganhou o Prêmio Nobel da Paz*" (Participante 16), o que aponta uma certa continuidade em seu ideal de paz.

Subcategoria 1.A.i.I.d: Ao ser perguntado sobre como seria, em sua opinião, o mundo ideal, afirma que este passaria obrigatoriamente pela conquista da cidadania plena ao alcance de todas e de todos: "*Tendo hospital de qualidade, melhorando o ensino nas escolas, o governos ajudando mais nas questões da segurança*".

Subcategoria 1.A.i.I.d.γ: Diante do questionamento a respeito de quem poderia contribuir para a conquista de um mundo com menos desigualdade, indica que ele mesmo, associando-se a outras pessoas, poderia ser capaz de contribuir de algum modo: "*eu, a pessoa que trabalha comigo, porque é como diz aquele ditado 'A união faz a força'.*"

Subcategoria 1.A.i.I.d.γ.♥: Ratifica este potencial de contribuição quando declara que *"eu poderia mudar o meu jeito de pensar sobre a política; eu deveria estar por dentro dessas coisas e dar conselhos para que outras pessoas fiquem também"*, raciocínio este que compõe o **parâmetro ♥** de engajamento político.

Subcategoria 1.A.i.I.d.γ.♥.φ: Quando questionado sobre qual seria o seu maior sonho, afirma ansiar por um bom emprego em uma grande empresa que, segundo a sua opinião, possa lhe garantir um mínimo de estabilidade financeira e a conquista de uma condição de vida mais favorável: "*eu tenho um sonho e vou realizar, que é trabalhar em uma empresa*

grande, ser bem-sucedido, ser um homem realizado [...] *ter uma vida que eu sempre quis e eu vou realizar isso porque eu sou capaz de realizar*".

(a.4) Subcategoria 1.A.i.III*: A subcategoria ***1.A.i.III*** denota ainda mais as particularidades do raciocínio moral desta, como dos demais adolescentes participantes, ao associar seus sentimentos de admiração e amor ao desejo de contribuir como voluntária em causas comuns, predispondo-se em contribuir pessoalmente para melhorar as condições de vida de outras pessoas, declarando – por ocasião de nossa aplicação do instrumento de pesquisa – que seria uma voluntária se tivesse esta oportunidade.

Subcategoria 1.A.i.III.a: Uma quinta variável considerada na conjunção das possibilidades apresentadas em sua visão de mundo ideal afirma que deveria haver "*mais igualdade, com mais humildade e vontade de ajudar*" associando os sentimentos a uma perspectiva particular de conquista de justiça social. (Participante 18).

Subcategoria 1.A.i.III.a.β: Ao ser questionada diretamente quem, em sua opinião, deveria assumir as responsabilidades frente às possíveis contribuições, prioriza em sua lógica a classe política: "*a política, por exemplo pode sim ajudar mais*".

Subcategoria 1.A.i.III.a.β.♣: Entrevê no aprimoramento pessoal uma maneira de contribuir pessoalmente: *"Eu poderia amar a todos, até quem eu não consigo amar hoje em dia, por exemplo 'meus inimigos' e todos aqueles que não me fazem bem. Poderia ajudar o próximo e desejar para eles tudo aquilo que eu quero para mim".*

Subcategoria 1.A.i.III.a.β.♣.φ: À questão sobre qual seria o seu maior sonho, afirma que gostaria de conquistar um emprego na empresa em que participa de um programa de inclusão social: "*Hoje o meu maior sonho é ser efetivada nesta empresa e com certeza um sonho que eu tenho desde criança e ainda vou realizar é fazer uma faculdade*", associando sua condição financeira à possibilidade de avançar nos estudos.

Vale salientar aqui um aspecto comum a todas as variações das subcategorias ***1.A.i*** que apresentam como aspecto preponderante comum aos raciocínios morais predominantes o respeito. Decorre da conjunção da admiração pela superação e do amor ao amparo um apelo profundo ao respeito pelo outro ao rejeitarem veementemente, os quatro adolescentes, a violência, seja de que ordem for.

b) Subcategoria 1.A.ii: A subcategoria ***1.A.ii*** integra os mesmos sentimentos de amor e admiração das quatro subcategorias descritas anteriormente a um sentimento de respeito de outra matriz, o respeito pautado pelo reconhecimento de que o adolescente participante não se outorga o direito de julgar a quem quer que seja a partir de suas próprias referências: "*não tem ninguém*". (Participante 12).

Subcategoria 1.A.ii.IV: Esta subcategoria decorre da perspectiva de uma jovem, de dezessete anos, em conjugar a admiração por uma história de vida de superações (sua mãe), o amor ao apoio recebido (sua mãe) à legitimação de sua própria trajetória, ainda que marcada por limitações, afirmando seu desejo em continuar sua própria história. Indagada sobre quem gostaria de ser, afirma claramente respeito a si mesmo: "*não tem ninguém. Eu sou feliz como eu sou*".

Subcategoria 1.A.ii.IV.b: Almeja como mundo ideal um planeta pacificado: "*sem guerras, brigas, roubos, nada de violência, nada de corrupção*".

Subcategoria 1.A.ii.IV.b.α: Entende que este mundo pacificado possa ser conquistado com a contribuição de todos, ou seja, por intermédio da transformação das próprias pessoas, tornando-se estas mais sábias e evitando suas próprias atitudes indevidas: "*todos podem ajudar*".

Subcategoria 1.A.ii.IV.b.α.♠: Questionada sobre sua possível contribuição para a conquista de uma coletividade pacificada, conforme seu ideal, afirma que poderia ajudar bastante a todos se tornarem mais conscientes da importância de sua contribuição para a paz mundial.

Subcategoria 1.A.ii.IV.b.α.♠.τ: Seu maior sonho é cursar uma faculdade e mostrar que foi capaz de chegar onde queria: "*formar-me na faculdade, ter minha casa própria e mostrar para todo o mundo que eu consegui o que eu queria*".

Subcategoria 1.B:

Duas ocorrências.

A segunda conjunção de parâmetros a partir da ***Categoria 1*** é o resultado da conjugação da admiração, ainda pautada pela superação, e o amor pautado pelo exemplo, e que, no caso desta subcategoria específica, é reconhecidamente exercido pelos familiares diretos dos participantes (um adolescente e uma adolescente). Tal qual na subcategoria anterior, a admiração emerge da gratidão por aqueles que se propuseram a enfrentar as adversidades do dia a dia no anseio de oferecer condições melhores aos seus; nesta conjugação, o amor, por sua vez, emerge de uma referência reconhecidamente pautada pelo exemplo, nas orientações recebidas daqueles a quem amam: "*me fizeram a pessoa que sou*". São aspectos relevantes desta subcategoria a superação, a gratidão, a influência, a inspiração, entre outros; significados nesta subcategoria por intermédio do reconhecimento explícito a

pessoas que lhes ensinaram a ser quem são, uma espécie de referência de comportamento, de conduta e que tenham eventualmente influenciado os próprios objetivos a serem alcançados.

a) Subcategoria 1.B.iii: A conjugação da valorização da atitude de enfrentar as adversidades com positividade associada à percepção de um modelo de conduta e de comportamento projetada sobre familiares diretos, pai e mãe, está nesta subcategoria associada à rejeição em relação a pessoas que tenham tudo a seu alcance e acabem por não dar valor a nada e não valorizar nada. Este adolescente, na sequência de suas respostas, explicita a importância atribuída àqueles que priorizam o bem-estar dos seus, por vezes, em detrimento dos próprios interesses, e que estejam dispostos a investir no futuro daqueles a quem amam.

Subcategoria 1.B.iii.I: O adolescente que conjuga a valorização da atitude de enfrentar as dificuldades de forma positiva à inspiração na conduta exemplar que identifica em familiares diretos reitera esta lógica por intermédio do reconhecimento por um ator que, em sua opinião, dedica-se à própria profissão como forma de se destacar dos demais; reafirma seu desejo de ser lembrado pelo próprio esforço ao apontar alguém que gostaria de ser.

Subcategoria 1.B.iii.I.a: Ao ser indagado a respeito de como seria, em sua opinião, o mundo ideal, aponta para a igualdade social como perspectiva: "*todo mundo nas mesmas condições de vida, sem diferença de classe social*".

Subcategoria 1.B.iii.I.a.β: A seu ver, a responsabilidade central para a conquista do mundo ideal seria da classe política, especialmente do representante maior da democracia brasileira: "*a presidente, pois ela tem o poder do país nas mãos [...] precisa ajudar mais as famílias carentes*".

Subcategoria 1.B.iii.VI.a.β.♥: Questionado sobre a sua possível participação, vislumbra no engajamento político uma possibilidade efetiva de contribuir: "*eu deveria me eleger [...] assim poderia melhorar aquilo que o nosso país mais precisa [...] mais postos de saúde, saneamento básico, comida para todos*".

Subcategoria 1.B.iii. I.a.β.♥.τ: Como objetivo pessoal, afirma seu desejo de alcançar o nível superior de ensino, vislumbrando nesta possibilidade uma forma de garantir o seu futuro: "*fazer a minha faculdade para o meu futuro dar certo*".

b) Subcategoria 1.B.iv: A adolescente cujas respostas gerou esta conjugação afirmou sua admiração pela mãe, a quem atribui uma grandiosidade e uma afetividade acima da média, associadas à sua capacidade de superação diante dos desafios na busca de seus desejos e sonhos, bem como seu amor para com os pais (o casal), a quem declara amor incondicional afirmando que as características de ambos fizeram da jovem uma pessoa de bem. Sua rejeição

é projetada sobre um político a quem atribui uma atitude preconceituosa que incentivaria, a seu ver, a discriminação, quer seja de raça, de cor ou de orientação sexual.

Subcategoria 1.B.iv.VI: Indagada sobre quem gostaria de ser, ainda que fosse por uma única semana, afirma que gostaria de ser uma pessoa bem-sucedida, de forma a ter pensamentos e ideias inovadoras: "*ter pensamentos e ideias que eu nunca tive; adquirir mais conhecimento e usá-los em meu futuro*". (Participante 4).

Subcategoria 1.B.iv.VI.a: Sobre seu ideal de mundo, afirma que almeja a igualdade social: *"o mundo ideal seria aquele que não é dividido por classe social, raça, religião, orientação sexual, pois somos todos iguais e quando morrermos iremos todos para o mesmo lugar. Acredito que ninguém é melhor do que ninguém"*.

Subcategoria 1.B.iv.I.a.α: Atribui à coletividade a condição para conquistarmos o mundo que considera ideal ao afirmar que todos, sem exceção, podem contribuir: "*não é uma coisa que uma só pessoa conseguiria fazer, teríamos que ser mais unidos. Juntos sim, poderíamos tornar o mundo melhor*".

Subcategoria 1.B.iv.I.a.α.♠: Questionada sobre sua parcela de contribuição, afirma que poderia contribuir e entende que, à sua maneira, já o faz: "*faço com que as pessoas ao meu redor tratem a todos da mesma maneira. Do jeito que querem ser tratadas. Ajudo quem eu consigo e posso e uso do meu conhecimento como uma forma de ajudar mais*".

Subcategoria 1.B.iv.VI.a.α.♠.τ: Seu objetivo de vida, ou maior sonho, é conquistar as condições necessárias para alcançar um curso de nível superior e, desta forma, ter acesso a um bom emprego, atingindo como consequência uma relativa estabilidade financeira.

Vale salientar que, nesta subcategoria especificamente, evidencia-se uma relativa continuidade do raciocínio moral de seus participantes apresentando certa consistência no encadeamento de suas respostas, dentre as quais foram identificadas: a) a conjugação de duas referências centrais à lógica adotada que se pautam pelo reconhecimento de exemplos a serem seguidos; b) em ambos, o sentimento de gratidão emerge conjugado ao exemplo, reconhecidamente percebido em seus pais (tanto pai quanto mãe)[95]; c) os dois participantes definem com clareza os seus objetivos pessoais pautados pelo desejo de dar prosseguimento a seus estudos.

[95] Em nossa amostra, o sentimento de amor esteve predominantemente pautado única e exclusivamente na figura da mãe.

Subcategoria 1.C:

Uma ocorrência.

A ***Subcategoria 1.C*** corresponde à terceira conjugação de parâmetros associados à admiração e ao amor encontrados em nossa amostra. O adolescente que optou por esta confluência de referências afirma, por um lado, a sua admiração por seu pai, a quem reconhece como um homem que enfrentou muitas dificuldades, abrindo mão dos próprios sonhos e tendo superado as adversidades por intermédio de muito esforço, sendo hoje reconhecidamente um mestre de obras de sucesso e, por outro lado, declara seu amor a uma convergência de referências que vai desde uma entidade sobrenatural até seus irmãos e companheira, pessoas estas que, em sua opinião, transmitem-lhe segurança, motivação e diretrizes de conduta. Sua afetividade está predominantemente projetada sobre seus familiares. Aspectos predominantes: superação, gratidão, segurança, clareza de limites e confiança.

a) Subcategoria 1.C.i: Em sua lógica, merece sua rejeição todo aquele que, de alguma forma, usa meios violentos a fim de alcançar os seus objetivos e, de forma mais específica, afirma: "*os terroristas das torres gêmeas não merecem a minha consideração [...] não merecem nenhuma consideração minha porque mataram muita gente inocente que tinha a vida toda pela frente [...] eles destruíram sonhos*". (Participante 6).

Subcategoria 1.C.i.I: Ao ser indagado se, caso possível, pudesse ser outra pessoa por um período de sete dias, afirma que gostaria de ser um jogador de destaque do futebol espanhol, afirmando que seu maior sonho seria ser um jogador de destaque "*o melhor jogador do mundo*".

Subcategoria 1.C.i.I.c: Questionado a respeito de como seria o mundo ideal em sua opinião, declara que gostaria que não houvessem "*jovens se drogando, meninas se prostituindo; sem mortes, um mundo tranquilo onde todos tivessem paz em seu coração*".

Subcategoria 1.C.i.I.c.α: Atribui à coletividade a condição desta transformação: *"[...] todos nós. Depende só de nós mesmos. Se todo o mundo pensasse assim como eu penso - e muita gente pensa assim também - o mundo seria muito mais lindo".*

Subcategoria 1.C.i.I.c.α.♠: Diante da reflexão proposta a respeito de como este jovem poderia contribuir, entende que poderia ensinar a outras pessoas aquilo que seus pais lhe ensinaram, sendo, portanto, um dos participantes que optou pelo engajamento pessoal.

Subcategoria 1.C.i.I.c.α.♠.π: Seu maior objetivo é se tornar um piloto da Aeronáutica, vindo a fazer parte da equipe das Forças Armadas Brasileiras.

CARTEGORIA 2:

Todos os sete participantes cujas respostas foram agrupadas na ***Categoria 2*** declararam admirar alguém cuja característica central está pautada pela determinação, atributo este norteado pela persistência de uma pessoa disposta a vencer os obstáculos do cotidiano, com vistas a um objetivo maior a ser alcançado. Esta determinação, em nosso recorte, vem marcada pela vitimização da pessoa admirada em relatos que reforçam as dificuldades enfrentadas frente aos obstáculos na busca por atingir as metas definidas. Os relatos são permeados por narrativas de sofrimento da pessoa objeto deste tipo de admiração. Todas as subcategorias 2 constituídas a partir desta premissa, e detalhadas no presente item, estão perpassadas por este sentimento.

Conjugações
Subcategoria 2A

Quatro ocorrências.

A conjugação da ***Subcategoria 2A*** é a resultante da conjunção de um sentimento de admiração por uma "*pessoa guerreira que não mediu esforços para alcançar os seus objetivos*", conforme relatos dos participantes que optaram por este padrão, associado a um sentimento de amor por alguém que zela desmedidamente pelo bem-estar dos seus. Nesta subcategoria são centrais, por um lado, a referência ao sofrimento causado pelas dificuldades enfrentadas, ainda que em detrimento mesmo da valorização de um possível objetivo alcançado; e o cuidado, ou amparo, por outro lado, oferecido pela pessoa amada. Em sua maioria, tais referências são pautadas em familiares diretos, a mãe ou um avô[96], que acumularam ou exerceram a função paterna frente ao adolescente. Uma única adolescente pautou suas referências de admiração a um ex-presidente, e de amor, a uma entidade sobrenatural.

Evidencia-se nesta subcategoria tanto um sentimento de admiração quanto de amor, pautados em questões associadas a uma espécie de proteção contra todos os possíveis males. Estes jovens associam esta conjunção ao sentimento de estarem resguardados dos reveses da vida pela ação direta das pessoas, ou entidades, retratadas por expressões tais como "*porque Ele nunca me abandonou!*".

[96] Vale salientar que três dos quatro adolescentes que constituíram esta subcategoria afirmaram admiração a uma figura paterna (representada, nos três casos, pelo avô) e amor à figura materna (efetivamente a própria mãe).

a) Subcategoria 2.A.i: A conjunção da admiração pela determinação e do amor pelo cuidado associada à rejeição pela violência demonstra a valorização de pessoas preocupadas com a integridade física e emocional dos demais; esta subcategoria está perpassada pelo cuidado que as pessoas destinatárias de tais sentimentos despertam nos adolescentes, quer seja por eles mesmos, quer seja pelo zelo aos direitos de outros genéricos[97].

Subcategoria 2.A.i.I: Quando da indagação sobre quem gostaria de ser por uma semana, este jovem declarou que gostaria de ser Brad Pitt, alegando que este seria humilde, bonito e inteligente, e que faz boas ações ao adotar crianças de várias nacionalidades; justifica que poucas pessoas em sua condição têm esta preocupação pelo outro, o que faz o jovem afirmar: "o que ele faz me consola".

Subcategoria 2.A.i.I.α: Quando perguntado sobre como seria o mundo ideal, afirmou que, em sua opinião, o mundo ideal deveria ser mais justo para com todos, raciocínio este que, entre outros, gerou o parâmetro de ideal de mundo orientado pela igualdade social, conforme denota sua declaração: "*primeiramente, que as pessoas todas se tratassem bem umas às outras independentemente de sua raça, cor ou classe social. Outra coisa muito importante é que os governos investissem em seus países para mantê-los em boas condições para todos*".

Subcategoria 2.A.i.I.α.β: Com relação à responsabilidade na conquista de um mundo ideal, este jovem entende que a responsabilidade é especialmente da classe política, sendo ainda mais específico ao afirmar que "*quem deveria ajudar mesmo é* [cita nominalmente] *a presidente do Brasil*".

Subcategoria 2.A.i.I.α.β.♦: Com relação à possibilidade de sua contribuição pessoal para atingir o objetivo de melhoria do mundo, observa que poderia participar por intermédio de seu engajamento na coletividade, promovendo justiça social, ainda que de maneira genérica, não se responsabilizando diretamente: "[...] *poderia com a contribuição de todos criar condições ótimas para tirar os moradores de rua das ruas, dar casa a eles, dar condições para todas as crianças estudarem* [...]".

Subcategoria 2.A.i.I.α.β.♦.π: Quanto ao seu objetivo pessoal, afirma que gostaria de ter uma profissão, ser um profissional da Tecnologia da Informação, de modo a fazer o que realmente gosta e tendo condições de alcançar seus objetivos, sem, contudo, especificá-los.

b) Subcategoria 2.A.iii: Na associação dos valores e contravalores desta participante evidenciam-se sentimentos relacionados à valorização da determinação de um ex-presidente, justificada por sua origem humilde bem como pelo fato de sua admiração por ele ter

[97] Referência à terminologia adotada por S. Benhabib (1992) em sua discussão referente aos "outros genéricos" e aos "outros concretos".

alcançado reconhecimento em nível mundial; associa o sentimento do amor ao zelo de uma entidade sobrenatural por si, que sempre a resguardou, tendo operado "verdadeiros milagres" em sua existência. Neste sentido, sobressai-se o enaltecimento do importar-se com a dor do outro, em toda e qualquer situação, quando declara rejeitar a negligência ao outro, sendo esta uma atitude merecedora de sua reprovação.

Subcategoria 2.A.iii.I: Ao ser indagada sobre quem gostaria de ser por uma semana declarou que, nesta condição, gostaria de ser a modelo e apresentadora Ana Hickmann, justificando sua resposta da seguinte maneira: "*por ser uma mulher bem-sucedida. Eu gostaria de ser ela por uma semana para poder realizar alguns desejos meus e da minha família, como por exemplo, comprar uma casa própria, um carro melhor para o meu pai... comprar roupas e sapatos. Compraria também cestas básicas e daria a muitas pessoas que precisam. Compraria roupa para crianças de rua*".

Subcategoria 2.A.iii.I.a: Consoante sua opinião, o mundo ideal seria um local de igualdade social, sem violência e sem preconceito, seja de que ordem for, destacando que seria necessário mudar a forma de pensar das pessoas.

Subcategoria 2.A.iii.I.a.δ: Atribui a responsabilidade por um mundo melhor e com menos injustiça social ao poder judiciário, declarando que a justiça, em nosso país, deveria ser mais séria, mais certa e mais justa, com menos privilégios a quem quer que seja.

Subcategoria 2.A.iii.I.a.δ.♣: Ao ser questionada sobre sua participação neste projeto de mundo melhor, afirma vislumbrar no aprimoramento pessoal uma forma de contribuir e, para tanto, deveria ser menos estressada e menos mal-humorada: "*Tenho que aprender a deixar os meus problemas em casa!*".

Subcategoria 2.A.iii.I.a.δ.♣.τ: Apresenta o desejo de cursar o ensino superior, sem especificar uma carreira, como condição de ascensão social e da garantia de uma vida mais digna. Coloca como propósitos secundários adquirir bens materiais, tais como uma casa própria, o desejo de constituir família própria e salienta o desejo pelo reconhecimento dos demais quando afirma querer "*ser bem falada por todos*".

c) Subcategoria 2.A.iv: A associação entre a admiração pela determinação, o amor pelo cuidado e a rejeição à classe política delineiam um raciocínio moral pautado pela supremacia de valores associados à garantia do bem-estar pessoal daqueles com quem convive, tanto quanto sua preocupação com o coletivo; isto se evidencia quando questiona prioridades tais como: "*ela prefere dar mais importância para a Copa do Mundo que com a saúde e a educação no Brasil. Ela dá mais preferência a uma bola que a uma vida* [...]".

Subcategoria 2.A.iv.II: Esta subcategoria tem como característica uma profunda ligação com os familiares, diretos ou indiretos; questionado sobre quem gostaria de ser por uma semana, afirma que teria satisfação em ser seu cunhado, considerando notável sua persistência na busca de suas metas e de sua felicidade.

Subcategoria 2.A.iv.II.a: Quanto ao mundo ideal, este adolescente vislumbra a possibilidade da conquista da igualdade social: *"com paz, saúde, sem discriminação, sem classe social, sem discriminação racial... onde todos pudessem ter pelo menos o saneamento básico"*.

Subcategoria 2.A.iv.II.a.β: Atribui as responsabilidades descritas no item anterior à classe política.

Subcategoria 2.A.iv.II.a.β.◘: Considera-se impotente para contribuir com a construção de um mundo melhor, afirmando não ter "*um poder muito grande*".

Subcategoria 2.A.iv.II.a.β.◘.Ω: Este jovem, ao definir o seu maior sonho, demonstra um certo saudosismo frente a uma condição passada da convivência com um ente amado. Afirma seu desejo de ver a mãe feliz novamente e de rever, de alguma forma, a irmã recentemente falecida.

Suas respostas no decorrer das questões propostas demonstram seu grande apreço pelos familiares e denunciam o sentimento da perda ainda bastante aflorado, perpassando praticamente todo o seu raciocínio moral no momento da pesquisa de campo.

d) Subcategoria 2.A.v: Nesta subcategoria, há indícios da valorização de uma espécie de enfrentamento à fragilidade própria dos menos favorecidos, evidenciada a partir da conjunção entre a simplicidade do avô "*que nunca se deixou* abalar", por quem nutre uma profunda admiração, e do amor à mãe, a quem dedica um apreço especial por ter ela lutado pelo direito à vida do adolescente e enfrentado aqueles que se opuseram a lhe dar tal oportunidade; complementa com uma rejeição explícita à arrogância daqueles que não dão valor às pessoas simples de origem humilde: "*que tem tudo e para elas isso não é nada, se acha superior às outras pessoas para baixo*".

Subcategoria 2.A.v.III: Este participante continua perpassando suas respostas com uma preocupação pelos menos favorecidos ao afirmar que, se pudesse ser outra pessoa por uma semana, gostaria de ser um voluntário que se dedicasse a oferecer ajuda a outras pessoas com deficiência física ou mental, argumentando: "*antes de eu nascer os médicos disseram para a minha mãe que eu seria uma criança que dependeria dela para tudo... andar, comer, tomar banho e outras coisas... hoje que superei tudo sei que outras pessoas que tem*

condições físicas podem ajudar essas pessoas que passam por discriminação por causa da sua deficiência".

Subcategoria 2.A.v.III.c: Seu ideal de mundo seria alcançado pela virtude da sabedoria no qual as pessoas fossem menos indiferentes, houvesse menos orgulho próprio e o respeito ao próximo fosse uma das máximas praticadas.

Subcategoria 2.A.v.III.c.ε: Em sua leitura de mundo, os responsáveis por um mundo ideal deveriam ser pessoas privilegiadas, que receberam ou recebem como investimento uma educação de qualidade; que aqueles que têm recursos incentivassem os menos abastados; que quem tenha saúde fizesse visitas a acamados e, por fim, que os países mais ricos investissem naqueles que têm fome na África, entre tantas outras possibilidades de intervir para diminuir a má distribuição de recursos.

Subcategoria 2.A.v.III.c.ε.♦: Ao ser indagado sobre seus próprios recursos na construção de um mundo melhor, afirma que seu engajamento social em causas coletivas como as que apontou anteriormente seria uma de suas possibilidades.

Subcategoria 2.A.v.III.c.ε.♦.π: Em relação à sua expectativa de futuro, declara querer vir a ter uma profissão, especificando-a como "*personal trainer*". Complementa que, por intermédio desta ocupação, pretende vir a ter uma academia própria bem uma marca própria de vestuário esportivo e finaliza: "*Quero ser reconhecido no mundo não como mais uma pessoa, mas ajudar que eu quero e posso ajudar!*".

Subcategoria 2B:

Uma ocorrência.

A conjugação da ***subcategoria 2B*** é a resultante da conjunção de um sentimento de admiração pela mãe, que representa a persistência diante das vicissitudes próprias à sua história de vida associada ao sentimento de amor, também pela mãe, que lhe serve de exemplo, ilustrando uma conduta cuja força de vontade e afetividade a diferenciam[98]. Nesta subcategoria é central a referência à figura da mãe, tanto no que tange à admiração, quanto no que tange ao amor. A mãe da adolescente é retratada como uma pessoa que buscou por oportunidades melhores traduzidas a partir da expressão "*veio do Nordeste para ter condições melhores de vida*", e ratificado por "*com o passar do tempo, começou a realizar os seus sonhos*".

[98] Vale salientar ainda uma vez mais que as descrições das categorias não representam, de forma alguma, um juízo de valor da pesquisadora; antes, uma tentativa de traduzir os relatos dos adolescentes participantes de nossa pesquisa de campo.

Evidencia-se nesta subcategoria um sentimento de admiração pela determinação e o amor pautado no reconhecimento das características pessoais que diferenciam a mãe da jovem das demais: "*isso faz toda a diferença!*".

a) Subcategoria 2.B.i:

A característica central do raciocínio moral desta conjunção de variáveis perpassa o apelo à ascendência de seus responsáveis, identificado em seus sentimentos tanto de admiração quanto de amor; tais sentimentos são complementados pela desaprovação da violência, o que permite depreender o reconhecimento de uma referência de conduta e a rejeição a todo e qualquer tipo de ameaça a este sentimento, indicando ser o exemplo um bem efetivamente inalienável.

Subcategoria 2.B.i.VI: Complementa a composição do raciocínio moral da adolescente a manifestação de que não há ninguém que lhe desperte o desejo de ser alguém que não seja ela mesma, ainda que seja por uma única semana.

Subcategoria 2.B.i.VI.a: Seu ideal de mundo está vinculado à possibilidade de haver uma maior igualdade social, com menos violência, menos injustiças e menos desrespeito aos direitos de todas e de todos.

Subcategoria 2.B.i.VI.a.α: Quanto à responsabilidade pela conquista de um mundo melhor, a adolescente atribui tal compromisso à coletividade, argumentando serem todas as pessoas responsáveis por este feito.

Subcategoria 2.B.i.VI.a.α.♣: No quesito da contribuição pessoal por um mundo melhor, a jovem assume um compromisso pessoal para com seu aprimoramento pessoal, de forma a colocar em prática algumas de suas potenciais virtudes, com especial ênfase na "*paciência*" e no respeito à opinião alheia.

Subcategoria 2.B.i.VI.a.α.♣.τ: Ao ser questionada sobre qual seria o seu maior sonho, a adolescente aponta para o objetivo de chegar ao ensino superior afirmando que: "*meu maior sonho é fazer uma faculdade e vou me esforçar ao máximo para realizar este sonho*".

Subcategoria 2C:

Duas ocorrências.

A conjugação que resulta na ***subcategoria 2C*** é constituída a partir da conjunção da admiração pautada na determinação e do amor pautado na segurança. Estes jovens, uma do sexo feminino e outro do sexo masculino, justificaram os seus sentimentos de admiração em declarações como: "*ele lutou muito para ter a nossa casa; foram anos morando de aluguel e*

juntando cada centavo" e "*meu pai foi adotado ainda quando criança, por sorte por uma família rica [...] seus problemas começaram quando o meu avô morreu. Meu pai se viu sozinho no mundo. Ele nunca me falou ao certo, mas creio que caiu em depressão*"; bem como o amor na declaração: "*Amo a minha mãe porque ela quer o meu bem; ela sabe dar conselhos. Sim; ela briga comigo, mas eu sei que é para o meu bem* [...] *ela sim tem todo o direito de reclamar comigo!"*. Nesta subcategoria há uma referência comum central à figura paterna (admiração) de um lado; quer seja associada ao amor pela mãe, que lhe impõe limites de forma a garantir sua integridade física e (ou) moral, quer seja por uma entidade sobrenatural, que supostamente teria o poder de proteger o adolescente de todos os males, no caso do participante do sexo masculino, por outro lado.

Evidenciam-se, nesta subcategoria, sentimentos como admiração pela determinação e amor pautado na segurança que, uma vez conjugados, apontam na direção do reconhecimento de uma espécie de referência que lhes permite ter a percepção de salvaguarda das dificuldades do cotidiano, conforme denota relato da adolescente: "*assim ele consegue sustentar a casa e fazer tudo por mim e pela minha família*".

a) Subcategoria 2.C.i: A característica central do raciocínio moral desta conjunção de variáveis perpassa o apelo à proteção, revelado pelos sentimentos de admiração e amor por pessoas que garantam segurança à jovem, de forma que os limites a ela impostos sejam significados como uma maneira de zelar por ela; tal associação é complementada pela desaprovação à arrogância de pessoas abastadas que se julgam superiores às demais, significado, de alguma forma, por uma atitude de não ter o devido cuidado com os demais. O cuidado, neste caso, aparece como contraposição entre o amor por aquele que representa seu amparo e a rejeição pela falta deste naqueles que menosprezam outras pessoas, seja qual for sua motivação.

Subcategoria 2.C.i.II: Quando perguntada sobre quem gostaria de ser, esta jovem afirma que gostaria de ser o próprio pai, ratificando sua admiração pela determinação e argumentando que o pai é dedicado e prestativo, que ajuda a todos e dá conselhos, reforçando seu apreço por pessoas que indicam caminhos e fronteiras.

Subcategoria 2.C.i.II.b: Ao ser indagada sobre seu ideal de mundo, defende a pacificação mundial pautada na fraternidade: "*todos deveriam amar uns aos outros independentemente da raça e da cor de cada um*".

Subcategoria 2.C.i.II.b.α: A seu ver, é da responsabilidade de todos, ou seja, da coletividade, alcançar um mundo mais pacífico por intermédio da "*boa vontade*" e do engajamento coletivo de um público específico "*das pessoas que vão à igreja*".

Subcategoria 2.C.i.II.b.α.♠: Como contribuição pessoal para o alcance de um mundo melhor, vislumbra o seu engajamento pessoal em causas religiosas como forma de concretizar a sua cooperação: "[...] *levar algumas pessoas para a igreja e ajudar como é preciso para que elas aceitem a Deus*".

Subcategoria 2.C.i.II.b.α.♠.χ: No quesito referente a seu sonho, a jovem faz referência a jogadores de futebol, à vontade de conhecer as celebridades pessoalmente e à oportunidade de conhecer o estádio do time de futebol para o qual torce.

b) Subcategoria 2.C.ii: A característica central do raciocínio moral desta conjunção de variáveis, tal qual na subcategoria anterior, perpassa o apelo à proteção, revelada nos sentimentos de admiração pela figura paterna e no amor a uma entidade sobrenatural que, articulados, demonstram o apreço do jovem à sua segurança; esta composição associa-se a uma rejeição inexistente afiançada quando de sua resposta à questão "*quem não merece a sua consideração?*", ao que o jovem respondeu com a afirmação: "*não gosto de julgar outras pessoas, por mais que eu saiba algum defeito dela, procuro saber se ela tem alguma qualidade*".

Subcategoria 2.C.ii.I: Ao ser indagado a respeito de quem gostaria de ser por uma semana, o jovem afirmou que gostaria de ser um escritor de projeção internacional, justificando sua escolha pela criatividade de suas obras: "*eu queria saber como ele faz para elaborar as suas histórias que, na minha opinião, são excelentes*".

Subcategoria 2.C.ii.I.c: Em relação à sua visão de mundo ideal, sustenta que a virtude da sabedoria seria uma alternativa de transformação do mundo, declarando que "*temos de mudar os nossos pensamentos, transformando-os em atitudes para melhorar o mundo*".

Subcategoria 2.C.ii.I.c.α: Indagado a respeito de quem poderia contribuir para transformar o mundo, atribui à coletividade a responsabilidade desta empreitada: "*todos fazendo a sua parte* [...] *fazendo a sua parte para a melhoria do ambiente em que vivem*".

Subcategoria 2.C.ii.I.c.α.♦: Sua participação para a conquista de um mundo melhor é vislumbrada a partir de seu engajamento social, participando de iniciativas de melhoria de seu bairro, da sua cidade... "*Sempre quis fazer a minha parte, participar de programas contra o desmatamento, lutar contra o consumismo exagerado...* ".

Subcategoria 2.C.ii.I.c.α.♦.π: Como objetivo pessoal, aponta o anseio por ter uma profissão, declarando: "*meu maior sonho é ser um advogado. Quero defender a população* [...] *manter a minha ética profissional*".

CATEGORIA 3:

Os quatro participantes – três do sexo masculino e uma do sexo feminino, cujas respostas geraram a ***Categoria 3*** – optaram pela admiração pautada na perseverança de pessoas cuja persistência é significada pelos adolescentes como uma espécie de missão, da qual não há como se esquivar, transformando-se tal tarefa em uma dedicação incansável a uma causa, a um sonho, a uma cura. Tal objetivo de vida assume o caráter próprio do sentido de existir outorgado à vida da pessoa admirada.

Conjugações
Subcategoria 3A

Uma ocorrência.

A subcategoria 3A decorre da conjunção entre uma admiração pautada pela perseverança projetada sobre alguém que segue inabalável em sua tarefa, ou missão, tanto quanto fiel às suas convicções; tal admiração na subcategoria 3 está associada ao sentimento do amor regulado pela valorização do cuidado, da proteção e do amparo, percebidos como uma forma de dedicação desmedida.

a) Subcategoria 3.A.i: A resultante desta conjunção de respostas aponta para uma subjetividade sensível à dedicação daqueles que estão dispostos a amparar outras pessoas sem esperar nada em troca, sem limites, sem cobranças e, especialmente, sem alardear sua atitude de desprendimento em relação ao beneficiado: "*a melhor pessoa do mundo*" (Participante 14); a partir destas premissas, esta individualidade rejeita todo e qualquer tipo de violência, citando nominalmente alguém de sua família que, em sua visão, teria se envolvido "*com coisas erradas*". O binômio, o melhor e o pior de uma pessoa, balizam as suas respostas no eixo dos valores e contravalores.

Subcategoria 3.A.i.I: Na sequência de suas respostas, este jovem, ao seu questionado a respeito de quem gostaria de ser por uma semana, declara o desejo de ser um expoente do futebol mundial, vislumbrando o sucesso projetando-se em sua fama, justificando que tal figura "*tem muito dinheiro e mora na Espanha*".

Subcategoria 3.A.i.I.b: Questionado sobre o que entende por mundo ideal, o jovem aponta sua expectativa para a pacificação mundial, uma coletividade sem violência de qualquer espécie, perpassado por um ideal de humanidade mais tolerante, em que haja a fraternidade de uns para com os outros.

Subcategoria 3.A.i.I.b.ζ: À indagação a respeito de quem, em sua opinião, poderia contribuir para que a coletividade alcançasse o estágio de mundo melhor, indica claramente que uma de suas premissas seria a redenção dos criminosos, ao declarar que: "*os ladrões arrumassem consciência do que eles fazem e parassem de roubar*". (Participante 14).

Subcategoria 3.A.i.I.b.ζ.♠: Ao ser questionado sobre qual poderia ser a sua contribuição nesta direção, afirma que poderia ajudar "*tentando abrir a cabeça dele, fazendo ele entender que o que ele faz é errado*", raciocínio este que, entre outros, deu origem ao parâmetro do engajamento pessoal.

Subcategoria 3.A.i.I.b.ζ.♠.Ψ: Perguntado a respeito de qual seria o seu sonho pessoal, respondeu que gostaria de morar no exterior, mais especificamente, na Itália, e não ter a necessidade de trabalhar quando estivesse aposentado, de tal forma que pudesse dispor de recursos suficientes para turismo e lazer.

Subcategoria 3B

Duas ocorrências.

A subcategoria 3B é a resultante da admiração, ainda pautada pela perseverança, e que, especificamente nesta subcategoria, é representada pela deferência a uma pessoa, ou uma entidade, que assume o compromisso de concretizar a sua tarefa de forma incondicional, apesar de todas as dificuldades e de toda a dor eventualmente enfrentadas, em função das quais as variantes são significadas como uma espécie de missão; esta admiração, ainda no caso desta subcategoria, está associada ao amor dedicado ao exemplo recebido de quem lhes serve de inspiração, uma referência adotada a partir de alguém que seja capaz de se doar sem limites, tal como demonstra o relato da adolescente identificada em nossa análise como participante 10: "*amo pessoas que não veem limites nas coisas, que não medem esforços para ajudar outras pessoas... [...] pessoas que mostram amor mesmo não tendo conectividade genética...*".

a) Subcategoria 3.B.ii: A participante 10 afirma que não há ninguém que não mereça a sua consideração, ou o seu respeito, apontando que cada pessoa tem, em si mesma, uma faculdade latente outorgando-lhe o direito do vir a ser como potencialidade humana.

Subcategoria 3.B.ii.IV: Na sequência de suas respostas, declara que não haveria ninguém que gostaria de ser, ainda que fosse por apenas uma semana, apontando para a satisfação consigo mesma e com a história que está construindo.

Subcategoria 3.B.ii.IV.b: No quesito mundo ideal, anseia pela pacificação, pela convivência entre pessoas apaziguadas, conforme demonstra a sua resposta: "*um mundo sem violência, com muito amor, união, paz, seria um mundo ideal que todo mundo desse bom dia uma para o outro, que a fila do banco fosse motivo para risada, que pegar ônibus lotado fosse um jeito de se sentir mais unido às pessoas, que a chuva fosse um dia para todo mundo sair e tomar um bom banho de chuva sem se preocupar com a hora, com os compromissos, com o perigo... um mundo realmente muito diferente!*".

Subcategoria 3.B.ii.IV.b.α: Em sua opinião, cabe a todos, coletivamente, e a cada um, individualmente, a responsabilidade de gerar esta transformação pautada no respeito ao próximo e às demandas que lhes são próprias, outorgando a cada individualidade o direito de ser como é.

Subcategoria 3.B.ii.IV.b.α.♠: Questionada a respeito das próprias potencialidades na conquista desta transformação coletiva, assume como possibilidades o engajamento pessoal na conscientização das pessoas: "*eu poderia fazer a mobilização das pessoas, sair pelas ruas com um alto falante [...]*".

Subcategoria 3.B.ii.IV.b.α.♠.Ψ: Indagada sobre seu sonho, associa seu ideal à possibilidade de ter lazer, declarando que gostaria de "*viajar para fora do país; conhecer outros lugares [...]*", de tal forma que sua resposta contribuiu para o agrupamento do parâmetro Ψ associado ao lazer.

b) Subcategoria 3.B.iii: Na conjunção da admiração pela perseverança, conotada por traços de humildade da entidade admirada e no amor pelo exemplo da mãe, a quem reconhece como referência, este jovem aponta a negligência de algumas pessoas como justificativa para a sua rejeição: "*vejo o mundo de hoje meio monótono e sem muita esperança. Apesar de toda a agitação das pessoas, os jovens de hoje não querem saber de nada, já não têm grandes sonhos e vontades [...]*". (Participante 02).

Subcategoria 3.B.iii.I: Perguntado a respeito de quem gostaria de ser por uma semana, declarou que apreciaria ser um autor renomado, citando-o nominalmente, visto que, a seu ver, é um grande psicólogo e escritor que, segundo sua opinião, "*analisa a vida de grandes sonhadores; porque a Psicologia é o jeito como ele analisa as coisas da vida e as pessoas* [...]".

Subcategoria 3.B.iii.I.c: Diante da questão do mundo ideal, em sua concepção, este deveria ser um ambiente no qual "*as pessoas não desistissem de seus sonhos*" e persistissem convictos de seus ideais.

Subcategoria 3.B.iii.I.c.γ: Ao ser indagado a respeito de a quem caberia a responsabilidade de construir uma coletividade melhor, traz para si mesmo a responsabilidade de contribuir, ao declarar "[...] *sim! Eu mesmo posso ajudar levando mais alegria para outras pessoas. Uma vez me reuni com alguns amigos e fomos para uma rua bem movimentada distribuir abraços grátis [...] só de ver o sorriso das pessoas já valeu a pena!*".

Subcategoria 3.B.iii.I.c.γ.♠: Complementando a série de questões sobre atribuições e responsabilidades por um mundo melhor, emenda: "*eu poderia incentivar as pessoas a amar e sonhar mais".*

Subcategoria 3.B.iii.I.c.γ.♠.π: Frente a seu maior sonho, declara seu desejo de ter uma profissão, conquistando uma carreira como psicólogo e, desta forma, poder analisar e ajudar pessoas em seus dilemas e dificuldades.

Subcategoria 3C

Uma ocorrência.

A subcategoria 3C decorre da associação da admiração pela perseverança com o amor pela segurança. São centrais a esta subcategoria tanto a valorização da consistência dos objetivos traçados, traduzida de alguma forma pela coerência entre intenção e ação da pessoa admirada, quanto o foco nas orientações e diretrizes que são oferecidas pela pessoa amada. Este adolescente defende a adoção de medidas mais severas na formação dos jovens, bem como sanções mais rigorosas a contraventores. Em sua opinião, definir ou impor limites é uma forma de amar.

a) Subcategoria 3.C.i: Rejeita todo e qualquer tipo de violência, mas enfatiza que a mais repugnante de todas as violências é a sexual, defendendo inclusive a pena de morte aos criminosos que tenham cometido este tipo de delito.

Subcategoria 3.C.i.II: Ao ser indagado sobre quem gostaria de ser por uma semana, declara que gostaria de ser um tio seu, o qual é comparado ao seu padrasto - o foco de sua admiração -, e a quem admira por ser esforçado e ter um objetivo claro na vida: "*ele é inteligente, esforçado, gosta de esportes [...] trabalha nos dias da semana e nos finais de semana estuda e faz esportes*".

Subcategoria 3.C.i.II.b: Sobre seu ideal de mundo, defende que nele não haveria violências de espécie alguma, nem drogas, muito menos os crimes, e também seriam extintos os armamentos, as mentiras e as traições: "*só felicidade, alegria e paz*!"

Subcategoria 3.C.i.II.b.β: Com referência às possíveis contribuições, imputa a responsabilidade especialmente à classe política, a quem faculta o poder de impor alguns controles e sanções sociais.

Subcategoria 3.C.i.II.b.β.◘: Em relação a si mesmo, sente-se impotente para promover mudanças: "infelizmente eu não posso fazer nada; a minha parte eu faço, mas sem a ajuda do povo e dos políticos eu não posso fazer nada".

Subcategoria 3.C.i.II.b.β.◘.φ: Como objetivo pessoal, aponta o desejo de conquistar um emprego em uma "*empresa famosa*", o que, segundo a sua percepção, seria para ele a garantia de um futuro melhor, e justifica: "*quero dar um futuro aos meus filhos*".

Durante a conjugação dos parâmetros que resultaram nas ***Categorias 1, 2 e 3***, para além de seus sete possíveis desdobramentos em cada categoria dando origem à sequência de subcategorias acima detalhadas, algumas evidências foram se nos apresentando; tais constatações originam uma lista de tópicos que introduzem, no próximo item, a análise dos dados por nós obtidos.

3.5 ANÁLISE DE DADOS

3.5.1 Primeira fase

Em função da metodologia adotada, especialmente no que tange à seleção, organização e sequenciamento das questões apresentadas pelo questionário aplicado, nossos resultados foram organizados visando encontrar uma coerência própria inerente ao raciocínio moral de cada um dos participantes de nossa pesquisa de campo. Outras perguntas, outras sequências provavelmente teriam instituído outras possibilidades, podendo ter favorecido diferentes disposições ao raciocínio moral aqui observado; reconhecidas estas variáveis como intrínsecas a qualquer que fosse o recorte adotado, passaremos a apresentar e caracterizar a lógica inerente às respostas por nós obtidas.

Em uma primeira aproximação à análise de nossos resultados, retomamos os parâmetros encontrados e os associamos aos valores centrais depreendidos, detalhando-os de acordo com as questões das quais derivam; tal coordenação nos permite identificar algumas das evidências encontradas. Cada questão, com seus respectivos parâmetros, aspectos, significados e valores será, portanto, brevemente retomada.

Especificamente com relação à ***admiração*** pautada pela ***superação***, evidencia-se uma ***perspectiva positiva*** associada à trajetória percorrida pela pessoa objeto da admiração do adolescente, descrita por narrativas cujo conteúdo revela a suplantação das condições adversas e o enfrentamento incondicional de obstáculos e contrariedades, sendo o seu ***saldo notoriamente favorável***, trazendo-lhe como consequência ***conquistas e avanços inalienáveis***. A ***admiração*** pautada pela ***determinação*** valoriza a trajetória de uma pessoa em que se destacam as ***dificuldades enfrentadas que permeiam uma história de luta e sofrimento*** sem que tenham abalados seus propósitos pessoais, tampouco sua dedicação à família; em função de tais princípios, possíveis ***resultados obtidos não são relevantes***. A ***admiração*** pautada pela ***perseverança*** encontra-se profundamente arraigada ao significado atribuído a uma história de vida que tenha implícita ***uma missão a ser cumprida*** e que, portanto, tenha em si mesma uma jornada predeterminada atribuída a uma individualidade, ou entidade, que corresponde ao sentido próprio da sua existência de tal forma que esta figura exerça uma ***profunda ascendência sobre os demais***. A admiração pela superação tem intrinsecamente relativa conotação material; a admiração pela determinação pauta-se na tenacidade com que alguém possa manter a integridade pessoal, ainda que à custa de muito sofrimento; e, por último, a admiração pautada pela perseverança aponta para histórias de vida e condutas idolatráveis. A partir destas diretrizes foram depreendidos – por meio das respostas atribuídas ao sentimento da ***admiração*** – como valores centrais respectivamente o ***reconhecimento***, a ***reparação*** e uma espécie de ***deferência***, equivalentes, em certo, sentido à gratidão, à dívida moral e à exaltação, respectivamente.

O segundo segmento de nossa análise apresenta os atributos associados pelos participantes ao sentimento do amor, com grande predominância à referência das relações pessoais diretas atreladas a uma convivência afetiva. Como reiteradamente temos afirmado, mais uma vez, no recorte específico encontrado em nossa amostra, o ***amor*** evidencia-se, em uma primeira aproximação, referendado pelo ***cuidado***, significado pelo ***acolhimento incondicional de alguém que ofereça refúgio e guarida*** diante dos desafios e adversidades a serem enfrentados pelos adolescentes em seu dia a dia. Uma segunda referência ao ***amor*** é associada ao ***exemplo***, percebido pelos jovens nas relações que estabelecem com ***pessoas de sua convivência que tenham uma significativa ascendência frente ao jovem***, sejam elas seus familiares diretos ou não. A terceira referência ao ***amor*** vem associada ao sentimento de ***segurança*** que emana da própria relação afetiva, ***tanto definindo limites quanto oferecendo orientações*** que se façam necessárias, visando salvaguardar a integridade física e moral do adolescente e fortalecendo laços de confiança recíprocos. Sinteticamente, o ***amor*** associado

ao cuidado foi significado como apoio inalienável; o amor endossado pelo exemplo é uma referência de conduta e de comportamento que inspira o adolescente e, por último, o amor concebido como equivalente à segurança é assentido como pressuposto da garantia em se buscar o melhor para o jovem; os ***valores depreendidos*** a partir destas afirmações e suas respectivas justificativas como alicerce do amor foram respectivamente o ***amparo*** incondicional, a ***inspiração*** e a ***confiança***.

Nossa terceira aproximação às referências morais potencialmente éticas dos adolescentes teve por objetivo identificar alguma característica julgada condenável a partir de seus próprios referenciais. No quesito ***rejeição***, foram cinco as características encontradas, a saber: ***violência***, ***rejeição inexistente***, ***displicência***, ***rejeição à representatividade exercida pela classe política*** e ***arrogância***. Os dez jovens que afirmaram rejeitar a violência defenderam a sua posição a partir de sua condenação a assassinos, ladrões e, em especial, àqueles que usam da violência sexual contra terceiros; foram três os jovens que declararam não experimentarem rejeição a quem quer que seja, afirmando que todo e qualquer ser humano, sem exceção, merece a sua consideração; três participantes expressaram sua condenação àqueles que se mostram displicentes com os seus próprios recursos e potenciais, sejam eles materiais ou habilidades próprias, com ênfase nos primeiros, em especial, os financeiros; uma quarta possibilidade foi aventada por três dos jovens respondentes, cuja rejeição emergiu fortemente como um questionamento à representatividade da classe política que não exerceria efetivamente o seu mandato a serviço dos interesses da população; uma última manifestação de rejeição, manifesta por um adolescente, foi associada à arrogância identificada em pessoas presunçosas, egoístas, a quem falta humildade e bom senso para usufruir de forma adequada de seus recursos. Depreende-se, portanto, das entrelinhas das respostas obtidas a partir dos contravalores anunciados, possíveis ***valores defensáveis*** daqueles decorrentes: o ***direito à integridade***, o ***respeito pelo outro***, o ***altruísmo*** ao se fazer melhor uso do patrimônio e dos bens pessoais disponíveis, a ***responsabilidade*** aplicável aos recursos e benefícios administrados pela classe política e a ***humildade*** associada àqueles cuja exposição corrobora a sua exaltação pessoal.

A quarta proposição feita aos jovens respondentes visava confirmar parte das referências apontadas anteriormente em uma possível projeção sobre as oportunidades vislumbradas em terceiros. Dez adolescentes manifestaram o desejo de ser, ainda que por um breve período de tempo, uma celebridade em evidência na mídia, com ampla prevalência de ídolos do futebol e, na sequência, atores ou atrizes de destaque que preferencialmente atuem, de modo simultâneo, como apresentadores de programas de auditório; foi expresso por três

jovens o desejo de ser alguém da própria família, pessoa esta a quem admiram e em quem percebem uma referência de atitude frente aos desafios do cotidiano; dois foram os jovens que manifestaram uma projeção sobre pessoas que se dedicam ao voluntariado; duas foram as jovens a afirmarem que, ainda que lhes fosse dada a oportunidade de serem outra pessoa, prefeririam continuar sendo elas mesmas, demonstrando sua satisfação pessoal com as próprias história e trajetória; uma jovem manifestou seu desejo em ser uma surfista, vislumbrando a possibilidade de viajar pelo mundo conhecendo lugares e praias diferentes; uma última jovem declarou que gostaria de ser uma pessoa bem-sucedida, fator que lhe oportunizaria novas ideias e pensamentos. Das respostas à quarta questão, a qual indagava sobre uma possível ***projeção***, depreendem-se, portanto, valores correspondentes: ao ***poder*** que exercem e conquistam as celebridades; à ***dedicação*** reconhecida em familiares que façam a diferença na vida de alguém próximo; à ***generosidade*** atrelada à atenção ao bem-estar coletivo colocada em prática por intermédio do voluntariado; à ***felicidade*** declarada no sentimento de satisfação consigo mesmo; à ***liberdade*** depreendida do desejo em viajar e residir em alguma praia do litoral ao redor do mundo; e à ***transformação*** manifesta pelo desejo em ter recursos suficientes para seu desenvolvimento pessoal, o que implicaria, a seu ver, em possibilidades de vislumbrar novos horizontes e possibilidades de inovação.

Para além das questões mais pessoais refletidas por nossas primeiras indagações, interessava-nos entrever em algumas das proposições a maneira de cada adolescente perceber-se inserido em um contexto maior, sugerindo questões mais abrangentes que ultrapassassem as conjecturas unicamente individuais; neste sentido, duas questões foram propostas: a primeira, indagando sobre um possível mundo ideal; e a segunda, versando sobre contribuições e responsabilidades naquela direção apontada.

A concepção de ***mundo ideal*** objeto da quinta pergunta feita aos participantes indicou alguns preceitos mais universais genéricos: os jovens, de modo geral, desejaram a igualdade, a paz, a sabedoria e o acesso aos bens públicos. As principais referências associadas a esta espécie de *utopia* estiveram relacionadas: à ***igualdade social***, por intermédio da suspensão de todo e qualquer tipo de preconceito e da defesa inalienável de oportunidades equivalentes e acessíveis a todas e a todos; à busca por uma convivência coletiva mais pacífica e tolerante, suspendendo toda e qualquer arbitrariedade por intermédio da ***pacificação***; à sabedoria vislumbrada pelo compartilhamento de ideais coletivos da excelência humana e do bom senso; e, à ***cidadania plena***, por intermédio do exercício irrestrito dos direitos e dos deveres com responsabilização direta dos poderes públicos pelos serviços eventualmente não

prestados. Os parâmetros identificados em seu ideal de mundo foram associados respectivamente à ***igualdade***, à ***fraternidade***, à ***temperança*** e à ***responsabilidade***.

Na sequência, ainda na dimensão do coletivo, iniciamos uma abordagem mais específica a respeito das potencialidades e contribuições, inicialmente coletivas e, na sequência, abordamos aquelas individuais; a reflexão proposta dizia respeito a possíveis aportes à criação das condições ideais para o nosso mundo. A partir da questão "Quem, em sua opinião, poderia contribuir para termos ***um mundo melhor***?", foram identificados sete parâmetros distintos, a saber, a coletividade, a classe política, o próprio participante, o poder judiciário, as pessoas privilegiadas, a remissão dos criminosos, finalizando tal atribuição por um mundo melhor a uma entidade sobrenatural. As distintas opções identificadas nas diversas respostas tiveram uma significação central pautada pela responsabilidade demonstrando que os jovens a atribuem a todos, quer sejam indivíduos, categorias, classes ou coletividades. Detalhadamente, os atributos foram organizados por uma sequência decrescente no que se refere à sua ocorrência: a ***coletividade***, defendendo uma organização coletiva pautada pela ***cooperação***; a ***classe política***, significada pelo questionamento à sua representatividade e ***legitimidade*** de sua atuação na defesa dos direitos dos cidadãos; a ***si mesmo***, por intermédio da ***responsabilidade*** ao assumir as consequências dos próprios atos, exigindo-se a coerência entre expectativas e ações; o ***poder judiciário***, na ***severidade*** e na garantia da justiça, aplicando as sanções a todos que o fizerem por merecer, sem exceções ou privilégios de nenhuma ordem; as ***pessoas privilegiadas***, que tenham sido favorecidas historicamente pelas oportunidades socioeconômicas a que tiveram acesso e que, portanto, deveriam comprometer-se com a justiça social e a ***igualdade***; a remissão dos ***criminosos***, cuja conscientização a respeito da gravidade dos atos cometidos teria potencialmente o efeito de fazê-los repensar as consequências das infrações cometidas, de modo a promover uma possível ***reintegração*** social; e um atributo único e exclusivo de uma ***entidade sobrenatural***, a quem é outorgada a possibilidade irrefutável de intervir sobre o mundo, bem como sobre a humanidade, uma vez que os próprios seres humanos não o poderiam alcançar, o que resultou no valor depreendido da sensação de ***impotência humana***.

Ao serem questionados a respeito de suas próprias possibilidades de contribuição, os jovens apontaram como questões centrais: o ***engajamento pessoal***, usando de ***solidariedade*** o que os levaria a assumir um compromisso efetivo com outras pessoas, ***compartilhando conhecimentos e habilidades*** em benefício dos demais; o ***aprimoramento pessoal***, que exige ***comprometimento***, fazendo com que aflorem potencialidades próprias latentes que, segundo sua própria opinião, não tem sido aplicadas adequada e suficientemente aos interesses da

coletividade; o ***engajamento político***, de forma a assumir um compromisso mais efetivo com as reivindicações de interesse comum, por intermédio de sua ***participação*** em questões de interesse coletivo; o ***engajamento social***, dedicando mais atenção às causas sociais, valorizando a participação de todos e de todas e o exercício da ***cidadania***; e, por último, um ***sentimento de impotência*** frente aos desafios humanos da atualidade, gerando frustração e desânimo, provocando certa ***resignação*** com as próprias limitações.

Uma última questão foi proposta aos participantes buscando-se reconhecer seus anseios pessoais por intermédio da proposição: "Qual é seu maior sonho?". Os jovens manifestaram suas pretensões nas expectativas mais genuínas da juventude de nosso país, quais sejam, pela ordem de sua ocorrência: uma profissão, a formação superior e (ou) um emprego. Em suas respostas, apontaram preferencialmente: a conquista de ***uma profissão***, significada pela conquista de uma carreira específica, consolidando ***a superação das adversidades enfrentadas*** e o reconhecimento dos demais; o acesso à ***formação superior***, demonstrando o potencial do jovem, bem como promovendo ***status e dignidade***; a oportunidade de ***um emprego***, garantindo ***estabilidade financeira*** que promova benefícios a si mesmo, a familiares e a terceiros; o desejo da ***fama***, levando o jovem à notoriedade e ao sucesso, bem como ao ***reconhecimento pela mídia e pelo grande público***, para além da garantia das benesses materiais incontestes; a expectativa de se tornar uma ***desportista profissional***, ocupação esta que lhe proporcionaria ***viagens, lazer e turismo*** em localidades as mais remotas; e a manifestação do ***saudosismo***, pautado pela perda de um ente querido, a quem gostaria de rever para ***atenuar a falta que a pessoa lhe faz***.

3.5.2 Segunda fase

A fase seguinte de nossa análise perpassa os valores depreendidos de modo a os organizar de acordo com os blocos inicialmente anunciados, quais sejam: ***Bloco I***, apontando ***valores expressos pelos sentimento evocados***, ou em sua oposição, por intermédio da condenação a alguém que não mereceria o seu respeito; ***Bloco II***, composto a partir de uma ***idealização pessoal***, bem como ***outra coletiva***; e ***Bloco III***, resultante de uma avaliação do participante sobre ***contribuições primeiramente coletivas e, posteriormente, pessoais*** para além de ***um ideal pessoal***. Os blocos nesta etapa têm por função organizar uma sequência de juízos de valor complementares que contribuirão para identificar uma eventual lógica intrínseca aos valores centrais a cada individualidade. Esta estratégia nos permitiu reintegrar

aspectos inicialmente isolados. Afirmações que não foram confirmadas pelas respostas a outras questões não foram levadas em consideração nesta fase de nossa análise de dados, admitindo-as como variantes não significativas do raciocínio moral dos participantes. Um exemplo prático pode ser demonstrado nas respostas obtidas à quarta questão[99], uma vez que boa parte destes jovens – mais precisamente, dez de dezenove –, reconhecidamente exposta a condições desfavoráveis de oportunidades em geral, inclusive de renda, acabou por extravasar suas expectativas sobre personagens da mídia que reconhecidamente gozam de prestígio, notoriedade e recursos praticamente ilimitados; em função disto, as respostas à quarta questão foram efetivamente consideradas se, e somente se, confirmaram valores outros anteriormente anunciados.

PARTICIPANTE 1 - Valores centrais depreendidos							
BLOCO I - Valores			Bloco II - Idealizações		Bloco III - Contribuições e ideais		
Reparação	***Amparo***	***Altruísmo***	***Poder***	***Igualdade***	***Severidade***	***Compro-metimento***	***Qualifi-cação***

O ***Participante 1***, ao apontar seus valores centrais pautados em sentimentos, bem como uma possível *condenação* a atitudes, a seu ver, reprováveis, demonstra ser central a seu raciocínio moral uma questão associada ao caráter de dívida moral que se assume perante aqueles cuja história de vida seja perpassada por dificuldades e contratempos. Há que se *reparar e cuidar* dos desamparados, atribuindo aos mais *privilegiados* uma relativa responsabilidade por criar as condições necessárias à equidade social. Revela disposição em contribuir eventualmente para buscar alternativas coletivas de aperfeiçoamento. Em sua opinião, o poder judiciário deveria ser mais atuante; e vislumbra na formação superior uma oportunidade de superar as adversidades vivenciadas. Central a seu raciocínio pareceu ser a ***justiça social***.

PARTICIPANTE 2 - Valores centrais depreendidos							
BLOCO I - Valores			Bloco II - Idealizações		Bloco III - Contribuições e ideais		
Deferência	***Exemplo***	***Altruísmo***	***Poder***	***Tempe-rança***	***Responsa-bilidade***	***Solidarie-dade***	***Carreira***

O ***Participante 2*** evidencia em seu eixo de valores uma supremacia dos sentimentos evocados associados a referências pessoais perpassadas de veneração por aqueles a quem dedica seu amor e sua admiração, exaltando suas qualidades. O altruísmo e a temperança

[99] Questão 4: "Quem você gostaria de ser por uma semana?"

acentuam sua expectativa de que as pessoas estejam dispostas a dar o melhor de si em benefício de seus semelhantes. Assume compromisso com a coletividade ao afirmar que tem, em si mesmo, o potencial latente para contribuir com a melhoria *do mundo* ao evidenciar em suas respostas a importância que atribui à responsabilidade e à solidariedade. Tem como expectativa de futuro assumir uma carreira específica que lhe permita alcançar alguns de seus anseios; indica a Psicologia como sendo a sua escolha, ratificando a vontade em apoiar outras pessoas. Central a seu raciocínio pareceu ser a valorização da ***excelência humana***.

PARTICIPANTE 3 - Valores centrais depreendidos							
BLOCO I - Valores			Bloco II - Idealizações		Bloco III - Contribuições e ideais		
Reparação	***Amparo***	***Responsabi-lidade***	***Dedicação***	***Igualdade***	***Legitimidade***	***Resignação***	***Nostalgia***

O ***Participante 3*** mostra-se sensível à dívida moral que se constitui a partir da falta de oportunidades dadas a pessoas cuja trajetória comprometeu a conquista de condições melhores, bem como denota responsabilização à classe política, a quem caberia garantir acesso aos serviços que garantissem a dignidade a todos; esta leitura evidencia-se em duas de suas respostas, quais sejam, a responsabilidade e a legitimidade questionada em relação àqueles que não fazem jus aos votos recebidos. Suas respostas são perpassadas pela resignação e pelo sentimento de impotência perante as dificuldades enfrentadas no período em que foi realizada a pesquisa. Projeta-se em uma pessoa da família como exemplo de *força* e superação. A perda recente de um ente querido tangencia suas reflexões. Central a seu raciocínio pareceu ser, contingencialmente, a ***resignação***.

PARTICIPANTE 4 - Valores centrais depreendidos							
BLOCO I - Valores			Bloco II - Idealizações		Bloco III - Contribuições e ideais		
Reconheci-mento	***Exemplo***	***Responsabi-lidade***	***Transfor-mação***	***Igualdade***	***Cooperação***	***Solidarie-dade***	***Qualifi-cação***

A ***Participante 4*** manifesta claramente na sequência de suas respostas a indignação com o preconceito, a hostilidade e a discriminação de toda e qualquer origem. Declara sofrer intolerância por questões de gênero e demonstra apreço e gratidão a quem a aceita exatamente como é. Entende que todos, sem exceção, poderiam e deveriam contribuir em regime de cooperação para a conquista de um mundo mais justo, não se isentando de sua própria responsabilidade. Afirma que gostaria de ter os recursos necessários para ter acesso a conhecimento em instituições renomadas, o que a habilitaria a promover inovação e

transformação para si mesma, para os outros e para a coletividade. Central a seu raciocínio pareceu ser a ***dignidade***.

PARTICIPANTE 5 - Valores centrais depreendidos							
BLOCO I - Valores			Bloco II - Idealizações		Bloco III - Contribuições e ideais		
Reconheci-mento	***Amparo***	***Direito à integridade***	***Poder***	***Fraterni-dade***	***Legitimi-dade***	***Compro-metimento***	***Populari-dade***

O ***Participante 5*** evidencia na sequência de suas respostas o reconhecimento explícito à figura de sua mãe, definindo-a como uma mulher guerreira, batalhadora e que não se abate diante das dificuldades. É substancialmente contra qualquer tipo de violência e defende que a pacificação por intermédio da fraternidade seja a única alternativa à humanidade. Reconhece em si mesmo um campo propício ao autoaperfeiçoamento e questiona a legitimidade e a representatividade da classe política na atualidade. Central a seu raciocínio pareceu ser o desejo do entendimento entre os povos e do ***fim da violência***.

PARTICIPANTE 6 - Valores centrais depreendidos							
BLOCO I - Valores			Bloco II - Idealizações		Bloco III - Contribuições e ideais		
Reconheci-mento	***Confiança***	***Direito à integridade***	***Poder***	***Tempe-rança***	***Coopera-ção***	***Solidarie-dade***	***Carreira***

O ***Participante 6*** demonstra suas referências fortemente influenciadas pela figura paterna, cuja dedicação o tem sustentado em todos os sentidos, especialmente quanto a seus princípios de cunho moral: "*me ensinando o que é certo e o que é errado*"; relação esta da qual emana um profundo sentimento de confiança. Esta percepção perpassa seu ideal de mundo e seus *compromissos* pessoais. Aponta a sabedoria como qualidade inalienável à coletividade. Atribui a todos, ou à coletividade, a condição de contribuir para um mundo melhor, por intermédio especialmente da temperança, incluindo a si mesmo neste preceito. Como sonho pessoal, manifestou seu desejo em ser piloto da Aeronáutica, sonho este apresentado também por seu pai na juventude. Central a seu raciocínio pareceu serem os ***ensinamentos recebidos***.

PARTICIPANTE 7 - Valores centrais depreendidos							
BLOCO I - Valores			Bloco II - Idealizações		Bloco III - Contribuições e ideais		
Reparação	***Confiança***	***Respeito ao próximo***	***Poder***	***Tempe-rança***	***Coopera-ção***	***Cidadania***	***Carreira***

O ***Participante 7***, ao conjugar reparação e confiança, demonstra sua afeição ao pai, em quem reconhece como característica marcante sua determinação; o respeito ao próximo manifesta sua postura de tolerância para com todos os seres humanos, a quem outorga o direito de terem suas qualidades humanas, ainda que não as exerçam; ao apontar seu ideal de mundo, reitera esta diretriz e acentua a sua fé na humanidade. Tem por objetivo pessoal uma carreira na área do Direito e ratifica o ideal de "*defender a população*". Central a seus valores parece ser a ***tolerância***.

PARTICIPANTE 8 - Valores centrais depreendidos							
BLOCO I - Valores			Bloco II - Idealizações		Bloco III - Contribuições e ideais		
Reparação	***Confiança***	***Integridade***	***Dedicação***	***Fraterni-dade***	***Coopera-ção***	***Solidarie-dade***	***Populari-dade***

A ***Participante 8***, de forma equivalente ao participante anterior, manifesta sua afeição à figura paterna conjugando valores equivalentes pautados primordialmente nas dificuldades enfrentadas pela família, bem como a maneira como seu pai as encarou; ao declarar uma possível reprovação, indica alguém da família "*que faz coisas erradas*", mas que mereceria uma segunda chance. A solidariedade, a fraternidade e a cooperação demonstram sua tendência a defender a corresponsabilidade entre iguais, com a devida responsabilização das partes. Ao ser questionada sobre um projeto pessoal, não demonstrou, naquele momento, grandes ambições, declarando querer "*conhecer o estádio do São Paulo Futebol Clube*". Central a seus valores pareceu ser a ***responsabilidade***.

PARTICIPANTE 9 - Valores centrais depreendidos							
BLOCO I - Valores			Bloco II - Idealizações		Bloco III - Contribuições e ideais		
Reconheci-mento	***Exemplo***	***Altruísmo***	***Poder***	***Igualdade***	***Legitimi-dade***	***Partici-pação***	***Qualifi-cação***

O ***Participante 9*** pauta seus sentimentos respondidos às questões 1 e 2 pelo reconhecimento ao pai, que enfrentou positivamente suas possíveis dificuldades, e percebe nele e na mãe uma fonte de inspiração para a sua própria conduta, ensinando-o a valorizar todas as suas conquistas. Condena o mau uso de recursos e patrimônio pessoal e defende uma

melhor distribuição dos recursos: "*todo mundo nas mesmas condições*". Atribui responsabilidades à classe política questionando sua atuação frente aos interesses da população. Vislumbra na formação superior o acesso a condições mais favoráveis de vida. Central a seus valores pareceu ser a ***igualdade social***.

PARTICIPANTE 10 - Valores centrais depreendidos							
BLOCO I - Valores			Bloco II - Idealizações		Bloco III - Contribuições e ideais		
Deferência	***Exemplo***	***Respeito ao próximo***	***Felicidade***	***Fraterni-dade***	***Coopera-ção***	***Solidarie-dade***	***Diversão***

A ***Participante 10*** apresenta sua conjugação de valores fortemente arraigada em preceitos religiosos, o que de algum modo perpassa todas as suas respostas. Conjuga a deferência por uma criança da mesma congregação à qual pertence e que luta pela vida ao exemplo que depreende em toda e qualquer pessoa que lute ou defenda a vida, dando ênfase especial àqueles que atuam voluntariamente por esta causa. Ainda pautada em preceitos religiosos, não vislumbra quem quer que seja que gostaria de ser, denotando relativo receio a uma possível *punição transcendental* que possa vir a sofrer futuramente. Vislumbra nas coletividades, especialmente nas religiosas de sua ordem, o potencial de transformar o mundo. O seu *sonho* é conhecer outros países, ser bem- sucedida e, segundo seu relato, "*o mais importante de tudo: ser feliz!*". Central a seu raciocínio parece ser o ***respeito ao outro*** pautado por preceitos religiosos.

PARTICIPANTE 11 - Valores centrais depreendidos							
BLOCO I - Valores			Bloco II - Idealizações		Bloco III - Contribuições e ideais		
Reparação	***Amparo***	***Humildade***	***Generosi-dade***	***Tempe-rança***	***Igualdade***	***Cidadania***	***Carreira***

O ***Participante 11*** pauta seu raciocínio moral adotando por premissas a admiração pela figura paterna representada por seu avô, a quem dedica grande apreço, reconhecendo sua determinação e seu esforço pessoal para enfrentar as adversidades. Reconhece na mãe a sua grande defensora, revelando rejeição sofrida pelo próprio jovem por questões de uma deficiência não especificada: "*ela me ajudou quando o mundo me virou a cara*"; pauta seu amor incondicional pela mãe em função destas condições. Manifesta rejeição às pessoas arrogantes que não se dispõem a ajudar quem precisa, depreendendo-se desta declaração sua defesa da humildade. Declara que desejaria um mundo sem indiferenças, em que houvesse compromisso recíproco entre as pessoas, e vislumbra na educação, especialmente a que ocorre

nos ambientes familiares, uma alternativa à insensibilidade alheia. Confessa que seu grande objetivo é ter uma carreira vinculada à educação física e visa alcançar a conquista de uma academia própria. Central a seu raciocínio parece ser o ***respeito ao outro***.

PARTICIPANTE 12 - Valores centrais depreendidos							
BLOCO I - Valores			Bloco II - Idealizações		Bloco III - Contribuições e ideais		
Reconheci-mento	***Amparo***	***Respeito ao próximo***	***Felicidade***	***Fraterni-dade***	***Coopera-ção***	***Solidarie-dade***	***Qualifi-cação***

A ***Participante 12***, de forma concisa, alinhava suas respostas a partir da admiração e do amor pautados na figura materna, a quem reconhece como uma pessoa com um brilho próprio, que não se deixa abater; representa simultaneamente pai e mãe, segundo manifestação da adolescente. Desejaria um mundo sem guerras e sem violência, no qual houvesse mais mansuetude. Pretende fazer um curso superior, sem especificar uma escolha específica, o que para ela significa uma autorrealização. Manifesta grande satisfação consigo mesma. Central a seu raciocínio parece ser o ***triunfo de si mesma***, à revelia de toda e qualquer eventual dificuldade: "*sou feliz como sou!*".

PARTICIPANTE 13 - Valores centrais depreendidos							
BLOCO I - Valores			Bloco II - Idealizações		Bloco III - Contribuições e ideais		
Reparação	***Amparo***	***Direito à integridade***	***Poder***	***Igualdade***	***Legitimi-dade***	***Cidadania***	***Carreira***

O ***Participante 13*** aponta suas referências pautadas em padrões representados pelos pais, respectivamente, admiração pelo pai e amor pela mãe, em quem reconhece a determinação própria daqueles que buscam suplantar as adversidades sem perder a afabilidade e a ternura. Pauta seus ideais na participação mais efetiva dos cidadãos na teia política de uma nação, de forma a salvaguardar o direito de todos à igualdade e à equidade. Apresenta como objetivo pessoal o desejo de seguir uma carreira vinculada à Tecnologia da Informação, o que lhe garantiria uma condição de vida próspera. Central a seu raciocínio parece ser a ***cidadania***.

PARTICIPANTE 14 - Valores centrais depreendidos							
BLOCO I - Valores			Bloco II - Idealizações		Bloco III - Contribuições e ideais		
Deferência	***Amparo***	***Direito à integridade***	***Poder***	***Fraterni-dade***	***Reinte-gração***	***Solidarie-dade***	***Diversão***

O ***Participante 14*** manifesta seu apreço pela figura paterna identificada no avô materno, cuja orientação o incentivaria a entrever possibilidades mais audazes: "*quando você tem um sonho, não o deixe morrer!*", suplantando as adversidades próprias à sua condição; declara o sentimento de amor pela mãe, em quem reconhece um apoio incondicional: "*me apoia em tudo!*". Não aprova pessoas que não sigam os ensinamentos e o exemplo dos mais experientes, não assumindo as consequências dos próprios atos – retratadas por intermédio de um irmão seu. Seu projeto pessoal é morar em outro país, sem declarar algum objetivo pessoal mais específico. Central a seu raciocínio parece ser a importância atribuída aos ***laços familiares***.

PARTICIPANTE 15 - Valores centrais depreendidos							
BLOCO I - Valores			Bloco II - Idealizações		Bloco III - Contribuições e ideais		
Reconheci-mento	***Amparo***	***Direito à integridade***	***Poder***	***Fraterni-dade***	***Impotência humana***	***Partici-pação***	***Populari-dade***

O ***Participante 15*** reconhece na mãe uma referência de tenacidade e firmeza de caráter, e projeta nos familiares e amigos próximos as pessoas que o apoiam e buscam o seu melhor. Desaprova a violência, especificando como uma das mais impiedosas aquela praticada contra animais indefesos. Desejaria um mundo no qual houvesse maior fraternidade, no entanto, outorga esta condição única e exclusivamente a uma entidade sobrenatural, tributando à impotência humana sua conjuntura atual. Declara como seu maior sonho ser uma celebridade do meio futebolístico. Central a seu raciocínio parece ser a ***benevolência***.

PARTICIPANTE 16 - Valores centrais depreendidos							
BLOCO I - Valores			Bloco II - Idealizações		Bloco III - Contribuições e ideais		
Reconheci-mento	***Amparo***	***Direito à integridade***	***Poder***	***Responsa-bilidade***	***Responsa-bilidade***	***Partici-pação***	***Trabalho***

O ***Participante 16*** admira o pai, em quem identifica uma liderança familiar sob a influência de quem a família tem tido condições dignas de vida, condições estas pautadas por seu empenho pessoal e por sua estabilidade em um mesmo emprego há mais de duas décadas. O amor é associado ao carinho, à afetividade e ao zelo que a mãe dedica aos seus. Identifica

no comprometimento e na participação de todas e todos a alternativa possível para conquistarmos coletivamente um mundo melhor. Seu projeto de futuro é a conquista de um emprego que lhe garanta estabilidade financeira e êxito frente à aquisição dos bens materiais desejados (casa, carro, casa de praia). Central a seu raciocínio parece ser a ***estabilidade***.

PARTICIPANTE 17 - Valores centrais depreendidos							
BLOCO I - Valores			Bloco II - Idealizações		Bloco III - Contribuições e ideais		
Reparação	***Exemplo***	***Direito à integridade***	***Liberdade***	***Igualdade***	***Coopera-ção***	***Compro-metimento***	***Qualifi-cação***

A ***Participante 17*** pauta suas referências pessoais na figura materna, tanto quando se remete à admiração quanto quando o foco é a pessoa destinatária de seu amor. Justifica-o em premissas tais como a alegria, a positividade, a afetividade, o que a habilita fazer a diferença na vida das pessoas. Condena a violência contra a integridade de qualquer ser humano e defende a liberdade, a igualdade e a cooperação como caminhos para uma coletividade mais justa e menos violenta. Seu projeto pessoal é fazer uma faculdade, contudo, não especificou a área desejada, justificando: "*sem estudo, a gente não é nada!*" Central a seu raciocínio parece ser a ***autodeterminação***.

PARTICIPANTE 18 - Valores centrais depreendidos							
BLOCO I - Valores			Bloco II - Idealizações		Bloco III - Contribuições e ideais		
Reconheci-mento	***Amparo***	***Direito à integridade***	***Generosi-dade***	***Igualdade***	***Legitimi-dade***	***Compro-metimento***	***Trabalho***

A ***Participante 18*** reconhece na mãe o foco de sua admiração pautando-a em sua dedicação, responsabilidade e capacidade de superação; declara seu amor à família, em que reconhece o zelo e o cuidado a ela dedicados. É defensora da igualdade, da integridade, da fraternidade e da generosidade como alternativas às injustiças atuais; sustenta que o mundo ideal teria uma maior conscientização das pessoas frente às desigualdades de toda a ordem. Seu projeto pessoal é conquistar um emprego que garantiria o seu sustento e as condições necessárias para alcançar o nível superior de ensino. Central a seu raciocínio parece ser a ***segurança.***

PARTICIPANTE 19 - Valores centrais depreendidos							
BLOCO I - Valores			Bloco II - Idealizações		Bloco III - Contribuições e ideais		
Deferência	***Confiança***	***Direito à integridade***	***Dedicação***	***Fraterni-dade***	***Legitimi-dade***	***Resignação***	***Trabalho***

O ***Participante 19*** aponta sua admiração pela figura paterna representada pelo padrasto, a quem reconhece especialmente em relação à dedicação que consagra à família; quanto ao amor, faz menção à mãe e à vó, que zelam por seu bem-estar. São fortes suas referências vinculadas à proteção, inclusive quando condena a violência contra os mais vulneráveis. A seu ver, um mundo ideal poderia ser alcançado por intermédio da responsabilização efetiva daqueles a quem cabem as ações mais concretas; demonstra certa resignação e conformismo quando manifesta não estarem a seu alcance condições decisivas de participação. Seu projeto pessoal é conquistar um emprego em uma grande empresa, de modo a alcançar as condições necessárias para obter casa e carro próprios. Central a seu raciocínio parece ser a ***família***.

Apontadas as especificidades do raciocínio e da significação dos valores apontados por cada participante, o reagrupamento dos trinta e nove parâmetros distintos encontrados pelo desmembramento das possibilidades ao início de nossos trabalhos apresenta o seguinte panorama:

Tabela 1: Reagrupamento dos trinta e nove parâmetros

1	Reparação	Amparo	Altruísmo	Poder	Igualdade	Severidade	Comprometimento	Qualificação
2	Deferência	Exemplo	Altruísmo	Poder	Temperança	Responsabilidade	Solidariedade	Carreira
3	Reparação	Amparo	Responsabilidade	Dedicação	Igualdade	Legitimidade	Resignação	Nostalgia
4	Reconhecimento	Exemplo	Responsabilidade	Transformação	Igualdade	Cooperação	Solidariedade	Qualificação
5	Reconhecimento	Amparo	Integridade	Poder	Fraternidade	Legitimidade	Comprometimento	Popularidade
6	Reconhecimento	Confiança	Integridade	Poder	Temperança	Cooperação	Solidariedade	Carreira
7	Reparação	Confiança	Respeito	Poder	Temperança	Cooperação	Cidadania	Carreira
8	Reparação	Confiança	Integridade	Dedicação	Fraternidade	Cooperação	Solidariedade	Popularidade
9	Reconhecimento	Exemplo	Altruísmo	Poder	Igualdade	Legitimidade	Participação	Qualificação
10	Deferência	Exemplo	Respeito	Felicidade	Fraternidade	Cooperação	Solidariedade	Diversão
11	Reparação	Amparo	Humildade	Generosidade	Temperança	Igualdade	Cidadania	Carreira
12	Reconhecimento	Amparo	Respeito	Felicidade	Fraternidade	Cooperação	Solidariedade	Qualificação
13	Reparação	Amparo	Integridade	Poder	Igualdade	Legitimidade	Cidadania	Carreira
14	Deferência	Amparo	Integridade	Poder	Fraternidade	Reintegração	Solidariedade	Diversão
15	Reconhecimento	Amparo	Integridade	Poder	Fraternidade	Impotência	Participação	Popularidade
16	Reconhecimento	Amparo	Integridade	Poder	Responsabilidade	Responsabilidade	Participação	Trabalho
17	Reparação	Exemplo	Integridade	Liberdade	Igualdade	Cooperação	Comprometimento	Qualificação
18	Reconhecimento	Amparo	Integridade	Generosidade	Igualdade	Legitimidade	Comprometimento	Trabalho
19	Deferência	Confiança	Integridade	Dedicação	Fraternidade	Legitimidade	Resignação	Trabalho

Fonte: Autoria própria.

O quadro acima retrata a complexidade e a peculiaridade do raciocínio moral de cada participante, que se potencializa à medida que são incluídas novas questões, novas temáticas...

Ainda que, a princípio, possa parecer que haja relativa sobreposição da frequência de alguns dos valores adotados, salientamos que, grosso modo, as respostas foram agrupadas por similaridades com a finalidade de simplificar, de algum modo, os seus respectivos desencadeamentos; fôssemos usar efetivamente o rigor dos matizes de cada possibilidade, não nos teria sido possível sistematizar os resultados que pretendam se aproximar dos objetivos inicialmente declarados.

Há que se considerar ainda que, à medida que os parâmetros vão se conjugando, emergem as sutilezas próprias à lógica requintada do raciocínio moral de cada singularidade.

3.5.3 Terceira fase

Uma terceira e última fase de nossa análise pretende apontar *questões* que se nos pareceram *intrigantes* ao desvelar, gradativamente, as peculiaridades do raciocínio moral de cada um de nossos participantes; foram revelando-se por intermédio de sutilezas a partir de distintas interpretações ou significações aos mesmos parâmetros.

Os tópicos relacionados a seguir apontam alguns dos questionamentos que se nos foram constituindo:

1) Por que a subcategoria ***1.A.i***, constituindo conjugações idênticas, foi a de maior incidência entre os jovens participantes de nossa pesquisa?

2) Por que os jovens que definiram sua admiração pautada pela ***Categoria 2***[100], ao deliberarem sobre seu ideal de mundo, apontaram, em sua grande maioria[101], para a questão da igualdade social?

3) Estaria a determinação, pautada em uma narrativa de vitimização da pessoa admirada, de algum modo associada a uma maior sensibilidade a questões relacionadas à igualdade social? Por que?

4) O reconhecimento pautado por uma espécie de gratidão impactaria de alguma forma nas demais respostas dos participantes? Seria a gratidão um possível regulador moral?

---

[100] Determinação.
[101] Quatro de sete participantes.

5) O que poderia justificar o fato de a grande maioria dos jovens que optaram pela ***Categoria 2*** (admiração pela determinação) ter adotado como pessoa objeto de seu amor a própria mãe?

6) O que faz com que alguns jovens vinculem seus valores a seus ideais e outros não?

7) Por que os jovens que definiram sua admiração pautada pela ***Categoria 3***[102], ao deliberarem sobre seu ideal de mundo, apontaram, em sua grande maioria[103], para questões referentes à pacificação?

8) O que justificaria que os únicos jovens de nossa análise que optaram pelo objetivo pessoal de lazer foram aqueles que adotaram inicialmente a admiração por uma missão? Que impacto tem esta perspectiva sobre seus ideais? Em contrapartida, este é o único modelo no qual nenhum jovem optou pela fama no que se refere ao seu sonho pessoal. Este resultado pode ser considerado significativo no escopo dos objetivos traçados para o presente trabalho?

9) Que impacto tem sobre o raciocínio moral a adoção do parâmetro IV[104]?

10) Referências pautadas pela afetividade organizam de algum modo as demais respostas dos participantes?

Como anteriormente destacado, estas e outras possíveis reflexões apontam para questões futuras que possam vir a sustentar hipóteses a outras pesquisas; algumas delas terão um prenúncio de seus principais indícios anunciadas em nossas considerações finais, apontando temáticas para futuras investigações; outras tantas, possivelmente, sequer foram por nós identificadas e poderão desafiar outros caminhos possíveis.

---

[102] Missão.
[103] Três de quatro participantes.
[104] Projeção sobre si mesmo, ou "triunfo do *self*".

considerações finais

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ninguém faz o mal voluntariamente:
escolhemos o bem menor
apenas como resultado de nossa ignorância[105].

Sócrates[106]

Ao longo das temáticas apresentadas no decorrer do presente trabalho, uma quase unanimidade se nos pareceu permear as reflexões trazidas à tona para tratar da discussão inicialmente proposta em relação às ***contribuições da afetividade sobre a constituição de valores éticos***: a evidência de que caminhos muitos há por percorrer...

Concepções, terminologias, conceitos e definições as mais variadas – apropriadas em maior ou menor grau à temática à qual nos propusemos – parecem querer indicar as infinitas possibilidades, perspectivas ou abordagens a se aproximar da complexidade do fenômeno de constituição dos valores éticos subjetivos. Alinhavar algumas possíveis convergências foi um esforço contínuo; no entanto, não há, a rigor, a unanimidade da ciência. O conhecimento é um contínuo convite à afirmação da sua mais absoluta incompletude...

A busca pela excelência do humano parece ser uma questão atávica à nossa espécie e compreender sua constituição tem sido objeto de um sem número de reflexões, estratégias e teorias. Ao que tudo indica, as teorias ocidentais contemporâneas que se proponham a versar sobre a temática da Ética têm maior ou menor influência nas vertentes da excelência do humano ou, conforme defende Comte-Sponville (2007), das virtudes humanas parecendo estar profundamente imbricadas a uma influência central de inspiração aristotélica (NUCCI, 2013). Permeiam tais reflexões uma questão ética ancestral apresentada por vários autores: "*Que vida eu quero viver*?" (LA TAILLE, 2014).

Inspiradas por pressupostos da psicologia moral, buscamos construir, ao longo de nossas ponderações, um cenário sobre o qual a constituição de valores éticos fosse a trama central. Compuseram nossas considerações alguns dos reflexos de convergências entre a psicologia positiva, a psicologia moral e a psicologia do desenvolvimento, da qual com efeito, a imediatamente anterior é descendente: salientamos a importância de promover aspectos saudáveis e positivos à constituição psíquica das individualidades. Apontávamos complementaridades e interseções entre moral, moralidade e ética atentando às suas

[105] Tradução nossa.
[106] Apud Nucci (2013, p. 112).

contribuições na instituição das subjetividades éticas. O *self* foi objeto de uma prolongada explanação indicando suas principais matrizes teóricas para além de ser alçado à condição de núcleo da construção do *Eu* e do *si*. Este binômio demonstrou sua centralidade na constituição das singularidades em sua interação com as sugestões do *mundo*. Afetos e afetividades asseveraram ser a amálgama das motivações humanas valorativas mais genuínas. Os sentimentos se apresentaram como centrais à legitimação do outro na trama a partir da qual se constitui uma subjetividade.

Todo este enredo permitiu reconhecer a relevância dos espaços de socialização das futuras gerações em sua integração com o mundo que está posto, vislumbrando o mundo que desejamos alcançar. Apresentam-se como lugares privilegiados de suas interações significativas duas instituições, de modo que são centrais a esta construção: a família e a escola. Das interações que nelas se estabelecem, constituem-se basicamente os valores que permeiam a leitura de mundo de nossas crianças e adolescentes. A família como instância de socialização primária é um espaço privilegiado de integração em um microcosmos de relações significativas no qual prevalece a cultura do encontro. A escola, dentro deste contexto, é um dos territórios mais autênticos e legítimos de formação das futuras gerações: na interação dos mais experientes com os menos experientes transmite-se a cultura, as tradições e a herança humana de saberes e conhecimento acumulados ao longo dos séculos.

A educação, formal e informal, é constituída primordialmente, portanto, por estes territórios genuinamente humanos de compartilhamento de experiências que têm como celeiro a interação entre as gerações, buscando o que há de mais humano em nós, desde a nossa herança cultural até o compartilhamento de nossos valores mais genuínos, que demostram nosso percurso histórico-cultural de construção de nossa humana-humanidade.

A partir das inflexões aqui sumariamente apresentadas, buscamos examinar possibilidades de respostas para o objetivo fundamental definido para o presente trabalho: ***que influências são centrais às referências adotadas por adolescentes para a construção de seus valores morais?***

Os dados obtidos revelam que os papéis maternos e (ou) paternos, ainda que exercidos por pessoas distintas de sua linhagem genética direta, tais como avós, avôs, tios e padrasto, assumem relevância central na construção de valores ético-morais de nossos participantes. Influenciados eventualmente pelo contexto familiar como espaço idealmente privilegiado da interação afetiva e da comunhão de valores, declararam admiração e amor a pessoas de seu convívio direto nas quais identificam atributos dignos e louváveis que mereçam seu respeito e sua consideração; demonstram em suas afirmações que o sentimento de confiança dedicado

àqueles é constituinte de sua *carta* de princípios e valores ético-morais. Corrobora esta evidência o trabalho publicado por Imanishi, Passarelli e La Taille (2011) a partir de dois estudos realizados em 2008: (a) E1 com 520 alunos em duas escolas particulares e outras duas escolas públicas; e (b) E2 com 36 alunos, divididos em 6 grupos, dos quais 3 em escola privada e 3 em escola pública; todos eles com idade equivalente à de nossos participantes. Os estudos visavam identificar o modo como os participantes avaliam os critérios morais dos adultos na atualidade. Seus resultados demonstraram que "apenas os adultos da esfera privada, investidos afetivamente, são avaliados de forma positiva" (p. 760); os demais não foram reconhecidos como merecedores de sua confiança. Inferimos, portanto, que a partir da pesquisa por nós realizada, ratificada por outras duas aqui elencadas, é possível afirmar que são influências centrais aos valores morais dos adolescentes os familiares diretos com os quais estabelecem uma relação de confiança constituída afetivamente.

Como questões complementares estabelecemos, a princípio, algumas reflexões adicionais à temática central: (a) que características pessoais de outros significativos assumem a potência de constituir referências morais para os valores apontados pelos jovens? (b) haveria sentimentos que pudessem estar na raiz dos valores adotados pelos jovens participantes? (c) quem são as pessoas que evocam os sentimentos positivos dos jovens? Há quem evoque seus sentimentos negativos? (d) há adultos reconhecidamente morais que possam referendar um eixo de valores éticos durante a adolescência? (e) os preceitos éticos eventualmente identificados relacionam-se a seu ideal de mundo? (f) é possível identificar o impacto das referências morais sobre seu projeto de futuro? (g) é possível afirmar que a adoção de princípios éticos seja pautada em referências identificadas em terceiros?

À primeira questão relacionada no parágrafo anterior (a), podemos responder afirmando que superação, determinação, perseverança, cuidado, exemplo e segurança são características pessoais identificadas em familiares diretos que assumem potencialmente um valor de referência moral para os participantes, uma vez que tais atributos foram significados afetivamente como resultado de uma relação de confiança e grande apreço para com aqueles que lhes garantem condições de uma vida digna financeira e emocionalmente. Quanto à questão que se refere aos sentimentos que estariam na raiz dos valores adotados pelos participantes (b), é possível afirmar que há uma ampla gama de variações e nuances de sentimentos que traduzem centralmente a integridade, o respeito, a responsabilidade e o compromisso, ou comprometimento para com os demais, de tal forma que princípios exclusivamente autocentrados parecem não ter grande aderência entre nossos participantes. Quando perguntávamos a respeito das pessoas que evocavam seus sentimentos positivos, (c)

tínhamos por hipótese que fossem tanto pessoas próximas quanto pessoas eventualmente mais afastadas, cuja promoção midiática impactasse sobre a opinião dos participantes; apenas a primeira fração efetivamente se confirmou: sentimentos positivos foram dedicados, em especial, às pessoas de suas relações mais imediatas e com as quais convivem diretamente; no entanto, sentimentos negativos foram aplicados fartamente a pessoas distantes com as quais não se relacionam diretamente; neste caso, a mídia demonstrou seu alcance. Esta foi outra questão que apontou a relevância do *affecto* na constituição das referências morais de nossos participantes. Uma quarta indagação se nos colocava: (d) haveria adultos reconhecidamente morais que pudessem referendar um eixo de valores éticos durante a adolescência? Mais uma vez, também em relação a esta proposição, acabaram por se remeter aos familiares diretos. Sim; são eles novamente que demonstraram este potencial frente a nossos participantes! São reconhecidamente dignos de seu amor e de sua admiração pelas atitudes e condutas meritórias que neles reconhecem. Na sequência, propusemo-nos a avaliar até que ponto (e) os preceitos éticos eventualmente identificados relacionar-se-iam a um ideal de mundo. Esta enunciação trouxe desafios maiores à sua apuração; uma primeira aproximação demonstrara a predominância da desvinculação entre preceitos éticos e ideal de mundo. Alterações na maneira de analisar as possíveis interfaces permitiram-nos reconhecer uma vinculação sutil naqueles jovens que mais enfaticamente se mostravam indignados com a injustiça social; para estes, em um mundo ideal, há que se garantir o direito inalienável a todas e todos de acesso aos bens e serviços públicos, bem como às oportunidades de inserção social em todas as suas instâncias. Perguntávamos, outrossim, se seria (f) possível identificar o impacto das referências morais sobre seu projeto de futuro? Para a nossa surpresa, não encontramos evidências suficientes de uma relação direta entre as referências morais e os projetos de futuro dos jovens, antes, porém, com sua própria condição socioeconômica. Em sua grande maioria, estes adolescentes, tal como já demonstraram várias investigações e estudos com brasileiros de perfil equivalente, anseiam por conquistar novos horizontes por intermédio do trabalho, quer seja pelo viés de uma carreira específica, quer seja por intermédio de um emprego estável; uma outra parcela dos participantes declarou almejar a formação em nível superior. Por último, indagávamos se (g) seria possível afirmar que a adoção de princípios éticos seja pautada em referências identificadas em terceiros. Uma vez mais nossa resposta é positiva e pautada naqueles com quem nossos participantes estabelecem relações *affectivas* diretas de confiança: são eles, os entes de seu núcleo familiar mais imediato.

Uma vez percorridos teórica e empiricamente pressupostos que visavam atender a nossos questionamentos iniciais, novas inquietações foram se constituindo: as eventuais

respostas às nossas formulações revelavam outras tantas perguntas intrigantes... Conforme anunciávamos, ao demonstrar os resultados obtidos em nossa pesquisa de campo, algumas dúvidas emergiram a partir da lógica própria adotada pelos participantes às perguntas propostas: (1) por que a subcategoria ***1.A.i***, constituindo conjugações idênticas, foi a de maior incidência entre os jovens participantes de nossa pesquisa? Os participantes 5, 15, 16 e 18 que conjugaram esta mesma sequência optando por atributos e, consequentemente, parâmetros equivalentes demonstraram serem centrais a seus valores sentimentos pautados por uma relação afetiva de compromisso do adulto em relação ao adolescente, implicando em dedicação e cuidado. (2) Por que os jovens que definiram sua admiração pautada pela ***Categoria 2*** (determinação), ao deliberarem sobre seu ideal de mundo, apontaram, em sua grande maioria (quatro de sete participantes), para a questão da igualdade social? As histórias de vida retratadas em suas narrativas sustentaram a admiração pela determinação a partir de trajetórias de vida perpassadas por muitos desafios, lutas, obstáculos e determinação; o percurso do referendado parece ser central à leitura de mundo dos jovens que por este atributo optaram. Neste sentido, significam a determinação com uma espécie de dívida a exigir reparação. A igualdade social para eles é, portanto, a maneira coletiva de garantir uma condição de vida minimamente digna àqueles que tamanho esforço empreenderam. (3) Estaria a determinação, pautada em uma narrativa de vitimização da pessoa admirada, de algum modo associada a uma maior sensibilidade a questões relacionadas à igualdade social? Por que? Resposta afirmativa. Os jovens que adotaram a determinação como atributo das pessoas admiradas justificaram suas respostas na coragem com que foram enfrentadas as limitações próprias às pessoas expostas à escassez de recursos e de apoio, financeiro e afetivo, quer fossem na instância do público, quer no do privado. Em uma relação direta com as condições adversas identificadas, o ideal de mundo pareceu a estes jovens ser aquele que garantisse a igualdade social, suprindo as demandas mais que legítimas desta parcela da população. (4) O reconhecimento pautado por uma espécie de gratidão impactaria de alguma forma as demais respostas dos participantes? Seria a gratidão um possível regulador moral? Parcialmente. A gratidão manifestou-se como possível regulador moral única e exclusivamente quando foi conjugada ao exemplo nas referências associadas ao amor; esta composição foi encontrada em dois de nossos participantes que, coincidentemente, manifestaram o mesmo sonho pessoal pautado pela formação em nível superior. (5) O que poderia justificar o fato de que a grande maioria dos jovens que optaram pela ***Categoria 2***, admiração pela determinação, ter adotado como pessoa objeto de seu amor a própria mãe? Ao que tudo indica, entre o público premiado por nossa pesquisa de campo, há uma alta incidência do abandono de uma das partes na

criação dos filhos, o que acaba por imputar àquela que os assume uma responsabilidade ainda maior em prover todas as suas necessidades; esta dupla função é reconhecida e extremamente valorizada pelos jovens, o que fez com que dedicassem o foco de sua admiração e de seu amor às próprias mães. (6) O que faz com que alguns jovens vinculem seus valores a seus ideais e, outros, não? Não nos foi possível encontrar uma associação direta entre valores e ideais dos adolescentes participantes, com exceção daqueles já identificados por questão anterior, a de número 3, quais sejam, os jovens que optaram pela determinação/reparação como esteio de sua admiração e que definiram a igualdade social como ideal de mundo; com relação aos demais, apenas manifestações incipientes desta associação; não chegam, no entanto, a se constituir como evidências. (7) Por que os jovens que definiram sua admiração pautada pela ***Categoria 3*** (missão), ao deliberarem sobre seu ideal de mundo, apontaram, em sua grande maioria (três de quatro participantes), para questões referentes à pacificação? A hipótese mais provável é que, ao dedicar sua admiração a alguém ou a uma entidade que pareça estar acima das instâncias do *bem* e do *mal*, a *Paz* venha a ser uma consequência ao alcance de tal condição; ambos os participantes cujas afirmações resultaram nesta conjugação manifestaram uma forte filiação religiosa. (8) O que justificaria que os únicos jovens de nossa análise que optaram pelo objetivo pessoal de lazer foram aqueles que adotaram inicialmente a admiração por uma missão? Que impacto tem esta perspectiva sobre seus ideais? Em contrapartida, este é o único modelo no qual nenhum jovem optou pela fama em seu sonho pessoal. Este resultado pode ser considerado significativo no escopo dos objetivos traçados para o presente trabalho? Não! Estes resultados não são significativos para os objetivos definidos para a presente pesquisa. Ao que tudo indica, a missão como foco de admiração implica em uma exigência acima do alcance aos *mortais*, apontando indícios de que o raciocínio tenha indicado que a melhor opção a seu alcance seja lazer. Evidentemente não há participantes em número tal para que esta seja uma afirmação plausível, no entanto, poderá indicar algumas tendências das subjetividades expostas excessivamente a conteúdos confessionais que possam merecer investigações complementares. De forma equivalente, a nós nos pareceu haver uma condenação implícita ao desejo de uma *vida de facilidades* representada pelas personagens midiáticas. (9) Que impacto tem sobre o raciocínio moral a adoção do parâmetro IV (triunfo do si)? Esta, a nosso ver, é a evidência mais representativa de nossa incursão aos valores ético-morais dos jovens participantes de nosso estudo exploratório. Duas foram as adolescentes que responderam que não haveria ninguém que gostariam de ser por qualquer que fosse o período; declararam enfaticamente que são felizes como são. Cinco são as respostas coincidentes, dentre oito questões apresentadas, destas duas

participantes; todas elas pautadas por princípios éticos inquestionáveis, tais como respeito, solidariedade, fraternidade e cooperação. A partir dos estudos empreendidos durante a elaboração do presente trabalho, podemos afirmar que essas subjetividades percebem a si mesmas como merecedoras do valor intrínseco à excelência do humano e, portanto, reconhecem o triunfo de seu si; são exemplos empíricos de nossas proposições teóricas. (10) Referências pautadas pela afetividade organizam, de algum modo, as demais respostas dos participantes? Certamente sim. Como viemos defendendo, a afetividade é a grande amálgama dos valores ético-morais assumidos como louváveis pelas individualidades; fato este amplamente evidenciado pela conjugação de respostas obtidas durante análise dos formulários de cada um de nossos participantes.

Para além das indagações que nos fazíamos ao início da presente *caminhada*, das quais nos propusemos a aproximar, por intermédio de nossas escolhas e recortes teórico-empíricos, algumas evidências se nos pareceram centrais à mesma interseção de nossa pesquisa: a perspectiva adotada para as experiências passadas, referendadas em pessoas significativas às quais se referiram, é influência relevante sobre a construção dos preceitos éticos dos adolescentes; constitui-se um valor *affectivo* que integra muitas das suas reflexões. Relatos pessimistas, *vitimizados*, tangem os limites da ética dos mínimos, do princípio da justiça. A individualidade que se percebe *injustiçada* nas mais diferentes passagens de sua história apresenta maior dificuldade na construção de seus princípios éticos, uma vez que não se percebe suprida pelas prerrogativas minimamente justas de sua subsistência; em sua percepção, os mínimos defendidos por Cortina (2009) foram negados pelas coletividades nas quais interagem. Por outro lado, a singularidade que adota uma visão positiva das experiências passadas tange à ética dos máximos, percebendo-se, assim, como alguém que tenha alcançado o ápice de algumas de suas possibilidades, aproximando-se, deste modo, de um ideal de felicidade. Destarte, se, por um lado, parece não haver justiça para com a história de uma pessoa e esta projeta sentimentos negativos sobre sua própria trajetória sem terem sido evidenciadas condições mínimas para a sua dignidade, o limiar dos princípios éticos se constrói sobre preceitos incipientes; por outro lado, a pessoa que projeta sentimentos positivos sobre suas próprias experiências parece estar mais apta a adotar princípios éticos na regência de suas decisões, bem como uma maior proatividade em suas iniciativas.

De outra parte, a educação em valores sem falsos moralismos[107] lamentavelmente ainda está muito mais distante do cotidiano escolar de nossas instituições educativas do que

[107] Preocupação esta que apontávamos ao início de nossa discussão teórica.

possamos imaginar. Não nos isentamos em reconhecer que, de modo geral, a educação em nosso país tem inúmeros déficits históricos cuja premência se faz necessária como um projeto de nação; não nos é possível negar, no entanto, que este projeto de escola em vigor tem sido o mesmo desde sempre e que merece, portanto, uma reinvenção. Há muito o que se fazer, especialmente se considerarmos nossa esperança em que as futuras gerações estejam melhor preparadas para lidar com as mazelas humanas com as quais nos defrontamos em nosso dia-a-dia. Acontecimentos de toda ordem, abusos de toda a espécie as evidenciam; parecem ser o contraponto do mundo que almejamos.

Algumas demandas se nos pareceram emergenciais, especialmente naquilo que tange aos jovens expostos a condições de vida as mais adversas; excluídos das oportunidades que lhes possam garantir um porvir mais venturoso, anseiam por um mundo mais justo... Este é um projeto de mundo em que todos os humanos estão envolvidos.

Miremo-nos no exemplo das subjetividades que afirmaram o êxito do próprio si! O que lhes foi garantido que aos anteriores não o foi?

Considerando-se que todos os adolescentes participantes de nosso estudo exploratório sejam oriundos de um mesmo extrato social e, portanto, sujeitos às mesmas macrocondições coletivas, o que poderia justificar uma leitura de mundo tão distinta?

Ratificamos que os dados obtidos para esta pesquisa não constituem uma amostra significativa e que, portanto, não se afirmam aqui incondicionalmente os seus resultados. São, a bem da verdade, um convite a outros estudos que se interessem em compreender o mesmo fenômeno.

referências bibliográficas

REFERÊNCIAS*

ARANTES, V. A. Afetividade e Cognição: Rompendo a dicotomia na educação. In: OLIVEIRA, M. K.; REGO, T. (Org.). **Psicologia, Educação e as temáticas da vida contemporânea**. São Paulo: Moderna, 2002. p. 159 -174.

ARANTES, V. A. Afetividade, cognição e moralidade na perspectiva dos modelos organizadores de pensamento. In: ARANTES, Valéria Amorim (Org.). **Afetividade na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 2003. p. 109 -128.

ARANTES, V. A. Cognição, afetividade e moralidade. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo: FEUSP, v. 26, n. 2, jul./dez., p. 137-153, 2000a.

ARANTES, V. A. **Estados de ânimo e os modelos organizadores de pensamento**: um estudo exploratório sobre a resolução de conflitos morais. Tese (Doutorado em Psicologia) – Facultat de Psicologia, Universitat de Barcelona, Barcelona, 2000b.

ARAÚJO, U. F. A dimensão afetiva da psique humana e a educação em valores. In: ARANTES, Valeria Amorim (Org.). **Afetividade na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus Editorial, 2003. p. 153-169.

ARAÚJO, U. F. Moralidade e indisciplina: uma leitura possível a partir do referencial piagetiano. In: GROPPA AQUINO, Julio (Org.). **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus Editorial, 1996. p. 103-115.

ARAÚJO, U. F. **O sentimento de vergonha como regulador moral**. 1998. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998.

ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro.** São Paulo: Perspectiva, 1972.

BANDURA, A. A evolução da teoria social cognitiva. In A. BANDURA; AZZI, R.; POLYDORO, S. A. J. (Eds.). **Teoria social cognitiva**: Conceitos básicos. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 15-41.

BANDURA, A. **Self-efficacy in changing societies**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1995.

BANDURA, A. **Self-efficacy**: The exercise of control. New York: W. H. Freeman, 1997.

BENHABIB, S. The debate over women and moral theory revisited. In: BENHABIB. **Situating the self.** Cambridge: Polity Press, 1992. p. 148-171.

* De acordo com a ABNT NBR 6023 2002.

BLASI, A. **Moral Functioning**: Moral Understanding and Personality. In: LAPSLEY, D. K.; NARVAEZ D. **Moral development, self and identity**. 4. ed. New York: Psychology Press, 2013. p. 335-347.

BLASI, A. The development of identity: some implications for moral functioning. In: NOAM, G.; WREN, T. (Orgs.). **The moral self**. Cambridge: The MIT Press, 1993. p. 99-122.

BLASI, A.; MILTON, K. The development of the sense of self in adolescence. **Journal of Personality**, n. 59: 217-241, 1991.

BRAZÃO, J. C. C. **O vínculo pelo primado da relação como uma experiência do compartilhar**: uma perspectiva transdisciplinar. 2012. 245 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Rio de Janeiro, 2012.

BRITTO, V. M. V. de; LOMONACO, J. F. B. Expectativa do professor: implicações psicológicas e sociais. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 3, n. 2, p. 59-79, 1983. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931983000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 jan. 2017. http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98931983000100005.

BRONFENBRENNER, U.; EVANS, G. Developmental science in the 21st century: Emerging questions, theoretical models, research designs and empirical findings. **Social Development**, n. 9, p. 115-125, 2000.

BRONFENBRENNER, U.; MORRIS, P. A. The ecology of developmental processes. In: DAMON, W.; LERNER, R. M. (Orgs.). **Handbook of child psychology**. v. 1: Theoretical models of human development. New York: John Wiley, 1998. p. 993-1028.

CAMPBELL, R. L.; CHRISTOPHER, J. C. Moral development theory: a critique of its Kantian presuppositions. **Development Review**, v. 16, n. 1, p. 1-47, 1996.

CEV FGV. Centro de Excelência em Varejo. Fundação Getulio Vargas. FGV EAESP. [2013]. Disponível em: <https://cev.fgv.br/sites/cev.fgv.br/files/Programa%20Baixa%20Renda%20-%20DEFINI%C3%87%C3%83O%20DE%20BAIXA%20RENDA%20-%20FINALx.pdf>. Acesso em: 07 jan. 2017.

COLBY, A.; DAMON, W. Education and Moral Commitment. **Journal of Moral Education**, v. 25, n. 1, p. 31-37, jul. 1996.

COMTE-SPONVILLE, A. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CORTINA, A. **Ética mínima.** São Paulo: Martins Fontes, 2009.

DAMON, W. **The moral child: nurturing children's natural moral growth**. New York: The Free Press, 1988.

DAMON, W. **Greater expectations**. San Francisco: The Free Press, 1995.

DAMON, W.; HART, D. **Self-understanding in childhood and adolescence**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

DELEUZE, G. **O abecedário de Gilles Deleuze.** Série: documentários mediados por Claire Parnet e dirigidos por Pierre-André Boutang; sistematizada por stoa.usp.br. 1988/1989. Disponível em: <http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2016.

DESSEN, M. A.; COSTA JR., A. L. **A Ciência do Desenvolvimento Humano**: tendências atuais e perspectivas futuras. Porto Alegre: Artmed, 2005.

DIAS, A. C. F. **Estudo psicológico sobre o lugar das virtudes aos 7 anos de idade**: as crianças da 1a série discutem coragem e generosidades. 2002. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

DIAS, A. C. F. **Territórios da personalidade ética**: ações morais, valores e virtudes na escola. 2013. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

DORIN, E. (Org.) **Dicionário de Psicologia**. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. Notas sobre A banda, **Correio da Manhã**, 14, out. 1966. Disponível em: <http://www.chicobuarque.com.br/letras/notas/n_drummond.htm>. Acesso em: 10 jan. 2017.

ERIKSON, E. H. **Identity**: Youth and Crisis. New York: WW Norton&Company. 1968.

FLANAGAN, O. Ethics and Psychology. In: _____. **Varieties of Moral Personality: Ethis and Psychological Realism.** Cambridge, Massachusetts, London, England: Harvard University Press, 1993. p. 15-31.

FLANAGAN, O. Identity and Strong and Weak Evaluation. In: FLANAGAN, O.; RORTY, A. P. (Eds.). **Identity, Character, and Morality**. Cambridge, Massachusetts, London, England: The MIT Press, 1990. p. 35-65.

FREDRIKSON, B. Positive Affect and the Complex Dynamics of Human Flourishing. **American Psychologist**, v. 60, n. 7, p. 678-686, oct. 2005. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1037/0003-066X.60.7.678>. Acesso em: 22 nov. 2016.

GOLDIM, J. R. **Compaixão, simpatia e empatia**. 1999. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/bioetica/compaix.htm>. Acesso em: 28 jan. 2017.

HARKOT-DE-LA-TAILLE, E. **Ensaio semiótico sobre a vergonha.** São Paulo: Humanitas, 1999.

HARKOT-DE-LA-TAILLE, E.; DE LA TAILLE; Y. A construção ética e moral de si mesmo. In: SOUZA, M. T. C. (Org.). **Os sentidos de construção**: o si mesmo e o mundo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 69-101.

IMANISHI, H. A.; PASSARELLI, V. L. dos S.; TAILLE, Y. J. J. M. R. de L. Moral no mundo adulto: a visão dos jovens sobre os adultos de hoje. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 743-762, dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022011000400005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 03 jan. 2017. http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022011000400005.

KANT, I. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes**. Traduzido do alemão por Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, 1986.

KEYES, C. L. M.; HAIDT, J. **Flourishing**: Positive psychology and the life well lived. Washington DC: American Psychological Association, 2003.

KOHLBERG, L. The development of children‘s orientation toward a moral order. **Human Development**, v. 6, n. 1-2, p. 11-33, 1963.

KOHLBERG, Lawrence. **The psychology of moral development**: Moral stages, their nature and validity. Essays on moral development. v. 2. San Francisco: Harper & Row, 1984.

LA TAILLE, Y. A educação moral: Kant e Piaget. In: PIAGET, J.; MENIN, M. S. S.; ARAÚJO, U. F.; LA TAILLE, Y.; MACEDO, L. (Org.). **Cinco Estudos de Educação Moral**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996. p. 137-178.

LA TAILLE, Y. Desenvolvimento do juízo moral. In: **Coleção Memória da Pedagogia**: Jean Piaget. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Segmento-Dueto, 2005a. p. 76-88.

LA TAILLE, Y. Desenvolvimento humano: contribuições da psicologia moral. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 11-36, mar. 2007a.

LA TAILLE, Y. **Moral e Ética**: dimensões intelectuais e afetivas. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007b

LA TAILLE, Y. Moral e Ética: uma leitura psicológica. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 26, n. esp., p. 105-114, 2010.

LA TAILLE, Y. Para um estudo psicológico das virtudes morais. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 109-121, 2000.

LAPSLEY, D. K.; NARVAEZ, D. Moral Identity, Moral Functioning, and the Development of Moral Character In: BARTELS, D. M.; BAUMAN, C. W.; SKITKA, L. J.; MEDIN, D. L. (Eds.) **The Psychology of Learning and Motivation**, v. 50, Burlington: Academic Press, 2009. p. 237-274.

LAPSLEY, D. K; NARVAEZ, D. A social-Cognitive Approach to the Moral Personality. In: LAPSLEY, D. K; NARVAEZ, D. **Moral development, Self, and Identity**. New York and Hove: Psychology Press, 2013. p. 256-273.

LERNER, R. M. (Ed.). Handbook of Child Psychology and Developmental Science, Theory and Method. John Wiley & Sons, 2011.

LERNER, Richard M.; CASTELLINO, Domini R. Contemporary developmental theory and adolescence: Developmental systems and applied developmental science. **Journal of Adolescent Health**, v. 31, n. 6, p. 122-135, 2002.

MAGIOLINO, L. L. S.; SMOLKA, A. L. B. How do emotions signify? Social relations and psychological functions in the dramatic constitution of subjects. **Mind, Culture and Activity**, v. 20, n. 1, p. 96-112, 2013.

MENEGAT, Rualdo. Ondas de manifestações sacodem as ruas do Brasil: a sublevação das redes sociais do século XXI. **Sul 21**, Porto Alegre, 27 jun. 2013. Disponível em: <http://www.sul21.com.br/jornal/ondas-de-manifestacoes-sacodem-as-ruas-do-brasil-a-sublevacao-das-redes-sociais-do-seculo-xxi-por-rualdo-menegat/>. Acesso em: 02 jan. 2017.

NARVAEZ, D.; LAPSLEY, D. K. Moral Identity, Moral Functioning and the Development of Moral Character. In: BARTELS, D. M.; BAUMAN, C. W.; SKITKA, L. J.; MEDIN, D. L. (Eds.). **The Psychology of Learning and Motivation**. v. 50. Burlington: Academic Press, 2009. p. 237-274.

NARVAZ, M. G.; KOLLER, S. H. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 49-55, apr. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822006000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 fev. 2009. http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822006000100007.

NUCCI, L. P. **Education in the Moral Domain.** Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

NUCCI, L. Reflections on the Moral Self Construct. In: LAPSLEY, D. K.; NARVAEZ, D. (Eds.). **Moral Development, Self, and Identity.** 4. ed. New York: Psychology Press, 2013. p. 111-132.

PALUDO, S. S. As emoções no universo dos adolescentes. In: DINIZ, E.; HABIGZANG, L. F.; KOLLER, S. (Orgs.). **Trabalhando com adolescentes**: teoria e intervenção psicológica. Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 164-179.

PALUDO, S. S.; KOLLER, S. H. Psicologia Positiva: uma nova abordagem para antigas questões. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 36, p. 9-20, abr. 2007.

PEREIRA, V.; GONÇALVES, J.; RAMALHO, D.; SOUSA, L.; FONSECA, J. Conceito de Self na Filosofia, Psicologia e Neurociências: Resultados preliminares de um estudo qualitativo. **Ciclo de conferências**, 2014, ISPA-Instituto Universitário, Lisboa, Portugal. Disponível em: <https://vimeo.com/102221841>. Acesso em: 12 out. 2016.

PIAGET, J. **O juízo moral na criança**. São Paulo: Summus Editorial, 1994.

POLETTO, M.; KOLLER, S. H. Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. **Estud. psicol.**, Campinas, v. 25, n. 3, p. 405-416, set. 2008.Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2008000300009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 jan. 2015. http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2008000300009.

PUIG, J. M. **A construção da personalidade moral.** São Paulo: Ática, 1998.

RAYOU, P. Crianças e jovens, atores sociais na escola. Como os compreender?. **Revista Educação & Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 465-484, maio/ago. 2005.

ROCHA, M. L. A formação como acontecimento: solidão, pensamento e autogestão. In: MARCONDES, A.; FERNANDES, A.; ROCHA, M. (Orgs.). **Novos possíveis no encontro da Psicologia com a Educação**. São Paulo: CASAPSI Livraria e Editora Ltda., 2013. p. 37-48.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem da desigualdade**. [2001]. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2284>. Acesso em: 03 jun. 2017.

SAMPAIO, L. R. et al. Sentimentos empáticos em crianças, adolescentes e adultos. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 29, n. 4, p. 393-401, dez. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722013000400005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 dez. 2016. http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722013000400005.

SASTRE, G. V.; MORENO MARIMÓN, M. Nuevas perspectivas sobre el razonamento moral. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 123-135, 2000.

SELIGMAN, M. Positive psychology, positive prevention and positive therapy. In: SNYDER, C. R.; LOPEZ, S. J. (Eds.). **Handbook of positive psychology**. New York: Oxford University Press, 2002. p. 3-9.

SELIGMAN, M. The effectiveness of psychotherapy: the consumer reports study. **American Psychologist**, v. 50, p. 965-974, 1995.

SELIGMAN, M.; CSIKSZENTMIHALYI, M. Positive Psychology: An Introduction. **American Psychologist**, v. 55, p. 5-14, 2000;

SELIGMAN. M. **Felicidade autêntica**: usando a nova Psicologia Positiva para a realização permanente. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

SHELDON, K. M.; KING, L. Why positive psychology is necessary. **American Psychologist**, v. 56, n. 93, p. 216-217, 2001

SOUZA, L. L. de; VASCONCELOS, M. S. Juízo e ação moral: desafios teóricos em psicologia. **Psicol. Soc.**, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 343-352, dez. 2009.

SOUZA, M. G. A. **Tolerar é pouco?** Por uma Filosofia da Educação a partir do conceito da tolerância. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação do Departamento de Educação do Centro de Teologia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro. PUC-Rio, 2006.

STACH-HAERTEL, B. U. **A constituição de subjetividades legitimadoras das desigualdades de gênero**: Um estudo a partir de referenciais da psicologia e Educação. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Não publicado.

STACH-HAERTEL, B. U. **A construção de referências morais em contextos de vulnerabilidade social**. 2013. Não publicado.

STACH-HAERTEL, B. U. **Questões de gênero na resolução de conflitos interpessoais: um estudo com adolescentes**. 2006. Monografia (Conclusão de Curso) – Licenciatura em Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Não publicado.

STERN, D. **The Interpersonal World of the Infant.** A view from Psychoanalysis and Developmental Psychology. USA: Basic Books, New York, 1985

STERN, D. **The Motherhood Constellation.** A Unified View of Parent-Infant Psychotherapy. USA: Basic Books, New York, 1992.

TAYLOR, C. **As fontes do self**: a construção da identidade moderna. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2013.

TOGNETTA, L. R. P.; LA TAILLE, Y. de. A formação de personalidades éticas: representações de si e moral. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 24, n. 2, p. 181-188, jun. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722008000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 jan. 2016. http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722008000200007.

TUGENDHAT, E. La indefensión de los filósofos ante el desafio moral de nuestro tiempo. **Revista Isegoria**, v. 3, p. 107-117, 1991.

TUNGENDHAT, E. The Role of Identity in the Constitution of Morality. In: NOAM, G. G.; WREN, T. E. (Ed.). **The Moral Self**: building a better paradigm. Cambridge: The MIT Press, 1993. p. 3-15.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança.** São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WREN, T. E. The Open-Textured Concepts of Morality and the Self. In: NOAM, G. & WREN, T. (Orgs.). **The moral self**: building a better paradigm. Cambridge: The MIT Press, 1993. p. 78-95.

YUNES, M. A. M. Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, n. 1, p. 80-95, 2003.

YUNES, M. A. M.; JULIANO, M. C. A Bioecologia do Desenvolvimento Humano e suas Interfaces com Educação Ambiental. **Cadernos de Educação**, Pelotas. FaE/PPGE/UFPel. v. 37, p. 347-379, set./dez. 2010.

ANEXO

Instrumento de pesquisa

Formulário aplicado:

1) Quem é a pessoa que você mais admira?
   Por que?
   Cite três características marcantes desta pessoa.

2) Quem é a pessoa que você mais ama?
   Por que?
   Cite três características marcantes desta pessoa.

3) Quem não merece o seu respeito?
   Por que?

4) Se você pudesse ser outra pessoa, quem gostaria de ser?
   Por que?

5) Como seria o mundo ideal em sua opinião?

6) Quem, em sua opinião, poderia contribuir para termos um mundo melhor?

7) E você, como poderia contribuir?

8) Qual é o seu maior sonho?